

Três vidas

André Coelho



Daniel

O Daniel era um miúdo curioso. Curioso no sentido de querer saber, de querer aprender, mas também num sentido de uma certa excentricidade. Por motivos que desconhecia, nem tinha forma de desvendar na altura, sentira-se sempre algo à margem, como se a sua curiosidade, em ambos os sentidos, fosse algo estranho para todos os restantes. A praceta era a sua casa, ou a sua casa ficava na praceta. Aquilo era só um parque de estacionamento à frente de um bloco enorme de prédios, que tinham umas arcadas e outras entradas recuadas, para onde os miúdos iam “para a rua”. E depois havia a “parte de trás”. Envolta num considerável misticismo, na época, para os miúdos, essa outra parte era apenas, no entanto, a área circundante que ainda não tinha sido urbanizada, e que estava ali na fronteira entre a civilização do “desenvolvimento urbano” e o “campo”. Aí, ainda havia canaviais, oliveiras antigas, obras inacabadas e uma espécie de casa senhorial a cair de podre. Os miúdos iam estabelecendo as suas próprias regras, e era na rua que o faziam. Os pais existiam, sim, mas andavam lá por cima, pelos apartamentos, ou nos seus trabalhos e, regra geral, não vinham à rua meter-se nos assuntos dos miúdos. Havia uma casa de madeira que o Miguel, ajudado pelo Hugo, tinham construído numa oliveira, para lá dos canaviais. Era somente umas quantas tábuas, engenhosamente colocadas sobre os ramos da árvore, umas a servir de piso e outras de cobertura, com uns barrotes pregados ao tronco a servir de escadas de acesso. Não se sabia bem como, mas cabiam lá três miúdos.

- Ouve, esta cena está espetacular!

Os três, no interior daquela construção precária, tinham de se sentar com os joelhos encostados ao peito. Mas a sensação era a de uma grande conquista.

- Eu sei. Olhem, já atiraram pedras às galinhas?

O Daniel não tinha atirado.

- Lí, ‘bora lá, então!

Com toda a energia que tinham para despender, desceram os degraus improvisados, à pressa, acrescentando mais um par de arranhões aos joelhos, que já nem sentiam. Aquilo não era propriamente um galinheiro, mas apenas um pequeno pátio à volta das casotas das galinhas. Elas andavam ali à volta, ora à frente das casotas, ora atrás, a depenicar e a encher os papos, à medida que iam encontrando os grãos de milho espalhados pelo chão. Os miúdos, escondidos atrás da moita, observavam os animais. O Miguel, mais experiente, liderava a expedição.

- Vejam só isto.

Pega numa pequena pedra e atira a uma das galinhas. Não lhe acerta logo, pelo que, rapidamente, lança mão a outra pedrinha, que atinge o bicho na cabeça. A galinha, atordoada, levanta a cabeça, ficando uns segundos a tentar perceber o que lhe tinha acontecido. Percebendo que não tinha sido bom, sai dali e corre para trás das casotas. No entanto, passados uns segundos, volta a aparecer, parando no mesmo sítio onde tinha levado com a pedra. O Miguel, diligentemente, atira-lhe com outra pedra, desta vez acertando à primeira. Os outros só arregalavam os olhos, ansiando pela sua vez. A reação da galinha foi exatamente a mesma: levanta a cabeça, percebe que não foi bom, corre para a parte de trás e, passados uns segundos, volta para a parte da frente. Os miúdos, entusiasmados, levantam-se da moita e começam a apedrejar as galinhas. Estas eram tão estúpidas que eles só riam. No entanto, a dona da barraca, que ali vivia, e que andava a engordar aquelas galinhas estúpidas, acabara de reparar neles.

- Chô! Miúdos do caralho!... Fora daqui!

A agitar a vassoura e a arrastar as pernas, inchadas das varizes, a velha enxota os miúdos dali para fora.

E eles correram, a toda a velocidade, vermelhos de riso e de esforço. Quando regressaram à parte da frente do lote, ainda vinham de boca aberta, a sorver golfadas de ar.

Em casa, a vida era diferente. O Daniel gostava de livros aos quadradinhos, e tinha muitos. Punha-se a desenhar os seus super-heróis favoritos. Era aplicado. Às vezes apenas copiava os bonecos, naquelas poses fantásticas, repletos de músculos, ou colocava os personagens em novas posições heroicas. Mas desenhava-os, e depois pintava-os; não deixava o trabalho a meio. Era raro. Os pais existiam, era certo. Iam, vinham. Mas não ficavam muito tempo. Ocupava-os o trabalho, as artes, conforme as percecionavam, e os seus próprios dramas pessoais. O Daniel e a sua irmã iam preenchendo a sua ausência como podiam. De vez em quando, iam de férias. À casa do Minho, por exemplo. Ou a Espanha, enquanto a mãe ensinava em cursos de férias, a jovens músicos. Às vezes, o Daniel olhava simplesmente pela janela, numa atitude contemplativa, introspetiva.

- Daniel, não nos queres contar como foram os últimos dias lá na escola?

O carro serpenteava por uma estrada secundária qualquer, na longa viagem em direção à casa do Minho. O Daniel, embalado pelo carro e pela paisagem, apenas olhava através do vidro. Ouviu, naturalmente, que não era surdo. Mas responder, naquele momento, não fazia qualquer sentido para ele. Estava absorvido no simples ato de estar consigo, a ver a paisagem a passar lá fora, como se a beleza fosse algo que não se deve incomodar com perguntas, muito menos sobre a escola. Portanto, não respondeu, não olhou para os pais, sentados no banco da frente, não se mexeu, nada. Era como se eles não existissem.

- Não vale a pena. Ele está completamente enfiado no seu mundo...

Tinha esses momentos contemplativos, era verdade, mas não era um miúdo fechado. Só selecionava, se bem que inconscientemente, os momentos para se abrir, ou, por outro lado, para se fechar. Os pais iam tentando compensar com brinquedos. Curiosamente, interessava-se por coisas regulares, mecânicas e organizadas, como o Lego. Montou muitos. Num dos seus aniversários, os pais decidiram que iam receber os miúdos que, de alguma forma, contactavam com o Daniel. Colegas da escola, vizinhos, primos. Para surpresa deste, apareceram muitos. Uma criançada que nunca mais acabava. A mãe movimentou-se, e movimentou a empregada, para preparar uma montanha de sanduíches, sumos, o bolo, os bombons, a mousse de chocolate. Haveria de ser uma festa memorável. A casa, recortada em nove pequenas divisões, estava apinhada de gente e de gritaria. O que não era normal. Normalmente, aquelas divisões estavam vazias e silenciosas. O Daniel, no entanto, estava numa daquelas disposições introspectivas e, depois de apagar as velas, sentou-se no quarto com a caixa do Lego entre as pernas. Sentia...ele não sabia bem o que sentia. Os pais estavam lá dentro, na sala, entretidos no beberete com os pais dos primos, com um olho nos miúdos para que estes não partissem nenhum dos bibelôs espalhados pela casa. Estes últimos andavam também por lá, pela sala, à volta da mesa das guloseimas, entretidos a comer, a rir e, provavelmente, a desarrumar o que ainda podia ser desarrumado. Não houve diálogo, não houve conversa. Era a situação: o Daniel não pedia muito, ele só queria um amigo, alguém que brincasse ali com ele, que o escolhesse especificamente, em vez da euforia dos doces e dos copos de sumo disponíveis no outro lado da casa. Não pedira aquela fanfarra toda e, apesar de ser o seu aniversário, não se sentia especial. Esperou, mas nada aconteceu. Esperou, até que os miúdos começaram a ir embora. Alguns vieram até ao quarto e disseram adeus ao Daniel, que mal conseguia levantar os olhos do Lego à sua frente. Se ele não sabia exatamente o que se estava a passar, muito menos aqueles outros miúdos. Só olhavam para ele, com um ar confuso, e viravam costas. Foi só quando se deu conta que a porta para o patamar do elevador já se abrira e fechara um par de vezes, que finalmente se levantou e veio ao corredor espreitar. A porta estava

aberta, novamente, e mais uma leva de miúdos estava de saída. Foi aí que olhou para ela. Era uma miúda da sua turma, da qual se veio a esquecer do nome. Consideravelmente mais alta do que ele, o que não era difícil, tendo em conta que ele costumava ser o mais baixo das turmas todas, vestia o casaco para sair, reparando nele também. Ficaram a olhar um para o outro um instante, que para o Daniel terá sido o suficiente para ser marcante. Ele reparou porque a miúda dirigia-lhe um olhar triste, como que a dizer-lhe, “Desculpa, Daniel, gostava de ter estado mais contigo... Mas não estive”. Claro que a miúda, apesar da sua estatura, era da mesma idade do Daniel, pelo que nenhum pensamento semelhante lhe terá passado pela cabeça. Mas, ainda assim, a emoção estava lá. Ela empatizou com ele. E, no meio da sua tristeza inconsciente, o Daniel acabou por ser impactado por isso, como algo positivo.

A vida do miúdo continuava, sem que a sua memória registasse grande parte dos eventos quotidianos que se iam sucedendo. Embora a sua estatura e relativa excentricidade suscitasse o ocasional bullying, lutar nunca lhe surgiu como opção. Do par de vezes em que tentou, o resultado foi claro: violência, e em particular a violência física, não era solução. Da primeira vez, face a um rapaz lá da rua, não muito mais velho que ele, aquilo nem chegou a ser propriamente uma luta. Havia uma contenda qualquer, talvez porque o outro, sentindo-se empoderado do alto dos seus quatorze anos, queria o espaço debaixo das arcadas para a sua futebolada com os amigos “crescidos”, comandando os “putos” para bazarem e irem jogar os seus jogos de bebés para outro lado. O Daniel, invadido pela raiva da injustiça, ter-se-á insurgido contra o rapaz, ensaiando um empurrão. O outro mal se mexeu. Apenas endureceu o olhar, juntamente com os maxilares, e espetou-lhe uma estalada seca, que terá doído mais pela mensagem que carregava, “Tá quieto, puto, que não mandas aqui”, do que propriamente pelo impacto físico. Mas, curiosamente, mais do que plantar no Daniel o medo pelo mais forte, ou o mais prepotente, ou ambos, o momento terá sido o ponto de partida para uma vida de pacifismo. Ainda assim, e não muito tempo depois, foi experimentar com o primo. Só para confirmar o que, inconscientemente, já suspeitava: havia melhores formas de resolver as coisas na vida. Ao contrário do rapaz lá da rua, o primo Tiago era mais novo um ano. Nas férias de verão, o Daniel ia para casa dos primos, na Madeira. Na generalidade, o tempo passado lá era bom, era divertido, farta-se de brincar com os primos. Mas, claro, às vezes havia conflito. Ele e o Tiago gostavam de brincar à noite, a altas horas, quando todos os restantes estavam a dormir. Assim a darem uma de rebeldes noctívagos. Numa dessas noites, estavam só a falar no quarto, o primo na cama de cima, o Daniel no gavetão. Ou o contrário. A conversa, por algum motivo, levou o de cima para a cama de baixo: neste caso, literalmente o primo de cima para cima do primo de baixo. Não havia nenhuma contenda, mas a certa altura o Daniel, sem saber o que estava a fazer, atirou o desafio ao primo.

- E se agora eu te batesse? – Sentado em cima da barriga do primo, sentia-se em superioridade.

O Tiago, apesar de mais novo, já era mais alto que o Daniel e, nesse momento, já não sorria. Mesmo sob a pouquíssima luz que a noite lá fora forçava para o interior do quarto, via-se perfeitamente o seu olhar fixo no Daniel, pronto a contra-atacar.

- Experimenta.

O Daniel não pensou, porque se tivesse pensado tinha parado aquela parvoíce, dado as boas noites ao Tiago, e deslizado calmamente para a cama de cima. Ao invés disso, ensaiou um estalo ao outro. Um golpe pouco convicto e lerdo, que mal acertou de raspão no primo. Numa fração de segundo, no entanto, este arremessa o braço direito, saído de rompante de cima do colchão, para acertar em cheio no queixo do Daniel, de punho cerrado. Apesar de não ter doído muito, o murro derrubou o Daniel da posição em que estava, e comunicou-lhe, novamente, numa linguagem muito física, algo como: “Se não tens nada para lutar, não comeces”. Em todo o caso, torna-se nítido que o Daniel não tinha jeito nenhum para lutar.

Mas tinha jeito para jogar. Curiosamente, tornou-se amigo do Hugo, que morava no primeiro andar do prédio onde viviam. Eles, basicamente, jogavam. Jogavam ao monopólio, às máquinas, ao snooker, no computador. No Sábado à tarde, fizesse chuva ou fizesse sol, punham-se a caminho do salão de jogos, mais para o centro da cidade. Aquilo era para maiores de dezasseis anos, mas ninguém controlava e, para os donos, o dinheiro lá gasto pelos miúdos com a idade regulamentar valia o mesmo que o gasto pelos restantes. Portanto, era tranquilo. Normalmente começavam pelo snooker, se houvesse mesa. Senão, iam diretos para as máquinas. Aquilo era o Street Fighter, o outro das naves, e também havia mais um, também de pancadaria. Talvez não fosse coincidência que a maior parte dos jogos tivesse alguma coisa a ver com violência e conquista, mas isso definitivamente não preocupava o Daniel, na altura, nem o seu amigo. Eram só jogos giros, e algo viciantes, mas também como nunca tinham muito dinheiro, o vício acabava depressa. Era uma rotina, com sabor a liberdade. Naqueles momentos, não havia pais, não havia escola, e a única preocupação era o fim dos trocos que traziam no bolso. Divertiam-se. No regresso, passavam às vezes na casa da prima do Hugo. A miúda tinha a idade deles, mas ao lado do Daniel parecia enorme. Este último sentia um certo desconforto em lá ir, porque a miúda só queria abraçar e espremer qualquer coisa parecida com um rapaz, e o Daniel nem sequer a achava interessante. O Hugo ia lá a mando da mãe, “Hugo, filho, não te esqueças de passar na casa da tua tia, e prima”, e aquilo era só estranho. Já a miúda lá da rua era outra loiça. O Hugo andava a sondar a irmã dela havia semanas. No léxico lá da rua, andava a “bater-lhe o couro”. Elas não seriam, certamente, filhas do mesmo pai, pois uma era loira de olhos azuis, e a outra morena de pele escura em volta de uns olhos também castanho e escuros. Mas, para o Hugo e o Daniel, eram ambas lindas. Aquilo era feito como deve ser, assim à antiga. As miúdas viviam num casebre, lá mais para o fundo da parte de trás dos prédios, uma construção que ainda não tinha sido demolida ao abrigo de um qualquer plano de urbanização. Mas que, certamente, estaria já na mira de vários grupos de investimento, interessados, quais aves de rapina, em “desenvolver” aquela área. Era um casebre, mas não era uma barraca, e as miúdas andavam alimentadas e asseadas. Vinham as duas até à porta de entrada, ao início da noite, conversar, observar e ser observadas por aqueles dois rapazes, inocentes e, de certa forma, carentes.

Nessas noites de Verão, eles punham os seus melhores pull-overs, uma pitada de perfume, e lá iam até à porta do casebre, fazer a corte às damas. O Daniel gostava de as ver, principalmente à morena, por ter a mesma idade que ele e porque, nitidamente, a irmã mais velha estava já sob a alçada do seu amigo Hugo. E, notava-se, que ela queria estar. Mas não era só por isso. A irmã mais nova, de facto, captava mais a atenção do Daniel. Era mais pequena que a irmã, em estatura, e exibia um sorriso brincalhão. Em todo o rigor, ele não sabia o que era uma rapariga. Não daquela forma. A prima da Madeira, nessa altura, era praticamente um bebé, e a outra prima, depois do acidente, tinha ficado praticamente um vegetal. As miúdas, para ele, até essa altura, eram como alienígenas: nem boas, nem más, apenas distantes e muito estranhas. Mas ele estava disposto a experimentar. Não fazia ideia do que era suposto ele fazer, ou fazer-se, assim na generalidade; em casa não tinha grandes exemplos de afetos e raramente, ou mesmo nunca, era feita alguma referência a sexo ou sexualidade. Acabou por ser a miúda a avançar primeiro. O Daniel não chegou a perceber se fora porque ela se tinha cansado de esperar, ou porque queria mostrar um sentido de iniciativa, ou ambos. Percebeu, no entanto, muito claramente, quando ela lhe puxou a cabeça na sua direção, e lhe espetou um “chocho”, todo molhado e prolongado. A língua dela deu tantas voltas dentro da sua boca, que o rapaz lá entendeu que aquilo não era uma tentativa de o sufocar, mas sim de estreitar o contacto entre línguas e salivas. Naquelas férias de Verão, viam-se quase todos os dias. Assim, tipicamente, ao fim da tarde. Até que os pais do Daniel quiseram ir de férias, umas duas semanas na Madeira. Disse à morenita que ia voltar, e que iria querer vê-la de novo. Mas aquela farta cabeleira, cheia de caracóis, e aqueles largos olhos escuros tinham outros planos. Ou talvez não tivessem sido planos, mas apenas as hormonas aos saltos e a presença do galã que vinha da rua de baixo. Quando o Daniel voltou ao “spot” na parte de trás do prédio, quinze dias depois, ela não estava. Os outros miúdos estavam com uma cara estranha.

- A mãe dela não a deixou vir hoje, mas amanhã já vem – Disse-lhe o Hugo, num tom afetado.
- Pá, Daniel, esquece-a – O Miguel, mais descontraído e desligado, desdramatizava.
- Mas o que é que tem? – O Daniel estava só confuso – O que é que aconteceu?
- Ela foi com o Paulo. Esquece-a, meu...

O Paulo era o tal galã que morava nos prédios da rua de baixo. O Daniel mal sabia quem era; apenas sabia que era um bocado convencido, e vestia roupas de marca. E que dava uma de “conquistador”, entre as damas. Talvez por isso, ou porque quem lhe interessava realmente era a rapariga, não lhe guardou raiva, ou rancor. Apenas queria voltar a vê-la. No dia seguinte ela estava lá, pouco à vontade e inquieta.

- Daniel...senti-me tão sozinha. Desculpa – Lia-se, de facto, a desculpa no seu olhar.

Pairava no ar aquele catálogo de “corno”, mas o miúdo não conseguia sentir raiva dela. Apenas alguma tristeza, e uma noção crescente de que nunca mais a veria.

- Não sei quanto tempo mais vou estar aqui – Ele tentava mostrar o distanciamento que lhe impunham os pares, mas soava pouco natural. A voz saiu-lhe nervosa, por dentro da pose aparentemente relaxada – Os meus pais disseram-me que vamos mudar para Lisboa. Portanto olha, parece que acabámos.

A miúda olhou para ele, confusa, mas não o contrariou, pois sentia-se culpada. E também não sabia o que pensar daquela notícia. Lisboa, para ela, era quase noutro planeta, embora fosse só do outro lado do rio Tejo. Apesar do discurso em tom definitivo, ainda a viu novamente, antes de emigrar para Lisboa. Os miúdos estavam todos lá em baixo, na parte de trás do prédio, só na parvoíce.

- Pá, pff... - O Hugo expirava o fumo, num hábito de vários meses, que já nem se esforçava muito por ocultar dos pais – Já nem sequer ando com dinheiro pa tabaco. Se calhar, tenho é de começar a bulir, p’alimentar o vício...

Os outros riram-se.

- Tu, a bulir? Só se for a limpar mesas de snooker.

- Ai o caralho...

E atira-se ao outro, a rir, com o cigarro preso no canto da boca. Enquanto o Hugo e o Miguel se entretinham a mostrar aos restantes, bem claramente, que os verdadeiros héteros eram aqueles que não tinham problemas nenhuns em tocar em outros rapazes, a morena e a sua loiríssima irmã riam também, da estupidez, quase sempre engraçada, do comportamento dos rapazes. O Daniel e a morena trocavam olhares. Esta última, sorridente, corria em seu redor, a picá-lo para que se juntasse à brincadeira geral. Ele observava aquele interesse, e queria deixar-se ir, até porque sentia aquilo como um chamamento à reconciliação, mas a consciência já não lho permitia: ele ia-se embora e aquilo ia deixar de fazer sentido. Para o bem ou para o mal, o Daniel cresceu mais um pouco esse dia. E, de facto, nunca mais a viu.

Os três anos seguintes seriam um borrão indistinto, aparte de alguns momentos particulares. Fez novos amigos, à medida que o Hugo se ia desvanecendo, no tempo e no espaço, muito embora ainda o visse, de vez em quando, ao fim de semana. Também sentira que crescera, e aquela rotina com o Hugo ia apelando cada vez menos. Não significava isso, no entanto, que a sua nova vida fosse muito mais estimulante, ou vibrante. Simplesmente, mudara para outra realidade, nunca o abandonando a vaga

sensação de que estava sozinho, não importando onde ou com quem estivesse. Refugiava-se na leitura, nos jogos de computador, às vezes até no estudo. Quando um desses novos amigos lhe apresentou a guitarra, passou a refugiar-se também na música. Era um miúdo criativo. E ia arranjando formas criativas de se refugiar. O lado feminino das coisas, nesse período, voltara a ser distante e desfocado. O corpo do Daniel crescia, e as hormonas pediam, mas ele continuava a sentir-se diferente e, se calhar, as miúdas pressentiam isso, afastando-se. É curioso como o ser humano precisa, ao mesmo tempo, de manifestar a sua diferença, por ser, efetivamente, único, e de se igualar aos restantes, para pertencer ao grupo. Um equilíbrio nem sempre fácil de gerir. Ainda assim, nesse período, terá havido um ou outro contacto. Mas a imaturidade do Daniel não lhe permitia ainda ser completamente honesto relativamente aos seus sentimentos. E isso, definitivamente, não passava despercebido às raparigas. Os pais dele, por outro lado, começavam a requisitá-lo. Como a irmã mal parava em casa, com os namorados e as festas e sabia-se lá o que mais, recaía a atenção sobre ele naqueles finais de sexta-feira, ou sábados à noite.

- Isto como é que anda de cinema? Há alguma coisa de jeito por aí? – A mãe pergunta, num tom de passagem, mas alto o suficiente para os restantes ouvirem, ao sair da casa-de-banho, depois do jantar.

- Vou já ver no cartaz – Não havia muita coisa que remexesse tanto o ócio do pai, como o cinema. Era raríssimo esquivar-se às produções da sétima arte – Há a reposição do Goddard no Nimas...mas...olha, estreou o filme do Scott: Thelma e Louise – Levanta os olhos do jornal – Como é, Dani? Interessa-te uma Scottada?

O pai, às vezes, tinha uma certa graça, admitia. Gostava realmente de cinema, e gostava de ver que o filho também gostava. O miúdo devolve-lhe um sorriso discreto, mas cúmplice. O filme não era para a sua idade, mas ninguém fazia perguntas e Scott era obrigatório para qualquer aspirante a cinéfilo. Agora que o miúdo começava a mostrar algum interesse em alguns dos mesmos interesses dos pais, a relação mais vazia do passado enchia-se de algum fôlego. Mas o Daniel nunca abria o jogo com eles completamente. As suas partes mais íntimas partilhava-as com a guitarra e com o papel, expressões suas que não interessavam aos pais.

Quando deu por si, já tinha entrado na faculdade. Aí, as coisas mudaram de novo. Pessoas novas, sítios novos, professores novos, mesmo que alguns já fossem velhos, situações novas. Aquelas cenas de praxes, trajes académicos, jogos (pouco) subtis de dominador-dominado nada lhe diziam; sentia-se um outsider, e continuaria a sê-lo. Por via de alguma sincronicidade cósmica, ou só por puro acaso, foi aí que conheceu o Elder e, com ele, uma série de outros marginais. Para estes, ir na carneirada seria tudo muito bem desde que desse uma boa cena teatral: unia-os a racionalidade da engenharia e a irracionalidade do teatro. A vida, de facto, parecia-lhe diferente. Assim uma mistura única de ordem e caos, de sanidade e loucura, de rigor intelectual e ambivalente emotividade. E o Daniel deixava-se elevar. Pelo Elder, pelo grupo de teatro, por um lado artístico seu que começava a descobrir. Foi nesse recomeço que conheceu a Catarina. Curiosamente, e não sem alguma ironia, a Catarina nada tinha a ver com teatro, arte, engenharia ou qualquer outra coisa relacionada com o mundo universitário. A não ser, talvez, os arraiais. Sem saber bem como, ou porquê, o Daniel viu-se na presença da Catarina, que terá vindo pela mão do Elder, ou de um amigo do seu irmão, não conseguiu precisar. Mas não interessava: ela estava ali e pareceu-lhe que ambos terão sentido o mesmo algo de intangível e atraente. Eram tão diferentes um do outro que era praticamente irresistível a aproximação.

A Catarina era uma miúda pequena, magríssima, apenas destoando da sua forma física geral um busto sobredimensionado, nitidamente desproporcional à sua figura delgada. Envergava uma vasta cabeleira negra e uma peculiar excentricidade no lábio, que lhe emprestava um intrigante sorriso assimétrico. Vestia-se de preto, normalmente, com calças justas, tops apertados e casaco, se o frio apertasse. Nos pés, umas botas tipo tropa, mas com tacão alto. O Daniel, por seu lado, e embora não fosse um rapaz alto, pairava quase um palmo acima da cabeça dela. Ele vestia não importava bem o quê: ora calça de

ganga, fato de treino, ora calções. No tronco, normalmente T-shirts ou camisolas de gola alta, em função do clima e, nos pés, ténis ou botas de caminhada. E uns oculoziños arredondados sobre uma face elítica, complementada por um crânio decorado com meio centímetro de cabelo. Ou seja, apesar do seu aspeto despreocupado e pouco cuidado, a aura de “geek” era inconfundível. A Catarina esforçava-se por passar uma imagem de emancipação: vejam como eu consigo, eu trabalho, eu estudo à noite, eu gosto do meu corpo e sinto-me sexy. A realidade, no entanto, foi-se desenrolando perante um Daniel cada vez mais desconfortável na relação com a Catarina: uma miúda proveniente de um lar destroçado, assediada pelo tio, enquanto dependente deste, sem qualquer motivação nem estímulo intelectual que a pudesse levar a estudar à noite. Portanto, agarrava-se à única coisa que sabia que tinha, e que lhe dava uma sensação de poder, se bem que apenas em momentos fugazes: o sexo. A sua ninfomania como reação à carência familiar e à insegurança generalizada em relação ao futuro. E o Daniel...enfim, o Daniel era só um rapazinho verde, de boas famílias, com uma necessidade inconsciente e incontrolável de cuidar de alguém.

Não passou muito tempo desde o momento em que se reconheceram até àquela noite no seu quarto, uma noite em que os pais não estavam.

- Vem, deita-te aqui ao meu lado – A Catarina já tinha avançado para a cama, tratando de se despir, olhando agora para ele com uma expressão provocadora – És giro, tu...

Ele, nem sabia bem o que fazer. Ia-se despindo, na borda da cama, sentindo-se desconfortável. Terminada a retirada da sua roupa, lá se aproximou dela, que logo o abraçou, excitada. Mas aquilo estava a ser rápido demais.

- Catarina, espera... - Confuso, leva a mão à testa.

- Não gostas de mim? – Passa as mãos pelas mamas, num movimento sexy.

- Não é isso...claro que sim. É só que...

Catarina interrompe-o, abraçando-se a ele, beijando-o, até que a excitação o começa a contagiar. Mas de uma forma hesitante.

- Pá, que se lixe...vamos mazé despachar isto!

E, num misto de excitação, frustração e zanga, penetra-a de forma desajeitada.

- Olha! É assim que queres?!...

Imediatamente, ele apercebe-se do que está a fazer, e recua.

- Desculpa, eu... sim, desculpa.

Deixa-se cair ao seu lado, mais aliviado. Ela, rapidamente, recupera o seu próprio grau de excitação e, com um renovado, e nada ressentido, sorriso maroto, salta para cima dele. Põe-lhe o dedo indicador, sob uma unha impecavelmente limada e revestida com verniz, sobre os lábios. Dessa vez, pela primeira vez, a proximidade dos corpos, no desanuviar de um momento perturbante, conduzia o Daniel ao relaxamento necessário para amar fisicamente alguém. E gostou.

A Catarina via-se forçada, pelas circunstâncias da vida, a comportar-se como uma pessoa adulta, mas era, em grande medida, ainda uma miúda. Uma rapariga adolescente, com uns frescos dezoito anos. No fundo, ela só queria divertir-se e alguém que cuidasse dela. Uma noite, foram os dois à discoteca. Só os dois: a Catarina queria mostrar ao namorado o que era divertir-se à séria, e ele deixou-se levar, curioso. Já tinha estado em discotecas, mas daquelas que passavam rock e onde a malta ia só para beber e abanar o capacete. Ali, segundo a Catarina, era outra loiça: a cena era mesmo para dançar, e suar, enquanto o batimento do coração se sincronizava com o “kick” das sequências techno. À hora a

que chegaram ainda não havia gente na pista, mas isso não a moveu. Assim que a música começou a bombar, e as colunas a vibrar, ela inaugurou a plataforma, trazendo o Daniel consigo, sendo que ele estava ali mais como observador de que como qualquer outra coisa. Aquilo era para ela, para ela se mostrar. E, para que isso se tornasse ainda mais evidente, depois de um curto aquecimento ao nível da pista, e à medida que os restantes noctívagos se iam juntando à festa, arranjou maneira de subir para uma coluna. Um rapaz, solícito, ajudou-a na subida, ficando um pouco a olhar para ela, não fosse ela precisar de algo mais. Mas ela só precisava de um palco, e o topo da coluna parecia-lhe apropriado. Naquele canto da discoteca ficou tudo a olhar para ela, e só não ficou mais porque era comum as miúdas subirem às colunas para se exibirem. O Daniel, por seu turno, só exibia um sorriso parvo. Não era assim tão confortável reparar nos olhares sobre a Catarina, em particular provenientes de alguns mais sedentos. Mas ela saciou o seu desejo de protagonismo em relativamente pouco tempo, não tendo passado mais de meia hora até que descesse daquelas alturas, voltando ao nível do comum dos mortais. Abraçou o seu fofo, beijou-o e esfregou-se nele, não só porque gostava disso, mas também para passar uma mensagem clara à testosterona envolvente: “Chô, que estou acompanhada”. Para o Daniel, aquilo era, simultaneamente, diferente, interessante e bizarro. Sentia-se, quase de forma palpável, o clima de engate no interior daquele volume escurecido. E esse, definitivamente, não era o seu ambiente. A Catarina era uma rapariga bonita, sensual e descomplexada, mas também carente, infantil e fustigada por episódios neuróticos. A certa altura, cansado de desempenhar o papel de pai para aquela miúda abandonada, o Daniel decide terminar o relacionamento. Persistiriam, no entanto, memórias guardadas no corpo e em sonhos, de uma Catarina sexy, que o excitava facilmente e que precisava disso de forma obsessiva.

Com a continuação da vida universitária, ele ocupava-se com as aulas, o estudo, o teatro e outra relação que, entretanto, se desenrolava. Com a Catarina fora essencialmente carne, e pouco mais; mas os lados intelectual e artístico do Daniel também precisavam de estímulo, algo que a Neusa lhe proporcionava. Com a Neusa também havia, naturalmente, contacto físico, mas o fluxo de cartas, conversas e de partilhas no grupo de teatro mostravam ao Daniel uma relação mais integral. Foram um par de miúdos felizes, durante um par de anos. Até que a Neusa sentiu precisar de descobrir mais além, e seguiu outro rumo. Conhecer outros rapazes, outros estímulos, outras realidades e, gradualmente, foi-se afastando do Daniel. Chorou por ela, choraram juntos, mas o final era inevitável, já que as suas vidas estavam claramente a divergir. Secadas as lágrimas, concentrou-se em acabar o curso, e em sair de casa dos pais, na qual já não conseguia viver. Numa curiosa sequência de eventos, nem sequer teve tempo de procurar o seu primeiro emprego, que veio ter com ele de mão beijada. Curiosamente, também, esse emprego vinha pela mão do pai da ex-namorada, a Neusa.

- Muito embora o relacionamento entre ti e a Neusa não tenha perdurado, confesso que simpatizei contigo, e noto que és um rapaz responsável.

O pai da Neusa também era engenheiro, e tinha uma forma de falar algo formal. Na entrevista de emprego, que ele deveria conduzir, formalmente, por imposição das suas chefias, a conversa seguia, no entanto, em tom informal. Embora o Daniel fosse o entrevistado, o entrevistador acatava com a maior parte da despesa da conversa, pois seria ele a decidir quem iria ocupar aquele lugar de engenheiro civil júnior, sendo que já tinha decidido.

- Sabes, eu também comecei assim, como tu, numa empresa de projetos – Desvia o olhar, por detrás dos óculos de aro espesso, a puxar a si a memória com mais de quarenta anos – Era uma empresa no Algarve. Eu era um jovem idealista, como tu, pelo que, logo num dos primeiros projetos, questioneei o meu chefe.

O pai da Neusa tinha um lado carismático, agarrando a atenção dos ouvintes. E o Daniel ouvia-o com interesse, e respeito, por aquele engenheiro sénior.

- Era um prédio enorme, penso que com mais de dez pisos, que os clientes queriam plantar mesmo em cima da duna. Fiquei perplexo. Fui logo ao gabinete do chefe. “Com todo o respeito, sr. Engenheiro”, disse-lhe eu, “mas isto é um atentado. O edifício está mesmo em cima da duna! Recuso-me a calcular isto” – O homem mostrava ao Daniel um sorriso genuíno, gasto pelos anos, mas verdadeiro – Nunca mais me esqueci da reação do meu chefe. Ele ouviu aquilo e a cara dele ficou exatamente como estava antes, ou seja, sem qualquer expressão. Respondeu apenas, em tom monocórdico: “Rapaz: isto é uma empresa. Nós calculamos o que nos chega para calcular. Se não queres, a porta está ali. Irá haver mais alguém para calcular.”

O Daniel sentiu um frémito na barriga. Obviamente, aquela estória não tinha sido recordada por acaso. No entanto, ele sabia que não estava prestes a entrar no mundo do idealismo poético.

- O lado poético irei buscá-lo, e encontrá-lo, no teatro – Lá conseguiu arranjar um sorriso cândido para mostrar ao senhor engenheiro chefe – Tenho noção de que aqui se fazem projetos de engenharia.

- Estás a ver porque é que gosto de ti?

A pseudoentrevista tinha, aparentemente, terminado, e o senhor já se levantava e cumprimentava o Daniel. De facto, gostava mesmo do rapaz. Este último não chegou a perceber, no entanto, se ele se alegrava pelo facto do Daniel não desistir dos seus sonhos artísticos ou se, secretamente, lamentava estar a ajudá-lo a cavar a sua própria sepultura ao proporcionar-lhe um emprego numa empresa de engenharia.

Em todo o caso, iniciava-se um novo período na vida do Daniel. Engenharia durante o dia, teatro à noite, procuras de casa ao fim-de-semana. Foi nesse período que conheceu a Ana, no grupo de teatro, ainda esta estava a acabar o curso de Física. Embora se interessasse pela Ana, não entendia como é que alguém ia para Física, e além disso se dispunha a terminar aquele curso medonho, que parecia desenhado para ser incompreensível e complexo para além da razoabilidade. Mas Ana parecia ser, no entanto, uma dessas pessoas. Como todos os restantes alunos do curso de Física, e os membros do grupo de teatro, Ana era um bocadinho louca. Mas o Daniel aceitara o emprego na empresa onde o pai da Neusa chefiava o departamento de engenharia civil, depois deste o ter avisado, não sem algum sentido de humor, que aquilo não era para idealismos, portanto também não seria muito são ele próprio. Captava-o o seu sorriso franco, expressões amalucadas, inteligência acutilante e um corpo grande e um pouco desajeitado. Depois do sofrimento suportado com o final da relação com a Neusa, o Daniel adquirira uma atitude mais pragmática relativamente ao amor.

- Ana, gostava de falar contigo.

No rescaldo de mais uma sessão de teatro, em que o encenador pretendia a integração de novos membros, e a preparação do grupo para uma nova produção, o Daniel chamava-a à parte. Talvez tenha sentido, como forma de relaxamento dos corpos e dos espíritos após a descarga física e emocional exigida por aquelas sessões, que o momento era adequado. Ela sentou-se ao lado dele, sobre o pequeno murete em tijolo à saída da sala de teatro, envergando uma expressão atenta. É possível que já suspeitasse o que aí vinha.

- Gosto de ti – O Daniel fez questão de começar pelo que achava mais importante – Tu és divertida, és fixe, és bonita, e eu gostava de te conhecer melhor.

Embora sentisse o nervosismo, o jovem adulto Daniel tentava manter uma calma e ponderação compatíveis com a sua idade e experiência de vida. Afinal, já trabalhava numa empresa de engenharia. Pelo rosto e restante corpo da Ana, passavam várias expressões e nuances, embora estivesse, nitidamente, a ponderar aquela proposta a partir de uma posição defensiva.

- Eu...agradeço. A sério que sim, Daniel – Os olhos dela saltitavam entre a face mal barbeada do Daniel e o chão – Mas não sei. Não sei... é o que consigo dizer de momento.

Ele fixou-a, por momentos, como um pai carinhoso contempla a filha rebelde e insegura. A pausa, suspensão, ia-se arrastando. Interiormente, o Daniel debatia-se entre o sentimento de rejeição e um sentido de dever cumprido.

- Bom... ok – Sem ser agressivo, ele demarca-se, numa racionalidade também defensiva – Se quiseres, e quando quiseres, sabes onde me encontrar.

E, despedindo-se dela com um beijo na face, foi-se embora.

Os dias iam-se sucedendo, e o aprendiz de engenheiro ia-se formando na arte de calcular estruturas. “Isto aqui é forte e feio”, dizia-lhe a chefe, que calculava sobre a mesa do lado. Também a ouvia queixar-se, para o ar da sala, e para quem calhasse estar a ouvir: “Isto é só plintos...é só plintos”. Mas, a maior parte do tempo, trabalhava-se em silêncio. Às vezes, aparecia alguém do departamento comercial, com alguma exigência ou pedido de alteração. Ela despachava-os depressa e depois, já no confortável e seguro silêncio da sala, atirava para o ar: “Deixa-os poisar...” Embora ela fosse, na perspectiva do Daniel, vinte anos mais novo, apenas uma engenheira velha e resingona, ele simpatizava com a senhora. Sabia que ela sabia muito, e que não se sentia reconhecida pelas chefias da empresa. Quando o seu estágio acabou, ela terá sido a única razão pela qual o Daniel sentia um pouco de pena de estar a ir-se embora. Aparentemente, as chefias da empresa não viam necessidade de manter o estagiário, para os ajudar a calcular a floresta de plintos que necessitavam de dimensionamento. E o reconhecimento, se houvera algum, não passou de um passou-bem e de uma palmadinha nas costas, acompanhada de “Boa sorte para a continuação do teu percurso profissional”. Mas o ex-estagiário seguiu em frente, e pouco depois empregou-se numa outra empresa, muito semelhante àquela de onde tinha acabado de sair. Aí, acabou recebendo algum reconhecimento, por fazer as mesmíssimas coisas, muito embora nunca o tivesse solicitado, em nenhuma das empresas. Mas soube-lhe bem.

Entretanto, as coisas com a Ana progrediam. Mas progrediam de uma forma pouco linear, sendo que, não lhe desagradando completamente, constituía fonte de stress. Acontecia que a Ana aceitava os convites do Daniel, para fazer isto e aquilo, mas depois esquivava-se ao contacto físico. Para este, isso era só um contrassenso.

- Mas, porquê? – Ele questionava, na sua ingenuidade e mentalidade marcada pela lógica do engenheiro.

Ela remetia-se ao silêncio, claramente desconfortável. Sentados sobre a relva de um pequeno parque urbano, falavam sob a luz dos reclamos das lojas ainda abertas.

- É que já podíamos estar a abraçar-nos, e a beijar-nos, e seria tão bom...não seria?

E ela voltava a deixar a pergunta no ar, sem se atrever a responder, talvez no duplo medo de estar, por um lado, a dar confiança a mais a este rapaz insistente, e por outro de poder estar a deixar escapar uma oportunidade que durante tanto tempo desejara. O Daniel ficou a olhar para ela por mais algum tempo, suas feições fracamente iluminadas por aquela luz fria da cidade à noite, enquanto decidia, internamente, sobre o que fazer. Mas, como não havia muito a fazer, voltou a despedir-se dela, da forma usual, e regressou ao carro, regressando sozinho para casa.

Não teve que esperar muito mais, no entanto, até que Ana se resolvesse. Em boa verdade, ele não esperava; apenas deixava o tempo passar. Sabia o que sentia, e descansava sobre o conforto de ter dito e feito, e dito novamente, o que queria e ao que estava disposto, quisesse ela o mesmo que ele. Estava-se, novamente, na época da festa do caloiro e, embora já nenhum deles fosse caloiro há bastante tempo, sempre era um motivo para sair e desanuviar a cabeça. Não tinham ido para lá juntos,

mas ambos sabiam que o outro andava por lá. A confusão era generalizada, e a bebida escorria das bancas de cerveja. Ao fundo da alameda da faculdade, alguém tocava sobre um palco gigante, embora já poucos conseguissem ouvir com atenção, tamanho era o ruído do falatório e as distrações com a bebida e a comida. O Daniel não costumava beber, pelo que quatro imperiais já faziam moça. Andava por lá à nora, com mais dois amigos do grupo de teatro. Efetivamente, não estaria bêbado, mas próximo disso. Foi nesse estado, envergando um sorriso estúpido e sem saber exatamente para onde ia, que a Ana o encontrou. Vinda de algures que não conseguiu identificar, ela simplesmente caminhou na sua direção e, em poucos segundos, estava a segurar-lhe na cabeça e a beijá-lo na boca, com toda a força. De tal maneira que, assim que o largou, ele sentiu o sabor acre do sangue a misturar-se com o cheiro da cerveja, e uma confusão mental ainda maior do que aquela que já carregava. O barulho em redor era ensurdecedor. Mas ele não estava assim tão afetado pela bebida que não percebesse o que tinha acabado de acontecer. O seu sorriso tornou-se um pouco menos estúpido, conseguindo transmitir à Ana a sua felicidade, por breves momentos. Mas achou melhor continuar aquilo no dia seguinte.

- Ligo-te amanhã, pode ser?

Entretanto, tinham-se esgueirado para uma frincha entre duas barraquinhas. Não era o sítio ideal, mas estava próximo, e sempre dava para encostar os ombros. Beijaram-se novamente, agora com mais calma, menos força, e sem sangue. Ela acenou vigorosamente a cabeça, no seu jeito amalucado. Abraçados, encostaram as cabeças e ficaram assim algum tempo, a deixar o tempo passar e a confusão envolvente dissolver-se devagar. Iniciava-se uma relação de quase três anos, feliz e funcional, até o Daniel conhecer a Maria.

Já vivia com a Ana há mais de um ano e meio e, na sua cabeça, não via motivo algum para se separarem. No seu idealismo, o amor não conhecia fronteiras, nem posses. Ele gostava da Ana, e também da Maria, que acabara de conhecer, e via-se já a viver com as duas, num conjunto igualmente feliz e funcional. O que não podia estar mais longe do que, na realidade, viria a acontecer. A Maria era completamente diferente da Ana; voltada para dentro, roía constantemente dilemas internos, e era pouco dada a maluquices. Em comparação, era um bicho do mato. Mas isso também atraía o Daniel: encontrara, novamente, alguém para cuidar. A Ana era divertida e excêntrica, mas era, em grande medida, independente. Já a Maria era frágil como uma boneca de porcelana e, embora ambicionasse muito a independência, o medo debilitante tornava-a presa fácil para o lado de cuidador compulsivo do Daniel. Em sua defesa, no entanto, não se podia dizer que mentisse, ou ocultasse alguma coisa.

- Este fim-de-semana vou a Leiria.

Ana encara-o com um olhar intrigado.

- Fazer? Foste lá há duas semanas atrás. Aquele assunto não ficou resolvido?

- Ficou – O Daniel procurava a melhor forma de dizer o que precisava ser dito – É só que...conheci lá uma pessoa.

- Uma...rapariga?

Ele não evitou um sorriso.

- Uma rapariga.

Ana olhou-o de soslaio. Talvez ponderasse se valeria a pena, ou não, chatear-se com aquele assunto. O Daniel, embora não tivesse colocado uma questão, como que a pedir autorização, a sua imobilidade, à entrada da sala, transmitia pelo menos que procurava um sinal de aprovação. Ela voltou-se para ele,

numa face muito séria, o que era raro nela. Aproximou os olhos da cara dele, como o lobo mau da avozinha, para o ver com todo o detalhe.

- Tu gostas de mim?

- Claro que sim. Eu adoro-te – Sem hesitar, ele responde de imediato. Aparentemente, não estava em causa aquele amor. Era mesmo só porque ele tinha conhecido outra rapariga.

- Ainda vou ver se fico chateada com isso ou não – Começa a remexer nas suas coisas, à procura de um caderno – Agora tenho de ir a uma aula de dúvidas. Adeus.

Com ou sem dúvidas, o facto é que ela ainda habitava a casa que ambos tinham comprado, com o dinheiro inventado pelo banco, quando o Daniel voltou de Leiria, no Domingo ao final do dia. Talvez quisesse dar uma oportunidade àquela situação triangular, ou apenas estivesse à procura de foder para esquecer, não havia forma de discernir. Nem ele estava com curiosidade para saber. Iludido, estava convencido que a situação era viável, e que só coisas boas poderiam surgir dali. Até que se lembrou de ir ter com a Maria novamente, agora em Lisboa.

- Mas é só isso, Ana: a gente vai-se encontrar, e não há nada de mal com isso – A expressão do Daniel era uma de genuína surpresa, e resoluta calma, encarando a crescente inquietação e raiva de Ana.

- Mas essa cena não acaba? Tu estás a ficar maluco, ou quê?!

O Daniel observava-a a cirandar, nervosamente, de um lado para o outro, numa atitude que nada tinha a ver com o afeto e amor feroso no início da semana.

- Tu gostas dela, é isso?? – Ana já berrava, de faces ruborizadas, à beira da explosão.

O Daniel era estruturalmente incapaz de mentir. Agora, também ele começava a sentir os nervos a saírem da barriga, como tentáculos, e a espalharem-se pelo resto do seu corpo.

- Sim...gosto dela.

- Então fica com ela!! – E atira-se a ele, tentando esmurrá-lo no peito e acertar-lhe com estaladas – Estúpido! Cabrão!

Numa pontada de adrenalina, ele lá consegue apagar aquela saraivada de golpes desajeitados, agarrá-la pelos braços e empurra-la para trás, mas sem a fazer tombar.

- E tu, vais-me bater, é?? É isto que tu queres?! – Era impossível não ficar irritado, enquanto se apercebia, simultaneamente, que aquela relação com a Ana estava no fim.

Entretanto, ela deixara-se cair no sofá e só chorava, com a cabeça enfiada nas mãos. O Daniel olhava para ela, sentindo as entranhas às voltas e o coração a mil, mas sem libertar uma lágrima. Não tinha nada a acrescentar, e não percebia a origem daquela violência. Só no dia seguinte, depois de uma última noite em que terão dormido em camas separadas, é que se apercebeu, verdadeiramente, do que estava a acontecer. Ana mal falava, e movia-se lentamente, enquanto arrumava as suas coisas para se ir embora. Estava tristíssima, e destroçada. O Daniel contemplava aquilo, também com tristeza, mas sem saber realmente o que fazer. O seu sonho poli-amoroso tinha caído por terra, e o amor partilhado com Ana tinha-se estilhaçado em mil bocados. Em silêncio, sentia a tristeza a aprofundar-se, e aquela espera a tornar-se agonizante; a pressão das lágrimas crescia, mas o sentimento de culpa impedia-as de sair à frente de Ana. Não aguentando mais, saiu porta fora e meteu-se no carro, sem sequer se despedir dela. Não se sentia capaz. Confinado no interior do habitáculo da carrinha, no entanto, já havia condições para deixar cair a ficha: tinha magoado a Ana, e só agora estava a aperceber-se disso. Chorou, berrou, assoou-se, chorou novamente. Pela dor infligida, pela irresponsabilidade, pelo egoísmo, e pelo amor desperdiçado.

Mas, de facto, o Daniel gostava da Maria, pelo que não enveredou esforços para reatar com Ana. A sua honestidade ditava-lhe, no entanto, que deveria pedir-lhe desculpa.

- Tu não tens culpa de eu ser como sou.

Era Domingo de manhã, e estava fresco no jardim onde se encontravam. Ana só ouvia, olhando para o Daniel através de um rosto pálido e um par de olhos avermelhados, decorados com espessas olheiras. Completamente ausente estava a sua habitual boa disposição e parva jovialidade.

- Eu gosto de ti, e vou continuar a gostar de ti... Mas percebo que isto, assim, não funciona. Não dá... - Interrompe-se com uma deglutição, em seco, enquanto os olhos se enchem de água de repente – Não sei se me consegues perdoar.

- Também gosto de ti, Daniel, mas não consigo...não consigo – Ela olha para ele numa expressão de triste afeto – Mas eu tentei, a sério que tentei.

E não havia mais nada a dizer. O resto era logística: as coisas de um, as coisas de outro, a questão da casa. Ela voltava, por agora, para casa dos pais; ele iria arranjar forma de lhe comprar a sua metade da casa. Antes de se despedirem, ele procura, de novo, a absolvição.

- Desculpa. Perdoas-me?

Levantando a cabeça, ela não evita um sorriso. Mas o olhar triste persistia.

- Sim.

E despedem-se, à maneira dos amigos, com dois beijos nas bochechas. Mas nem a amizade restava. Ainda assim, seis meses volvidos, estava a convidá-lo para o seu casamento. Ao Daniel, só soava estranho, mas assumiu que aquela era a forma da Ana de lidar com a rejeição. Com ele, nem lhe passara pela cabeça casar-se; assim que deixou de estar com ele, casou-se com o primeiro que encontrou. Desejou-lhe felicidades, e sabia que o seu recém-casado marido era um bom rapaz – conhecia-o de relance de entre o grupo de estranhões do curso de física – mas aquilo parecia-lhe uma coisa forçada.

A vida continuava, como não podia deixar de ser, e a Ana era, cada vez mais, apenas uma pessoa que o Daniel em tempos tinha conhecido, e de quem tinha sido íntimo. Em todo o caso, a relação na qual ele investia era com Maria...e o instrumento do baixo. Ele sempre gostara de música, principalmente desde que lhe tinham apresentado a guitarra, no liceu, mas agora parecia-lhe a altura adequada para, finalmente, aprender música. Inscreveu-se, então no Hot Clube. Ele gostava de muita música, principalmente aquela que não caía na categoria de “clássica”, já que essa tinha ficado associada a memórias de infância menos felizes. A mãe queria e, se calhar, até quis demasiado, que o filho recebesse uma educação formal em música, música clássica. Mas o miúdo terá desenvolvido uma aversão àquilo, e aos métodos de ensino respetivos, que já só feito um homem feito é que conseguiu voltar ao tema. Mas, desta vez, seria à sua maneira. Pegou, então, nos seus parcos conhecimentos musicais, e submeteu-se à avaliação de entrada na que seria, alegadamente, a mais famosa escola de Jazz em Portugal. Foi aí que percebeu que, afinal, não percebia nada de música: só não o puseram no nível zero no solfejo. Parecia que os anos de música clássica sempre tinham deixado alguma coisa em si, que não fosse asco e ressentimento. Não se importou. Nesse momento podia, queria, e tinha dinheiro suficiente para pagar. Entretanto, já deixara aquela vida das empresas de engenharia, em favor de uma na via académica que, apesar dos seus problemas próprios, era consideravelmente mais flexível. Na escola de música aprendeu, finalmente, a tocar um instrumento. Escolheu o baixo, talvez porque se sentisse mais atraído pela, e com mais apetência para a camada de suporte, por aquela posição social menos proeminente e solista, mas essencial para o funcionamento do conjunto. Era um homem da retaguarda. Começou no baixo elétrico, mas rapidamente percebeu que se queria ir ao

fundo da coisa, tinha de pegar o touro pelos cornos: o contrabaixo. O professor queria que eles aprendessem como deve ser, ou seja, sabendo as posições, como colocar a mão, os dedos, a postura correta, o arco, as escalas e os arpejos. Era uma aproximação ao instrumento muito mais “classy” do que “jazzy”, mas agora entendia melhor porque é que tinha de ser assim. Era preciso adaptar o corpo e a mente ao instrumento, e esta era a melhor forma de o fazer, validada e consolidada por séculos de mestres e discípulos. Só começou a tocar Jazz, e apenas os seus absolutos rudimentos, no segundo ano. Mas aí já se poderia dizer que estava preparado para o fazer: já tinha sido apresentado ao instrumento, pelo que já podia começar a falar, através deste, a linguagem do Jazz.

- Tu gostas de acompanhar? – Perguntou-lhe o professor, uma vez, na aula de conjunto.

- Er...sim. Acho que sim – A hesitação vinha apenas do facto de estar a banda toda a olhar para ele, não por ter dúvidas acerca da resposta.

- Ótimo. Porque é isso que vais fazer em noventa e cinco por cento do tempo – O professor mantinha uma atitude relaxada, como aliás era o costume na generalidade da escola, exceção feita apenas, talvez, às senhoras da secretaria.

- E mais: se ninguém notar, é porque estás a ir bem.

Mas o seu tom de voz e a sua expressão não transmitiam nenhuma má vontade, ou alguma vontade de deitar abaixo o aluno. Era só uma chamada à realidade, e ao modo de funcionamento habitual num contexto de banda. E ele não era baixista.

Nessa época, o Daniel dedicava entre duas a quatro horas diárias ao contrabaixo. Fora as aulas e o estudo para as outras disciplinas musicais. E fora o trabalho para o doutoramento, sendo que era da sua magra bolsa de estudos que pagava toda aquela incursão pela academia musical. A relação com o instrumento ia-se aprofundando, à medida que sentia o corpo a adaptar-se: os calos nos dedos, a força nos braços, a resistência física para estar ali, de pé, a segurar o instrumento e a tocar, hora após hora. E começava a dar frutos, também: nunca havia baixistas que chegassem, mas era preciso cumprir alguns requisitos mínimos. Um deles era tocar a mesma música que os outros estavam a tocar, do princípio ao fim, o que não acontecia sempre. Outro era aparecer nas jams. Podia haver défice persistente de baixistas, mas sem aparecer, ninguém dava pela falta. Era preciso deixar saudades. O Daniel não era bom nem mau: simplesmente tornara-se competente. Mas aquela vida era muito exigente, e o Daniel tinha outros compromissos com a academia. E, ao deixar esta última, para piorar ainda mais as coisas, foi abrir uma empresa. A certa altura, viu-se confrontado com um dilema: ou seguia a via técnica, ou seguia a via musical. Estava na sala, a olhar pela janela da casa que estava a comprar, com o dinheiro que o banco tinha criado do nada, para esse efeito, e deu consigo a pensar, muito claramente: “Eu nunca passarei de um músico competente. Vou ser um entre muitos. Se calhar, serei mais útil à sociedade como engenheiro, do que como músico.” E, se calhar, também teria bastante mais facilidade em pagar as suas contas. Lembrava-se de alguns elogios que lhe chegavam, por vezes: “Eh pá, meu, ganda cena, tocas muita bem, parabéns!” Ele ouvia aquilo, com um meio sorriso, agradecia, e acreditava que a pessoa tinha genuinamente gostado e sentido vontade de o elogiar. Mas algo lhe dizia, internamente, que também derivava dessa pessoa não ter bem noção do que é que significava ser um grande músico, e tocar realmente muito bem. “Irei ser músico, enquanto puder”. Foi a decisão final. Ou seja, a música não viria a ser a prioridade na sua vida, mas algo que iria fazer, com todo o gosto, enquanto pudesse e quisesse. Mas custou-lhe. Custou-lhe recusar convites, custou-lhe ir perdendo a forma física e mental para tocar aquela música, da qual tanto gostava, custou-lhe não prosseguir a via musical e, quem sabe, provar a si próprio que, afinal, poderia vir a ser mais do que competente. Mas já não interessava, pois, a vida encarregava-se de orientar o tempo e as oportunidades conforme o esquema das prioridades estabelecido.

Foi aí que apareceu a oportunidade de dar aulas. Era uma faculdade privada, e ele nunca tinha dado aulas na vida, mas era um desafio. Não tinha a mínima intenção de prosseguir a carreira de professor, ou como investigador, mas a curiosidade era mais forte, e o jovem Daniel sentia-se com forças. Aquilo saiu-lhe do pelo, com a necessidade de preparar as aulas, conceber os exercícios, os trabalhos e os exames, isto para além do seu próprio trabalho, dividido entre a investigação e a empresa em formação. Foi aldrabado pela direção da escola, no primeiro curso, que nunca chegaram a pagar-lhe o que era suposto. Ainda assim, sob a tutela de outra escola, deu aulas a miúdos do curso de arquitetura, de uma matéria que lhe era querida, nuclear na sua própria via de formação académica: engenharia de estruturas. Chocava-o a displicência e a apatia da maior parte dos alunos, relativamente ao que tinha para lhes ensinar. Mas tinha-se comprometido com a escola e esta, nessa ocasião, estava efetivamente a pagar-lhe. Ficaram muito revoltados quando descobriram que a maior parte da turma iria chumbar, pois os resultados dos exames eram desastrosos.

- Professor – O puto com dezoito anos, mas com ares de mais velho, recém-adquiridos pela sua entrada na faculdade, provavelmente percecionada por si como algum grau distintivo – Então nós andamos aqui um semestre inteiro a estudar, e com os nossos pais a pagar, para no fim chumbarmos?

O professor Daniel nem queria acreditar no que estava a ouvir. Este miúdo não estava a fazer nenhuma espécie de bluff; aquilo não era uma encenação com o propósito de levar o professor a compadecer-se da situação dos alunos, e respetivos pais: aquilo era indignação genuína, dele e da maioria dos seus colegas, para quem só era justo que alguém, por ter entrado para um curso superior de arquitetura, pago pelos pais a peso de ouro, passasse à cadeira de engenharia de estruturas, por mais elementar que fosse e independentemente do que fizessem. O problema era que eles não percebiam nada daquilo, colocando o coitado do Daniel numa posição particularmente desconfortável. Esse desconforto deve ter chegado aos pais dos meninos e meninas que, por sua vez, o devem ter transmitido à direção do curso. Era uma situação delicada, era tudo delicado e tratado com falinhas mansas, mas o professor caloiro percebeu a mensagem: os alunos tinham de passar. No recato do lar, extravasou, por seu lado, a sua indignação, mas acabou por lhes dar o que queriam: um exame de recurso, oral, puramente de fachada, em que calibrava as perguntas à medida da ignorância dos alunos, para que ninguém de lá saísse com a sensação de ter chumbado. A direção do curso parecia agradecida pelo desenrolar dos acontecimentos e, para o demonstrar, renovou-lhe o convite para lecionar a mesma cadeira, só que a um nível mais avançado, para os alunos do segundo ano. Na esperança, porventura ingénua, de que as coisas viessem a melhorar, o Daniel aceitou.

Nesse Verão, tirou horas às férias para preparar o ano letivo seguinte, pelo mesmo valor anteriormente acordado com a direção da escola. Quando o seu pai lhe perguntou por esse valor, e ouviu a resposta, ficou indignado.

- O quê?? – À entrada da cozinha da casa de Verão, o pai falava com assertividade, numa postura algo dura, resultado da perceção de que o filho estava a ser enganado pela escola – E tu vais aceitar esse valor, ridiculamente baixo, para continuar lá? Olha, uma ex-aluna da tua mãe, também doutorada, conseguiu o dobro disso para dar aulas pela primeira vez na faculdade.

Imediatamente, o Daniel sente o apertão no estômago. Soava-lhe injusta a asserção do pai, caída do céu e sem saber nenhum detalhe ou historial da situação, intervindo criticamente na sua vida e nas suas opções, certas ou erradas. Como o Daniel não respondia, remoendo a sua raiva e incredulidade em silêncio, o pai, sentindo-se galvanizado e na posse da verdade, continuou.

- Tu tens de te fazer valer...Não podes deixar que estas pessoas se aproveitem de ti. Tu tens um doutoramento! Apenas isso dá-te logo vantagem negocial. Informa-te sobre os valores de tabela para doutorados, e não te fiques pela primeira proposta que te põem à frente! Lembra-te: tu tens um doutoramento!

Cada vez que o pai dizia aquela palavra, o “doutoramento”, a coisa assentava cada vez pior.

- Pai, vê se entendes: eu não tirei o doutoramento na perspectiva de ganhar mais – O Daniel estava a tentar conter o que, para si, era uma afronta à sua forma de ver as coisas, e que nada tinha a ver com negociações, vantagens comerciais ou salários – Eu segui para o doutoramento porque percebi que aquela vida de engenheiro, na grande empresa de engenharia, não era para mim, e porque queria aprender mais sobre os impactos da construção no ambiente.

A irritação transparecia, e a expressão de desânimo na cara do pai não ajudava.

- Além disso, o que a faculdade me propôs pareceu-me suficiente, portanto não vi razão para pedir mais.

Mas o pai não se resignava com o que, para ele, era uma atitude altamente resignada por parte do filho, a raia a estupidez.

- Daniel, tu és meu filho e eu gosto muito de ti, mas parece-me que não tens consciência do que estás a fazer – Mantinha agora uma postura suave, numa intenção mais didática – Vai, pelo menos, ver os valores de tabela em faculdades públicas, para docentes doutorados. E, depois, confronta esses valores com o que te propõem. É o mínimo.

Era o mínimo para o pai, mas, para o Daniel, já tinha ultrapassado o máximo. Num momento de claridade, deixou cair os filtros.

- Pai, eu estou-me a cagar para o doutoramento – Foi o que lhe saiu pela boca fora, perante o olhar incrédulo do pai.

Embora não tivesse levantado a voz, o tom era assertivo. O pai estava atónito, e nada lhe saía em resposta. Aproveitando a pausa, e o silêncio, o Daniel reforçou.

- É isso: estou-me a cagar para o doutoramento.

É possível que o pai, internamente, estivesse a tentar arrumar aquilo, algures, procurando compatibilizar o que tinha acabado de acontecer, com aquilo que conhecia do filho.

- Ok, tudo bem.

Pressentindo que o assunto terminara ali, o pai não insistiu. Nem voltou a referi-lo. Com um ar abatido, abandonou lentamente a cozinha, deixando o Daniel a ruminar sobre as suas opções, certas ou erradas, inteligentes ou estúpidas. Em todo o caso, não precisou de se confrontar novamente com a questão, uma vez que, passado um mês, a direção do curso, que o convidara, informou-o formalmente que o desconvidava. Parecia que, apesar de ter passado administrativamente quase todos os alunos, a mensagem de que seria um professor papão que só queria chumbar meninos e meninas se tinha espalhado pelos pais, como um incêndio num eucaliptal. E, obviamente, a direção da escola não se ia arriscar a perder tantas fontes de receita só por causa de um pretenso professor, cujo excesso de zelo o impelia a um grau de honestidade incompatível com a natureza comercial da escola. Fazia lembrar a natureza comercial na saúde, acerca da qual o Daniel recordava as palavras de Jacques Fresco: “Se o meu médico me diz que o meu rim tem de sair, eu já não sei se ele precisa de comprar um novo iate, ou se o meu rim precisa de sair”.

Foi por essa altura que o Daniel engravidou. Não literalmente, naturalmente, mas foi quando soube que ia ser pai. “Mantém-no no forno”, foi o que disse à Maria. Já por algumas vezes tinha sentido aquela espécie de inquietação, que leva um ser humano a querer gerar descendência. Algo profundamente enraizado nos genes da espécie, constituindo parte integrante de uma sexualidade complexa, e diversa. Mas Maria parecia-lhe a pessoa certa, e andava tranquilo. Constituíam um casal

jovem, apaixonado e ingênuo. Aguardavam, pacientemente, pelo nascimento: afinal, não havia motivo nenhum para ter pressas, face ao inevitável. Chovia a potes, no dia em que começaram as contrações.

- Ainda só tem dois centímetros de abertura – A médica dirigia-se a eles com um calmo sorriso – Recomendo que vão andar algum tempo, para dilatar os tecidos. Voltem daqui a um par de horas e, aí, vemos novamente como está a situação.

Talvez a médica não tivesse noção de como estava o estado do clima, enfiada nas profundezas do edifício do hospital. Em todo o caso, o Daniel não se lembrou de caminhar com Maria pelos longos corredores da ala pediátrica; era amante de caminhadas, pelo que a levou de carro para o jardim mais próximo. Maria, só focada na sua abertura e no seu peso, não se preocupava minimamente para onde iam, desde que fossem fazer o que a médica tinha recomendado. De braço dado, debaixo do chapéu de chuva, deram voltas ao jardim durante uma hora. Chovia copiosamente, mas o jovem casal mantinha-se fiel na sua tarefa, até que surgiu a primeira contração. Havia um lado engraçado naquilo, e entraram no carro meio a rir, apesar da molha e das dores de Maria. De volta ao hospital, a médica enviou a Maria logo para a maca na sala de enfermagem. A enfermeira mais próxima, estreando mais um par de luvas de latex, não demorou em enfiar os dedos onde era suposto, e a medir a abertura com aquela régua esquisita para grávidas.

- Cinco centímetros. Está na hora – Brincalhona, mas eficiente, a enfermeira começa a preparar os utensílios para a operação.

A médica, de passagem pela porta da sala de enfermagem, espreita lá para dentro e debita instruções.

- Para despi-la, coloca-la na maca e trazê-la para a sala três, por favor.

E desaparece de vista, assumindo o Daniel que estaria a ir para a sala três. Vendo o espaço a movimentar-se, com as enfermeiras a tratarem de Maria, levanta-se e fica ali, algo desamparado. Sentindo que está a atrapalhar, dá uns passos laterais até ao meio do corredor.

- Pai: isso, fique aí que a gente já o chama.

O par de enfermeiras mexia-se com a rapidez e determinação que a urgência exigia. Assim que a maca estacou no interior da sala três, ouviu o primeiro grito de Maria. Um grito animal, proveniente das suas vísceras em metamorfose. Olhou à volta, e tudo estava normal. Era a normalidade do serviço. Dois gritos depois, uma das enfermeiras, aproveitando a pausa entre contrações, pôs a cabeça fora da sala, para o chamar.

- Pai, pode entrar – O tom era baixo, mas notava-se uma carga ofegante.

Entra o pai, algo lívido, na sala, onde Maria descansava a cabeça na almofada da maca, suada e numa expressão contorcida com as dores, enquanto mantinha as pernas abertas.

- Fique aí de pé, junto à cabeceira da maca.

Fez o que lhe mandavam. Imediatamente, sentiu Maria a apertar-lhe a mão. Ela mantinha os olhos fechados, mas aquele contacto era apaziguador. Deu graças a Deus por não conseguir ver o estado da vulva de Maria, do sítio onde estava, por trás do lençol de hospital; conseguia ver, no entanto, a pilha de toalhas e lenços ensanguentados sobre o chão frio daquela sala de partos, cuja altura ia crescendo e já quase alcançando a maca que sustentava o corpo de Maria. A médica, sentada num banquinho de frente para a vulva e enquadrando a pilha de panos vermelhos com as suas pernas, também abertas, observava atentamente a abertura.

- Bom, isto parece ter acalmado um pouco – Afastando o candeeiro de operações, levanta a cabeça para ver o rosto de Maria – E aí, como é que estamos de dores?

Maria emite um grunhido.

- Damos a epidural? O que é que acha?

- Ah, não...não é preciso... - A voz de Maria arrastava-se, procurando recuperar forças.

Apesar de estar a ouvir o diálogo, a primeira enfermeira começa os preparativos para a injeção. A médica fez-lhe sinal para acabar o preparativo, mas para deixar a seringa no tabuleiro. De repente, surge à porta um outro médico, rodeado de jovens aprendizes de medicina, cada um envergando a respetiva bata branca.

- Bárbara, como estás? – O médico, na casa dos quarenta, exibia um sorriso cansado.

Naquele momento, no entanto, permitia-se relaxar, pois só tinha de acompanhar os alunos, e não cuidar de alguma paciente de pernas e vulva abertas.

- Cá estamos, Paulo – Já sabendo do que se tratava, afasta o próprio corpo da abertura alvo da curiosidade dos alunos dirigindo-se, momentaneamente, para o corredor – Já volto.

O Daniel contemplava o espetáculo dos alunos a contemplar o espetáculo de uma mulher aleatória em trabalho de parto. Não percebia o que eles diziam, mas reparava que emitiam breves comentários, virando-se ocasionalmente para o professor, que ia respondendo depressa pois sabia que não tinham muito tempo. Uma das alunas apontou com a caneta para uma qualquer subsecção da vulva à sua frente. As expressões eram um misto de curiosidade, asco e contenção, dada a presença do professor, das enfermeiras e do Daniel. O professor fez por desviar, candidamente, aquela caneta da direção da vagina da parturiente, marcando, com isso, o final da visita de estudo. Os alunos sorriram, desconfortáveis, aos presentes na sala. Reparando na movimentação, a médica volta do corredor para a sala de partos.

- Obrigado, Bárbara – De novo com as mãos metidas nos bolsos da bata, o médico-professor orientava os alunos de regresso à sua sala de aulas – Até já.

- Até já, Paulo.

A filha do Daniel, talvez pressentido que era altura de terminar a pausa, voltava à carga para sair da barriga da mãe, obrigando o seu corpo a suportar violentas contrações. O Daniel sentia os seus dedos a serem esmagados, enquanto Maria se agarrava à maca, com a outra mão, como se a sua vida dependesse disso. Mais um breve berro varre a sala, simultaneamente com o empurrão interno para expulsar a criança. Maria deixa-se cair para trás, exausta, a sua face contraída com a dor. A médica faz sinal à enfermeira.

- Dá-lhe metade.

A médica, observando que ainda faltavam uns milímetros de abertura, decide arriscar na administração do analgésico. As contrações eram fortes, mas a criança ainda lá estava dentro. A enfermeira verifica a seringa, enquanto a sua colega ajuda Maria a colocar-se na posição correta sobre a maca. Esta última, submergida em dores, não oferece resistência. Do outro lado do corpo de Maria, enfiada numa daquelas batas enormes de hospital, a enfermeira injeta-lhe o líquido diretamente na espinha. Ao longo de meia hora, e embora as contrações ainda se fizessem sentir, a face de Maria descontrai, agora nitidamente menos sensível aos estímulos internos de dor. No entanto, o bebé ainda precisava de sair. Já de barriga para cima novamente, e já cansada de estar ali, Maria decide internamente que é altura de despachar aquilo. Pelo que esperou pela contração seguinte, levantou os braços e fez toda a força que conseguiu reunir.

- Isso mesmo. Continue! – A médica, de máscara, óculos e luvas, estava só à espera que o bebé lhe caísse nos braços – Força! Outra vez: força!

Apertando a mão do Daniel que, entretanto, ganhara uma tonalidade arroxeada, e amparada pela enfermeira, do outro lado da maca, Maria debita mais um valente empurrão.

- É isso, excelente! Já lhe vejo a cabeça...mais um empurrão: força!

A Maria, no limite das suas forças, mas pressionada pelo imperativo interno, e incentivo externo, aplica tudo o que tem, suando, chorando e empurrando o bebé da sua barriga para as mãos da médica.

- Já está! Já o tenho. Bom trabalho, mãe!

E apressa-se a cortar o cordão umbilical e a aplicar a prensa, enquanto uma das enfermeiras cuida dos restos mortais de Maria, exausta sobre a maca, e a outra liga a balança e alguns outros aparelhómetros para medir o rebento humano recém-chegado ao mundo. O Daniel vai assistindo, agora com a mão menos solicitada por Maria, à eficiência daquela equipa médica que, provavelmente, já tinha realizado aqueles procedimentos dezenas, ou mesmo centenas de vezes. Apercebe-se do cheiro a sangue. Um cheiro espesso, a misturar-se com o do desinfetante típico em salas médicas. Observa a enfermeira a segurar a sua filha pelos pés, como se fosse um frango, para a seguir a revirar e lhe aplicar umas palmadinhas. E eis o primeiro choro, juntamente com as primeiras golfadas de ar, inspiradas por aquele ser humano em miniatura. Bem-vinda a esta monumental confusão a que chamámos planeta Terra. A enfermeira, experiente, limpa o bebé dos pedaços de víscera e sangue que o cobriam, passando o dito à médica. Esta, sabendo que, naquele momento, o tempo é um fator importante, faz apenas um par de verificações ao pedaço de vida que lhe fora confiado e, constatando que está tudo bem, passa-o de imediato à mãe. Já sem máscara, e sem óculos, deposita, suavemente, o corpo nu do bebé sobre o peito desnudado da mãe. O Daniel, de cara encostada à cena, e vertendo lágrimas silenciosas, sente claramente o cheiro a carne. Um cheiro a carne crua, não tratada, não temperada. O cheiro cru de uma nova vida.

Os anos iam passando, e o Daniel ia aprendendo sobre esta nova vida de ser pai. Tarefa longe de ser trivial, apesar de já ter sido experimentada por incontáveis homens, ao longo de milhares de gerações. Ele, como todos os restantes pais, fazia o que podia, com as ferramentas de que dispunha. Não se apercebia, no entanto, que Maria o começava a ver com outros olhos, mais como o pai imperfeito que a fazia lembrar o seu próprio pai, e menos como o rapaz e homem dócil por quem em tempos se apaixonara. Os anos iam passando e a vida ia ficando mais pesada, a sua relação mais desgastada e o seu amor cada vez mais arrefecido e distante. A filha ia crescendo, no seio de uma família que, sem disso se aperceber, se estava a desmembrar. Mas eles tentaram, e tentaram, salvar uma relação que mostrava todos os sinais de colapso.

- Como é que eu posso confiar em ti, Daniel?!

Ele, sentindo a tensão crescente, descarregava realizando movimentos bruscos, enquanto punha a loiça na máquina. Em complemento, arrumava as coisas do almoço nos armários da cozinha, batendo com as respetivas portas. A certa altura, estaca com os braços esticados sobre o balcão da cozinha e a cabeça tombada para a frente, à procura de uma qualquer saída pacífica para aquele conflito crescente.

- Tu quiseste ir com ela uma vez...Isso, para mim, é como se tivesses ido com ela! – A voz de Maria cortava o ar da cozinha.

- Mas tu tens noção de há quanto tempo isso foi?? – As entranhas do Daniel estavam um alvoroço, mas ele fazia um esforço consciente para não elevar a voz.

- Mas qual tempo, Daniel?! Tu só não foste com ela porque ela não quis... percebeu, a tempo, que não merecias. Percebeu que estas tuas ideologias de merda não levam a lado nenhum, e só destroem a vida dos nossos filhos!

- Foda-se, Maria...estás completamente a alucinar – As últimas palavras já proferidas na direção das costas de Maria, que tinha voltado à sala, para recolher a restante loiça em cima da mesa – Eu nem sequer fui com ela...Maria, para!

O Daniel elevava agora a voz, mas apenas para que as palavras proferidas chegassem à sala em condições. Não se preocupava, nesse momento, com a filha, que estava com os avós, felizmente resguardada daquele triste episódio. Pôs-se a caminho da sala, ao longo do corredor. Antes de chegar à entrada da sala, no entanto, Maria regressa e barra-lhe o caminho, empunhando a faca da cozinha que servira para cortar o bolo. O olhar dela fixava-o com ódio.

- O que é que...Maria, o que é isto??

A mão dela tremia. No meio do ódio, a sua face também transparecia hesitação.

- É preciso chamar a polícia? – O Daniel fazia um esforço hercúleo para manter a calma, enquanto as suas entranhas se liquidificavam rapidamente – Deverei chamar a polícia?...

Caindo em si, após uns segundos de maior tensão, Maria baixa a mão, e a faca.

- Tu não vales nada – Sentencia, e apressa o passo para chegar à cozinha.

Daniel fica, de cabeça voltada, no meio do corredor, a olhar para ela, incrédulo. Sentia qualquer coisa em si a bater no fundo. Atordoado, arrasta os pés até à sala, e deixa-se cair no sofá. Pouco tempo depois, Maria aparece e senta-se no sofá ao lado. Durante algum tempo, ficam só ali em silêncio, a deixar o não-dito assentar.

- Parece-me que já não aguentamos mais isto.

Apesar de ter sido ele a pessoa ameaçada com uma faca de cozinha, o Daniel parecia ser o mais sóbrio dos dois.

- Eu já não aguento mais viver contigo.

- Nós tentámos, não foi?

O Daniel já falava mais para si próprio, do que para a mulher sentada ao seu lado, que cada vez lhe parecia mais estranha.

- Sim...tentámos, e falhámos – A raiva, em Maria, ia-se transformando em tristeza – Olha, estou a ficar cansada. Hoje dormes no sofá, ok?

À procura de qualquer coisa sólida, no lodo das suas emoções, o Daniel nem conseguiu responder. Observava-a apenas a levantar-se e a atravessar a sala, em direção ao quarto, para não mais voltar e sem se despedir. Agora sim, sentia claramente a injustiça, a frustração e a tristeza associadas àquela calamidade. Tinham sido dezasseis anos a construir algo, uma tentativa de família, que a certa altura lhe tinha parecido viável, natural, inevitável até. Mas, se calhar, pensava ele naquele momento, já teriam havido sinais. Semanas a fio sem se tocarem, discussões ocasionais, a tensão da crítica e daquela insidiosa sensação de “não és suficiente”. A separação parecia-lhe, agora, incontornável e, apesar do tumulto interior, um lado seu há muito subjugado e esquecido, começava a crescer dentro de si, dizendo: “Eu mereço melhor do que isto”. Noites no sofá, noites em casa de amigos, era o dia-a-dia da separação em curso. Apesar de tudo indicar que se estavam a separar, Maria não proferia essa palavra. Até um dia.

- Chega aqui à cozinha, por favor.

Depois do jantar, o Daniel estava a brincar com a filha, como era habitual. Esse ritual não precisava de sofrer, só porque os pais da miúda se estavam a separar. Mas havia um certo peso no tom, pelo que percebeu que era importante, e, como as coisas estavam, era improvável que fosse algo agradável. Ainda assim, foi preciso apenas um par de minutos até que ele dobrasse a esquina que separava o quarto da miúda da cozinha.

- Sim, diz.

- Er...bem, eu – Maria rebuscava o sótão, à procura das melhores palavras – Daniel: temos de nos separar.

O Daniel, intuindo que ainda vinha aí mais alguma coisa, mantinha o silêncio.

- Temos de nos separar, porque...olha, porque eu fui com outra pessoa.

Ele fez por engolir aquilo como podia. Era duro, mas não podia dizer que lhe soasse surpreendente.

- Bom...era algo que, se calhar, estava a precisar de acontecer – A postura diplomática sempre ajudava a desdramatizar um pouco aquilo que já ameaçava tornar-se uma novela de cordel, e de qualidade duvidosa.

- Desculpas-me? A sério, não foi para te magoar, ou assim... - A Maria conseguia ser, qual Dr. Jekyll & Mr. Hyde, por vezes tão carinhosa e empática, quanto bruta e agressiva noutras ocasiões – Simplesmente, aconteceu.

- Não tens de pedir desculpa – As lágrimas ficariam para depois; o Daniel já entrara em “modo separação”, e já só queria que aquele pesadelo acabasse depressa – Tu quiseste, ele quis, vocês quiseram, portanto, aconteceu. Não há nada para desculpar.

Ainda lhe viu, no olhar, aquela expressão do “coitadinho”. Por mais genuína que lhe parecesse, o Daniel não conseguia ficar muito tempo a contemplar aquilo, pelo que se desculpou com qualquer coisa e voltou ao quarto da filha, para terminar a brincadeira interrompida. Mais tarde, sentado no sofá da sala, transformado em cama, lá chorou, através da insónia, o que precisava, e compreendeu o que realmente tinha sucedido. Que a Maria só o segurara na ausência de uma alternativa: assim que ela “foi com a alternativa”, terá chegado o momento, finalmente, de o largar. Sentiu-se profundamente usado, injustiçado e abusado. O medo que Maria sentia da solidão e do desamparo era superior a tudo: à decência, à justiça, ao respeito. Apesar do seu próprio medo da solidão e do desamparo, e de sentir o coração destroçado, o Daniel foi-se habituando a esta ideia da separação, e a dar mais ouvidos às suas entranhas: “Eu mereço melhor do que isto”.

Chegara então, em força, a famigerada “crise de meia-idade”. Aos quarenta e quatro, a vida do Daniel passava de algo coerente, sólido e previsível, apesar de assente sobre uma fachada, para algo desconexo, frágil e incerto. Mas agora sabia quem realmente era. E não era fácil acordar e deitar-se todos os dias na pele dessa pessoa. Para o bem ou para o mal, ele era alguém que sentia, e muito. Sentia cada passo que dava, às vezes literalmente, como se estivesse a caminhar sobre cacos de vidro partido: os destroços da sua vida anterior, despedaçada. Também sabia que amava. Mas era como se tivesse renascido, pelo que tudo parecia novo, e assustador. Ia tentando um pouco de tudo: a aplicação dos encontros, uma amiga, uma amiga da ex-mulher. Estava tão necessitado, e tão amedrontado, era doloroso só de ver. Foi nesse estado cru, frágil, mas verdadeiro, que encontrou a Paula. Ou que Paula o encontrou. Numa sala de cinema, juntamente com uma amiga, e outra amiga da amiga, o Daniel nem sabia bem o que estava ali a fazer. Mas elas estavam animadas, cada uma a tentar puxar pelo seu lado mais positivo, enquanto iam surfando na maionese das suas próprias crises de

meia-idade. Não era o filme sobre a tela que interessava. À saída, a rua estava um alvoroço de gente e de movimento. Turistas, pessoas a tentar chegar a casa, bandos de jovens à procura de álcool e de aventura. Os membros daquele quarteto improvisado de meia-idade iam tentando progredir, rua abaixo, sem serem atropelados por alguém sobre pés ou sobre rodas, e foi aí que ele sentiu o seu toque pela primeira vez. Foi algo tão casual que, nesse preciso momento, não lhe atribuiu qualquer significado. Entre a multidão e a berma da estrada, a Paula apenas lhe deu uma achega no cotovelo, no sentido de o guiar por um caminho que lhe parecia mais seguro. Um simples, e precioso, ato de proteção.

Mais tarde, Daniel recordou esse toque como o efetivo início da sua relação porque, concretamente, não se recordava de alguém ter sido tão cuidadoso com ele. Sem se aperceber, naquele momento, a sua vida derivava por uma nova página, seguindo o caminho daquele toque; uma nova página de todo um livro que ainda viria a escrever.

Os pais da Mariana estavam muito à frente. Adeptos da língua francesa, desde há muito associada com requinte, alta cultura e conhecimento, estavam na avant-guard. Bebiam, respiravam, vibravam com a música clássica, os grandes autores da literatura, os famosos negros do jazz. Sentiam-se parte de uma elite cultural, no princípio contra os princípios ditatoriais da época, mas, na prática, não abanando o barco. Os seus valores estavam colocados na beleza, na arte, na fé de que o racionalismo e a iluminação do conhecimento eram suficientes para criar uma sociedade íntegra, coesa e pacífica. Apesar de preferirem as altas esferas, e os salões da Gulbenkian, tinham-se conhecido em Alfama, nos antípodas da finesse e dos puros significados. Com a sardinha no pão e a nádega encostada à ombreira da porta, apaixonaram-se. Entre Lisboa e Paris namoravam, planeavam, fizeram promessas sem fazer a mínima ideia se as iriam ou não cumprir. Até que apareceu a Mariana. Era desejada. Mas, se há uma coisa pouco compatível com a alta cultura e os círculos intelectuais, é um monte de fraldas sujas. A gestão do dia-a-dia tornava-se difícil, na tentativa de conjugar o trabalho, a paz de espírito e o berreiro da bebé a meio da noite. No entanto, era um casal determinado e, felizmente, a auferir salários acima da média. Rapidamente chegaram à conclusão que precisavam de uma empregada, assim uma espécie de milagre que cozinhasse, limpasse, arrumasse, cuidasse da bebé, atendesse telefonemas e ainda fizesse visitas ocasionais à avó da criança que, apesar de ainda muito autónoma e despachada, começava a dar mostras de algumas paranoias que convinha ir acompanhando. E arranjam. Verdade que tiveram de se mudar para os subúrbios, mas, com as taxas de juro que, apesar de astronómicas, lá conseguiam ir pagando, e com uma nova ponte sobre o rio, uma maravilha da engenharia civil fosse qual fosse o ângulo e escolaridade da abordagem, era fazível. E não foi assim tão difícil, pois o que não faltavam eram famílias pobres e desesperadas, com filhos que não conseguiam empregar e que, por um magro salário, se dispunham a trabalhar dez, doze horas por dia para uma qualquer família rica, ou de classe média emergente que fosse.

A relação dos pais de Mariana, que ia dando os primeiros sinais de colapso, podia, finalmente, respirar um pouco, à medida que a mãe transferia para a empregada uma boa parte da carga doméstica, e afetiva. O pai, embora fosse um homem sensível e culto, debatia-se com os seus próprios desafios internos que, para azar da Mariana e desespero da mãe desta, envolviam dificuldades de expressão e demonstração de afetos. Além disso, e por via da sua própria educação, mudar fraldas era daquelas coisas que nem sequer lhe fazia sentido: sabia, intelectualmente, que era preciso, mas não tinha desenvolvido as ferramentas emocionais que o teriam conduzido a querer fazê-lo, contribuindo assim para a distribuição do peso doméstico. Cada um se torna aquilo para o qual cresce. A mãe, esta, amava-o e odiava-o, oscilando entre a atração por aquele rapaz ingénuo e inteligente, que a amava perdidamente, e a repulsa por aquele ser distante, aparentemente despreocupado e frio. Por seu lado, e, como não podia deixar de ser, a mãe de Mariana também carregava as suas próprias feridas, que envolviam a expulsão do pai da sua família, na sequência de uma relação extraconjugal, e a gestão, a partir daí, de uma mãe com tendência neurótica, na fronteira da loucura. Era neste ambiente que Mariana ia crescendo, completamente inconsciente face à forma como esse clima a moldava, assim um cocktail de negligência, ausência e carinhos dispersos. Ainda assim, gozava de um muito concreto estatuto de filha única e o seu organismo sabia, de alguma forma, que a sua sobrevivência dependia daqueles adultos cheios de certezas e de dúvidas, ao mesmo tempo. Sentia tensa a relação dos pais, mas, com três anos apenas, não tinha a mínima noção do como, nem do porquê, nem de que maneira isso a afetava. Mas era uma miúda forte, e ia aguentando.

- Não podemos continuar assim – A mãe falava para o ar parado e escurecido do quarto, numa fria noite de março que, ainda assim, beneficiava de um tranquilo luar.

A Mariana dormia há mais de cinco horas sólidas, permitindo ao casal algum tempo de calma para discutir questões internas.

- Referes-te a quê? À Mariana?

A voz dele provinha, abafada, debaixo da almofada, onde costumava enfiar a cabeça para dormir. Dormir efetivamente, no entanto, era algo que fazia só com grande dificuldade, e essa noite não era exceção. Ela deu meia volta na cama, voltando as costas à lua e fazendo ranger a madeira antiga daquele pedaço histórico de mobiliário.

- Refiro-me a tudo – Retira-lhe a almofada de cima da cabeça, para que ele ouvisse, claramente, exatamente tudo a que ela se referia – Ao teu trabalho, à orquestra, ao facto de tu não falares, de haver dias em que nem sequer vês a miúda...

Agora era a vez dele de dar meia volta e ficar de peito para cima, deitado como uma tábua debaixo do edredom, a olhar para o teto sombrio do quarto. A sentir-se, uma vez mais, naquela desconfortável posição em que pairava sobre si a exigência de falar sobre o que sentia.

- Estou cansada...sinto que carrego esta casa às costas. Que carrego esta família toda – Passava as mãos pela cara, apreciando, momentaneamente, a ausência de maquilhagem – E, de ti, tenho de te arrancar tudo a saca-rolhas...

- Mas...fizemos tudo o que querias: viemos para a margem sul, arranjámos a empregada-

- Tu quase não falas... Mas, quando o fazes, parece que é tudo simples – Ela interrompe-o, impaciente.

- Eu não disse que era simples.

- Já reparaste como isto é ao fim do dia? – Ela, apesar da impaciência, aguarda uns segundos pela resposta, que não vem – Tu chegas a casa, sentas-te para jantar, acabas de comer, levantas-te e voltas a sentar-te para ler o jornal, como se não houvesse mais nada para fazer.

- Ajudo a levantar a mesa – Ele acede em sua própria defesa.

- Oh pá, também era o que faltava! – Irritada, mas ainda assim capaz de manter a voz baixa, não fosse o choro do bebé voltar e perturbar a paz noturna – Mas depois sou eu que lavo a loiça, e trato da bebé para a deitar.

- Acho que o meu irmão nos arranja uma boa máquina de lavar a loiça, a prestações.

- De negócios percebes tu...

Aquela referência à máquina de lavar, e à disponibilidade do dinheiro para o fazer, aliviou um pouco a carga, na perspetiva da mãe, cujo tom de voz se suavizou. Ele não comentou, mas sentiu a mão dela a passar-lhe sobre os pelos do peito. Passados quase três meses depois da última relação sexual, havia aspetos da relação e das praticabilidades do dia-a-dia que podiam ser colocados em pausa, pelo menos durante uns instantes. Também não questionou a ausência de contraceptivo, não fosse esse simples facto arrefecer o momento, adiando por tempo indeterminado o interesse sexual da mãe de Mariana. No subconsciente de ambos talvez pairasse a ideia de que mais um filho poderia, de alguma forma, ajudar a salvar um casamento que se ia adelgaçando. De qualquer das maneiras, o momento representava o fim do reinado de Mariana, enquanto filha única daquele jovem casal, a aprender com os contínuos desafios da vida.

O novo filho tomou forma no período de tempo usual, e a vida na casa de Mariana adaptou-se a novas exigências. “Mariana, agora não vás ao teu quarto, que o teu irmão está lá a dormir”, “Agora não posso, Mariana, porque tenho de pôr o bebé no carrinho”. O bebé, o teu irmão, o menino, o Daniel, o

Dedé...as referências àquele ser multiplicavam-se, e a Mariana sentia que ia perdendo o pouco que tinha. Ainda por cima, na sua inocência, ele era só mãe, mãe, mãe. Até deixava de comer, se a mãe não estava. Numa manifesta estratégia de sobrevivência, Mariana começou a virar-se mais para o pai: “Pai, vamos brincar”, “Pai, vem comigo ao parque”, “Olha, pai, fiz um desenho”. Eram boas e genuínas tentativas, de um organismo humano a fazer o que estava ao seu alcance para satisfazer a sua necessidade de atenção, amor e carinho. Mas o pai, cuja necessidade desses mesmos elementos básicos tinha ficado, em grande medida, por satisfazer enquanto crescia, sentia-se limitado e inadequado para oferecer à miúda o que ela necessitava. A tensão ia crescendo, e a frustração de Mariana aprofundando-se. Nas profundezas do seu inconsciente, sentia-se cada vez mais só e desamparada, e a culpa era daquele fedelho. Apesar dela própria ter três anos e meio mais que o bebé de dois anos, sentado na sua cadeirinha, à beira da mesa da cozinha, dificilmente se lhe poderia atribuir a consciente responsabilidade de lhe ter espetado um garfo na bochecha. Ela só sentia que algo não estava bem na sua vida, e talvez esse ato mudasse alguma coisa. E mudou. Só que, do seu ponto de vista, para pior. Os seus pais, assim que ouviram o berreiro do bebé, e perceberam que não tinha sido ele a espetar o garfo em si próprio, viraram-se para uma Mariana assustada e incapaz de justificar o que tinha acabado de fazer. Apesar de não lhe terem batido, deram-lhe um valente sermão e puseram-na de castigo. No fundo, estavam tão ignorantes quanto ela relativamente ao sucedido e às respetivas causas emocionais. O pai, que já era, em grande medida, distante, distanciou-se ainda mais, pressentindo a proximidade emocional como uma sensação de perigo à sua própria estabilidade. Lá em cima, na sua torre de marfim, a vista era bonita e a razão imperava; era cá em baixo, no entanto, no meio do esterco e da confusão da condição humana, que a vida se desenrolava. E nem ele estava isento dessa condição. A mãe, por sua vez, agarrou-se ainda mais ao menino, no medo de o perder para uma família que lhe parecia cada vez mais hostil. Dedicava-lhe todo o pouco tempo que tinha, para o desespero da miúda que, aos poucos, ia enfiando para dentro o vazio das suas necessidades por satisfazer. Na tentativa de se justificar, sem que isso ascendesse, no entanto, acima do véu da consciência, ia-lhe dizendo: “Tu és tal-e-qual o teu pai”. E era dois-em-um, pois enfiava no mesmo saco o seu desprezo pelos traços de personalidade do marido que a exasperavam. A Mariana ouvia, e até parecia que não ouvia, pois não respondia, mas a mensagem ia passando. “Tu és igual ao teu pai”. Aos poucos, ia-se perdendo a menina espontânea e terna, dando lugar a uma rapariga investida em ocultar as suas necessidades e em reproduzir a versão do pai tal como o percecionava: “Tu és igual ao teu pai”.

De resto, a Mariana crescia normalmente, tão normal quanto o era considerado pela sociedade no seio da qual vivia, naquele momento da História. Os seios, as ancas, a menstruação, os primeiros namoricos junto dos rapazes, tudo seguia como era suposto. E também parecia menos focada no irmão, o suposto agente responsável pelo afastamento dos seus pais de si, particularmente da sua mãe. Além disso, e com o passar dos anos, começava a despontar em si o instinto maternal, cuja principal característica é o de atender às necessidades de outros seres humanos, mesmo quando esse ser humano calha ser o seu próprio e desprezado irmão.

- Vai, vai, experimenta daí, ‘bora! – O primo do Daniel, pouco mais novo que ele, incentivava-o a saltar para a água.

A Mariana, agora com dezasseis anos, tinha sido incumbida com a responsabilidade de levar o irmão e os primos ao que os locais da ilha apelidavam de “praia”: um complexo de plataformas e escadarias em betão, construído entre os calhaus da costa do Funchal. Aí, os miúdos faziam, basicamente, o que lhes apetecia, o que significava algumas coisas boas ou inócuas, bem como uma quantidade desconhecida de coisas estúpidas que, felizmente, nem todas chegavam ao conhecimento dos respetivos pais. Uma dessas coisas era o que o Daniel, incentivado pelo primo, se preparava para fazer. Sorridente e enérgico, o miúdo subia para a plataforma mais elevada, uns bons seis ou sete metros acima do nível da água. À sua volta, as pessoas não mostravam estar muito preocupadas, incluindo a

sua irmã, já que os miúdos passavam ali os dias inteiros a fazer parvoíces, e aquela nem parecia ser das mais perigosas. O que o Daniel não previa, nem o primo, nem a sua irmã, era que o nível da água baixasse repentinamente, precisamente no momento que o miúdo entrava, de cabeça, na água. Chamava-se ondulação, e já batia aquelas costas desde tempos imemoriais, mas os humanos esquecem-se facilmente das coisas se delas não forem recordados. Para seu azar, então, essa entrada fez-se com não mais do que trinta centímetros de água, à medida que a onda recuava, e o calhau acabou amparando a queda do miúdo, que terá sentido apenas um golpe surdo na cabeça, passado despercebido no meio da água, da adrenalina e excitação do momento. No entanto, Mariana vê, num súbito pânico, o seu irmão a erguer-se da escada, tão sorridente quanto o tinha visto saltar, mas com metade do rosto pintado de sangue.

- Daniel! Estás bem?... – O miúdo pressentia que algo não estava bem, pela cara da irmã, mas não conseguia identificar o que era, até olhar para baixo e começar a ver as gotas de sangue a cair no chão e sobre os calções de banho.

- Como é que foste fazer isto?! A sério...

Nesse momento, o instinto protetor sobrepôs-se a tudo o resto, e a Mariana fez o que era preciso para cuidar do irmão. Limpou-lhe a cabeça e o torso com uma toalha, e tratou de arranjar ajuda.

- Carrega na ferida, com a toalha. Vamos à receção chamar a tia.

A passo duplo, subiram a escadaria até à receção, e logo alguém entrou em contacto com a tia, que era médica. O facto de ser médica analista não interessava muito, pois o meio era pequeno e os médicos conheciam-se todos. Em dez minutos, já a tia recolhia os sobrinhos para os levar ao hospital. O seu semblante era sério, mas reconhecia-se facilmente a expressão de aprovação na direção de Mariana: ela tinha mostrado, claramente, que era capaz de lidar com situações-limite, e que cuidava devidamente do seu irmão mais novo.

- Então o que é que temos aqui? – O médico de serviço nas urgências do hospital estava bem-disposto, talvez porque podia, finalmente, tirar uma pequena pausa do rol de outros traumatizados que não eram sobrinhos da colega, e de uma série de “habitués” que convergiam à sala de urgências.

- Ele atirou-se para a água e bateu com a cabeça. Estes putos pensam que são super-homens... - A tia tinha, discretamente, indicado a Mariana que fosse ela a seguir para a sala de tratamento com o irmão, pelo que era agora Mariana que explicava ao médico e enfermeira o sucedido.

Estes deitaram o miúdo na marquesa, trazendo um candeeiro enorme para lhe iluminar a cabeça.

- Dói-te só a cabeça, ou também o pescoço, por exemplo? – O médico e a enfermeira iam olhando para a ferida, localizada no limite entre a testa e o escalpe, acima do olho esquerdo.

- Só a cabeça – O miúdo ia colaborando, apesar da dor que ia aumentando, à medida que a zona do embate ia arrefecendo.

De luvas plastificadas vestidas, o médico tocava nos tecidos à volta da ferida.

- Creio tratar-se de uma contusão simples. Não há vestígios de fratura. O que é que achas?

A enfermeira aproximou-se novamente do foco de luz, a sua face tão perto da do Daniel que este conseguia sentir-lhe o hálito. A sua expressão concentrada mostrava, no entanto, agrado pelo facto do médico lhe ter pedido a sua opinião.

- Concordo. É só cozer.

- Vamos a isso, então.

O médico e a enfermeira moviam-se na fluidez de muitos anos de serviço. Automaticamente, ele preparou a anestesia local, e ela a agulha em forma de unha, juntamente com o fio, para a costura. Sob o olhar atento de Mariana, ele colocou o pano assético com uma abertura, para isolar a ferida sobre a cabeça do seu irmão, para finalmente iniciar o procedimento.

- Vamos a isto, então – No sotaque carregado local, o médico dirige-se ao rapaz, agora com a cara coberta pela toalha hospitalar – Vais sentir uma pica.

Agora que o procedimento estava nas mãos do médico, Mariana voltava, gradualmente, para os seus próprios pensamentos e preocupações, que raramente incluíam o irmão. Mas era mútuo: o miúdo também não nutria por ela uma paixão particular. Eram só duas pessoas meio estranhas uma para a outra, que por um acaso da vida tinham nascido dos mesmos pais.

A Mariana gostava de música. Não fossem filhos da mesma mãe, ela e o irmão tinham sido encaminhados, cada um na sua devida altura, para a escola de música clássica. Mas o que a mãe queria para os filhos, ou gostava que fossem as suas opções, era uma coisa: outra coisa era o que ela própria sentia a esse respeito. E foi isso, precisamente, que a fez desistir, um par de anos depois de ter entrado. No entanto, note-se, era largamente reconhecido, inclusive por si, um talento claro, em particular no sopro através da flauta transversal. Soprar na flauta gostava; não gostava era de tocar música clássica com esta. Porque estava a desenvolver, naquela transição entre os anos 80 e 90, um profundo ouvido para o rock, e seu derivado mais pesado hard rock, pelo que andar a decorar transcrições de uma qualquer sonata de Bach para a flauta transversal não lhe soava a divertimento. Já apanhar de ouvido os refrões dos Europe ou dos Bon Jovi, e tocá-los na flauta, era muito mais interessante. Fazia isso no recato confortável do seu quarto, cujas paredes estavam forradas a posters dos ídolos dessas bandas, curiosamente todas constituídas por homens. Daí até se meter numa banda, foi um instante. Em Almada, nessa altura, a banda de garagem era uma espécie de instituição, e qualquer adolescente ou jovem adulto com a mínima ambição em termos de showbiz, tinha de passar por uma. E Mariana não era exceção, tanto em termos de ambição como no local dos ensaios. Aos sábados à tarde, religiosamente, os elementos da banda encontravam-se num lugar de garagem, num prédio tal como aquele em que morava Mariana, no limiar, sempre em expansão, entre a cidade e o campo. Ela levava-se a si, muito orgulhosamente, e a caixa preta onde guardava a sua flauta transversal. Era a vocalista da banda e, embora não fosse, usualmente, a autora da componente instrumental, sabia que o seu lugar era à frente, a ser vista por todos, público e elementos da banda, como a líder. Estava a esculpir a sua personalidade, e a liderança era um lugar, para si, natural; uma posição que a mantinha longe daquela sensação de impotência e fragilidade que tão bem conhecia enquanto criança. Seguia para a frente e sorria, transbordando de autoconfiança.

Um dia, por uma qualquer questão logística dos pais, teve de levar o irmão ao ensaio. Naquele dia, Mariana ficara de passar na casa do Vitor, o baixista da banda, antes de irem para a garagem.

- Ii, que cena fixe, trouxeste o teu irmão!... – O Vitor era um pouco mais velho que Mariana, mas já trabalhava, muito embora ainda vivesse em casa dos pais. Que, nesse dia e a essa hora, não estavam.

A Mariana encolheu os ombros, cumprimentou o Vitor e foi para a casa de banho.

- Atão puto! Tu é que és o Daniel, certo?

O miúdo estava deslumbrado com o entusiasmo do Vitor. Enquanto Mariana tratava do seu penso higiénico, ou defecava, ou acertava o rímel sobre as pestanas, o Vitor mostrava ao puto o seu quarto.

- Este é o teu baixo?

- Yep. Queres tocar nele? – O Vitor mostrava os dentes, que tinham uma franca abertura entre os dois incisivos, num genuíno sorriso.

Os olhinhos do Daniel brilhavam. Acenou vigorosamente com a cabeça. O Vitor pegou logo no saco, e correu os fechos para tirar o instrumento. A seguir, colocou-o sobre o colo do miúdo, entretanto sentado na sua cama.

- Pões a mão direita aqui, e a mão esquerda deste lado – O bom do Vitor sentia realmente prazer em mostrar o baixo ao irmão mais novo da Mariana. Ser filho único, na sua ótica, também poderia trazer as suas desvantagens – E já estás a tocar!

O miúdo esticava-se sobre a enorme guitarra, mas parecia desenvencilhar-se bem, tendo em conta que nunca tinha posto as mãos em cima de um baixo. Um bocado sem querer, mas querendo muito, ao mesmo tempo, lá sacou um par de notas, imediatamente celebradas pelo Vitor.

- Eh pá, brutal! Tens jeito para esta cena...

Entretanto, a Mariana regressara do sanitário, e esperava sob a padieira da porta do quarto.

- Mariana, curtiste isto? Este puto anda a treinar, ou quê?...

Em resposta, ela limita-se a encolher os ombros. Lembrando-se das horas, aproveita para consultar o relógio.

- Olha, ‘bora lá. Antes que o ensaio atrase – Mariana não estava chateada, zangada ou com inveja, após testemunhar o entusiasmo do seu colega de banda pelo seu irmão. Não estava nada: não sentia absolutamente nada a esse respeito. Apenas constatava que os estava a atrasar na chegada ao ensaio.

O Vitor, afagando o cabelo do rapaz, e mantendo aquele largo sorriso, voltou a pegar no instrumento e a enfiá-lo no saco. No caminho para o carro, ia observando o bambolear das ancas de Mariana, imaginando que, com elas, poderia praticar outras coisas para além de música. Sentia-se atraído por aquela aparente, e inacabada, solidez; aquilo que se poderia chamar, na gíria machista local, de “uma mulher com tomates”. Isto não queria dizer, e Vitor sabia-o intuitivamente, que Mariana fosse masculina, ou masculinizada. Era apenas uma miúda que tinha construído, com sucesso, todo um invólucro de força e resistência, para sobreviver a tudo com o qual a vida a tinha presenteado até ao momento. Curiosamente, e o Vitor era sensível o suficiente para o distinguir, havia em Mariana um lado emotivo, cujos contornos eram menos claros, mesmo para o observador atento, mas que Vitor estava disposto a descobrir.

Um dia, depois do ensaio, foram sair. Ia a banda toda, mais uns quantos “insiders”, para a zona dos bares onde deambulavam as aves noturnas da margem Sul. Músicos, artistas, os freaks do costume e um alargado leque de noctívagos dava corpo e animação ao sítio escolhido. Ouvia-se música, no limiar do discernível, tendo em conta os decibéis das conversas e das gargalhadas. Ao canto da mesa onde a banda tinha assentado arraiais, Vitor e Mariana namoriscavam.

- Já estou assim, a-modos-que-um-pouco-bêbado... - Vitor confessava o facto a Mariana, de lábios a um centímetro da sua orelha, também porque era uma boa estratégia para se fazer ouvir, no meio da cacofonia geral.

Mariana desata-se a rir. O que, naturalmente, contagia o rapaz ao seu lado, ficando os dois pairar naquele riso ébrio um par de minutos, enquanto se tocam e aproximam um do outro. É agora a vez dela de aproximar os seus lábios da orelha de Vitor.

- Já somos dois – E, para o confirmar, dá um último gole no vodka laranja que tinha sobre a mesa, à sua frente.

Vitor aproxima-se novamente.

- Adoro quando cantas o “Cadillac”. Aquilo és tu, Mar...

Numa fração de segundo, viram-se um para o outro, com os olhos a brilhar.

- “Jesus Christ, where did you get that Cadillac?!” – Cantam, alto e bom som, em uníssono.

As cabeças à volta da mesa rodam na sua direção, mostrando sorrisos de reconhecimento e satisfação.

- “Balls to you honey, she ain’t never comin’ back!” – Repetem todos, levantando os copos.

Baixando os braços, e respetivos copos, as conversas voltam ao seu volume médio, e Vitor e Mariana ao seu canto de confidências.

- Quero-te – Vitor não resiste em dizer, a Mariana, o que já deambulava no seu espírito há muito tempo, tornado ali mais fácil pela descontração e pela bebida.

Mariana sorri, olhando-o de esguelha. Aquilo soava-lhe bem, mas havia um receio. Afinal, nunca tinha experimentado sexo com alguém. Mas a boa disposição e a bebida também a ajudavam a descontrair, pelo que, antes que o Vitor pudesse perceber exatamente qual a sua reação, vira-se para ele e espeta-lhe o que era conhecido, também na gíria local, como “um ganda chocho”. À roda da mesa todos repararam, embora não houvessem grandes manifestações de surpresa, já que há bastante tempo que o Vitor não conseguia propriamente ocultar o seu fascínio e atração pela vocalista e líder da banda. A coisa normalizou-se, enquanto o recém-formado casal se entretinha ali na marmelada, mas, internamente, a excitação escalava, e já ambos sentiam que era altura de ir embora. Vitor, que estava numa noite de iniciativas, levanta-se no sentido de se despedir da malta, seguido por Mariana, que aproveita para ajeitar a mini saia por cima dos collants estilo gótico. Após os breves abraços e beijinhos de despedida, juntamente com os sorrisos cúmplices dos colegas da banda, Vitor e Mariana vêem-se fora do bar, a caminhar na direção e sentido da casa do Vitor. Era cerca de vinte minutos a pé, o suficiente para retirar aquela goma mais agreste do álcool, mas deixando um pouco do seu efeito relaxante e divertido. Estava fresco, pelo que desciam a rua do Vitor abraçados.

- Estamos com sorte. Os meus pais foram passar o fim-de-semana à terra, outra vez – O Vitor já retirava as chaves de casa do bolso minúsculo das calças, usadas justas e rasgadas nos joelhos. Mariana estaca à porta do prédio.

- Não disse aos meus pais que não dormia em casa.

Ele olha para ela, com uma expressão alarmada.

- Lá, pá, a sério...Não temos de fazer isto hoje – O Vitor estava com vontade, mas era muito respeitador – Desculpa, se...

Ela vira-se para ele, abraçando-o apaixonadamente.

- Mas também não será agora que vou lá dizer-lhes – Beijam-se demoradamente – Que se lixe.

Emitindo um risinho nervoso, o Vitor mete a chave à porta, seguindo juntos, de mão dada, escada acima até ao primeiro andar. Já dentro de casa, seguem diretos para o quarto dele. Abraçados e aos beijos, sentam-se na cama. É aí que se apercebem que estão calçados, o que tem de ser resolvido rapidamente. Mariana encosta-se para trás e deixa que o Vitor faça o serviço, o que não é trivial dado tratarem-se de botas Doc Martens, com aqueles atacadores até acima. Mas ele conhece bem esse estilo de sapatos com atacadores compridos, já que os seus All Star também os têm e, pacientemente, retira-os até ao ponto em que as botas deslizam confortavelmente para longe dos pés. Faz o mesmo com os seus ténis. Ele e Mariana vão-se enroscando como podem na sua cama de solteiro, retirando a roupa aos poucos, já que esta ocupa demasiado espaço e cria obstrução ao ato do amor. Galvanizado e sob o encanto das carnes e do cheiro emanado por Mariana, o Vitor prossegue uma linha imaginária de beijos, do peito ao seu umbigo, enquanto ela começa a arquear de prazer. Toca-lhe no clitóris com

a língua. Ela nem sabe bem o que ele está a fazer, mas sabe-lhe bem. Ele continua a excitá-la com a boca, até sentir o impulso para a penetração.

- Nunca fiz isto – Mariana não transmite vergonha, mas o seu tom inspira cuidado.

- Calculei que sim – O Vitor adquire, de repente, um ar muito sério, mas pleno de compaixão. Queria, verdadeiramente, tratar a Mariana da melhor maneira possível – E, está descansada que tenho preservativos.

Ela faz uma pausa, até que um sorriso maroto lhe aparece desenhado na face.

- Vais buscar um, vais?

Ele olha para ela nos olhos e acede, em silêncio. Os ditos estavam na mesa de cabeceira, pelo que nem precisou de se levantar. Entretanto, estavam ambos mais conscientes e menos excitados. Ele abre, calmamente, a caixa e retira um, abrindo a capa de dentro e ficando com este a baloiçar na mão.

- Quero pôr-te...deixas-me?

Entretanto, as coisas tinham esmorecido um pouco. Mas Mariana estava disposta a despertar o interesse de Vitor e, hesitante, aproxima a mão da sua pélvis. Aquele toque, inocente e curioso era, só por si, excitação suficiente, e ela aí soube o que fazer. Lenta, mas decididamente, Vitor move-se sobre ela que, instintivamente, o acolhe de pernas abertas. À entrada doeu-lhe um pouco, como era inevitável, mas, a partir daí, foi só prazer.

A Mariana andava bem, andava feliz. A banda dava concertos, tinha prazer com o Vitor, ia conseguir entrar para a faculdade. Ia-se mudar para Lisboa. Esta última parte deixava o Vitor apreensivo, mas ela ia-lhe dizendo que gostava dele, empurrando a coisa para a frente. Que viria à margem Sul aos fins de semana. E, ao início, aparecia. O Vitor também chegara a ir, em algumas ocasiões, à margem Norte, para uns encontros de fim-de-tarde, que depois se arrastavam e ele, com os transportes, acabava chegando a casa às tantas, o que lhe saía do pelo. Um dia, confrontou-a com a situação.

- Mariana...

- Uhm...

Tinham estado a fazer amor, e ambos os corpos estavam suados e relaxados. O Vitor tinha receio de levantar o assunto, mas, no rescaldo da atividade sentiu que o momento era propício.

- Ouve, estive a pensar – Apoiando-se sobre o cotovelo direito, inclina o corpo de lado sobre a cama, ficando a olhar para ela, imóvel e completamente nua, de barriga para cima, a respirar calmamente – Talvez eu pudesse arranjar um trabalho em Lisboa, e a gente arranjava um apartamentozinho, sei lá, não muito longe da tua faculdade. Os meus pais ajudariam, se lhes pedir, e os teus também, penso, para partilharmos as despesas... O que é que achas?

Mariana insurgiu-se imediatamente, abrindo os olhos e carregando o sobrolho.

- O quê?! Mas estás parvo? – Usando os cotovelos para se erguer, rapidamente se sentou na cama, de pernas cruzadas, voltada para Vitor. Aquilo soava-lhe, definitivamente, a uma afronta.

- Eu ainda estou a estudar, lembras-te?

- Eh pá, tem calma...claro que sei que ainda estás a estudar – Ele tentava, como era seu costume, trazer alguma razoabilidade às coisas – Daí a ideia de pedirmos aos nossos pais um apoio –

- Não – Ela interrompe-o, descartando, de imediato, aquela hipótese.

O Vitor estava agora, para além de triste e irritado, também confuso.

- Pá, Vitor...não sei. Não sei se isto está a funcionar.

- Do que é que estás a falar? – A expressão dele transparecia, também, algum desespero, por cima de tudo o resto.

- A minha vida é lá do outro lado, e essa ideia de vires morar para Lisboa é, desculpa lá... Mas é um bocado estúpida.

Ele estava a ser introduzido a uma Mariana que ainda não conhecia. Olhava para ela, sem saber bem o que sentia, mas sentindo-o intensamente. Um instinto de auto preservação, temperado com um desejo mórbido de bater no fundo, desviou-o da intensão original.

- Porque é que estás a ser tão cabra?

Ela fulminou-o com um olhar agressivo, corado por um ódio súbito, embora fugaz.

- Porque sou.

E, mecanicamente, começou a agarrar as suas coisas e a vestir-se. No silêncio, tenso, ele não evita as lágrimas. Ela repara nisso, mas não sente empatia, nesse momento já fechada numa capa de frieza e indiferença. Vitor acompanha-lhe os gestos, até ela estar completamente arranjada, de mala ao ombro e pronta para sair.

- Espera, não vás... - O tom suplicante dele era genuíno, apelando aos lados de Mariana que conhecia, e gostava.

Mas ela já passara à frente, e aquele estado só lhe inspirava pena.

- Vitor...esquece.

E vira costas, simplesmente, dirigindo-se para a entrada do apartamento, saindo porta fora e deixando o Vitor a soluçar sobre a sua almofada que, há pouco mais de quinze minutos atrás, tinha testemunhado um apaixonado ato de amor. Antes de adormecer, de exaustão, física e emocional, recorda o refrão da música que tanto gostavam: “She ain’t...Never comin’ back. She ain’t never comin’ back”.

E não voltou. Continuou em frente, sem olhar para trás. Para a faculdade, para a sua vida em Lisboa. Para o Helder. O Helder era um colega que começava a interessar-se por ela, e ela a achar-lhe piada. A faculdade era uma de economia, onde ela estudava gestão. Nessa escola, gestão só poderia ser gestão de empresas, o que, no fundo, significava, gestão de dinheiro. Aí, tudo era dinheiro: os materiais eram custo, o pessoal era mão-de-obra, era custo, os impostos eram custo, a energia e a água eram custo, e o trabalho resultava em produtos, ou serviços, vendidos a dinheiro. Objetivo: manter a empresa com um balanço financeiro positivo, sempre e qualquer circunstância. No primeiro ano era tudo muito teórico, e parecia que aprendendo aqueles métodos, e aplicando aquelas estratégias, que toda e qualquer empresa sairia a ganhar. Claro que ao fim desse ano, os miúdos já começavam a desconfiar que algo não batia certo: se, no mundo empresarial, todos vendem e compram aos restantes, então balanço positivo para todos significaria mais e mais dinheiro em circulação, algo que os mais atentos já sabiam que não era o caso de um país periférico no grupo de comunidades heterogéneas chamado Comunidade Europeia. Portanto, era uma inevitabilidade estatística que alguma empresa, em algum momento, fosse abraçar balanços financeiros negativos e, eventualmente, abrir falência. Isto independentemente do que fizesse. Ainda por cima, nessa escola, os miúdos recebiam ensaboadelas de estatística, semestre sim, semestre não, pelo que a coisa ficava ainda mais flagrante. Claro que os professores, não sendo descabidos de inteligência, e com a mínima noção do inferno para o qual estavam a preparar todos aqueles ambiciosos jovens, a partir do segundo começavam a incentivá-los. “Sim, meus caros, vai haver perdedores. Não tenham ilusões acerca disso. Portanto, apetrechem-se,

cerrem fileiras, e vão à luta. Se forem mais fortes que a concorrência, vocês vão ganhar.” Ao fim de um par de semestres, depois desse momento, os que ainda não tinham desistido continuavam, de maxilares apertados, a sua marcha solitária em direção ao sucesso. Ou à falência. A Mariana gostava desse espírito. Em todo o caso, a ideia de que, por algum milagre, todos pudessem sair a ganhar, soava-lhe estúpido. Algo sem sentido. Da sua experiência, a crescer no seio da sua família, no seu bairro, na sua cidade, tudo era ganho com esforço e, às vezes, nem assim. Ou seja, às vezes nem com esforço era possível ganhar. Portanto, ela iria ser mais, fazer melhor, correr mais rápido, estar mais à frente. Esmagando a concorrência, ela iria ganhar.

O Helder...o Helder era engraçado. Às vezes, Mariana dava consigo a pensar se ele não andaria naquele curso por engano. Porque ele estava sempre bem-disposto, ria quase que por desporto, e metia-se com ela.

- Mariana, relaxa!... – Naquela manhã de abril, os raios de Sol entravam no bar daquele pavilhão da faculdade, refletidos de forma diversa nas mesas e outras superfícies, emprestando um brilho especial ao seu sorriso.

- Relaxa, como? – A Mariana estava mais divertida que preocupada, com aquela recomendação.

- Pá, estás sempre tão tensa...olha-me só para esses ombros – De impulso, mas descontraidamente, pousa-lha a mão sobre o ombro direito, massajando suavemente. Mas logo a retirando, após uns segundos.

- A minha mãe diz que fiquei com estes ombros depois das aulas de natação.

Estavam ali numa hora morta, por um dos professores ter faltado, enquanto esperavam pela aula seguinte. O movimento no bar também andava lento, já que a maioria dos alunos estava nas aulas, sobrando apenas um ou outro solitário, estudando, ou esperando companhia. O Helder parecia, de facto, descontraído e alegre, sob as lentes dos seus óculos ovalizados, mas sob a superfície da sua pele existia o desejo e a ansiedade de tocar na Mariana. O que era, ao mesmo tempo, assustador.

- Ouve – Ele esbugalhava os olhos, que pareciam ainda maiores através das lentes – Na sexta-feira vou sair com dois amigos...

Deixou a frase suspensa, momentaneamente, enquanto ganhava coragem para introduzir o resto.

- Ok, boa – Ela, talvez seguindo, precisamente, a recomendação para relaxar que se lhe tinha sido dirigida uns instantes atrás, estava menos tensa que o habitual, e a sua cabeça quase vazia – Bom para vocês.

- Ia-te convidar para vires connosco – Com o final da frase, sentiu-se logo mais aliviado.

Mariana estava, de facto, a gostar do desenrolar da conversa, decidindo dar alguma rédea solta a um humor seu, muito próprio, que só partilhava quando estava particularmente bem disposta.

- Ias? E já não vais?...

- Uh, ia...e vou, claro que sim. Estou a convidar-te...queres vir?

Ela olha para ele, divertida, retirando até algum prazer daquela atrapalhão e do poder que podia exercer sobre aquele rapaz inteligente e, por vezes, hilariante. Não lhe respondeu logo, deixando aquele convite ali a pairar, a difundir-se e a misturar-se com a radiação direta e refletida que preenchia o bar dos alunos. Ele mantinha o mesmo sorriso do início, mas agora temperado por um arco de incerteza. Tentava olhar, desafetado, para ela, para o espaço do bar, para os punhos da sua camisa impecavelmente engomada. Ao fim de algum tempo, que certamente terá passado de forma diferente para cada um deles, ela levanta-se, consultando o relógio.

- Olha, tenho aula agora. Diz-me só onde e a que horas.

Ele, por uns instantes, paralisa, ficando só a piscar os olhos de frente para Mariana.

- Alô? Terra para Helder?... – Diz ela, estalando os dedos junto ao nariz dele.

- Lá, iá...claro. Praça do Areeiro, dez e meia.

E fica a vê-la a ajeitar o cabelo enquanto saía, num passo apressado, do bar. Só após mais alguns segundos de feitiço, desperta para a apreciação de todos os seus sentidos, ajeitando o cabelo ondulado e o “pull-over” que sempre trazia sobre os ombros, mas que raramente, e efetivamente, vestia.

No dia e à hora combinada, ela apareceu no Areeiro, onde os rapazes já a esperavam. Em termos de indumentária, pareciam fotocópias do Helder, e fotocópias entre si, mas Mariana não ocultava a sua preferência por aqueles cabelos encaracolados e óculos arredondados, que ampliavam os olhos míopes do Helder. Também ela, desde a altura do Vitor, mudara apreciavelmente a sua forma de vestir; trocara as Doc Martens por umas sandálias de couro ou por uns Allstar, e o casaco de cabedal por uma sweat da Benetton. Já não destoava tanto dos betos da faculdade, nem do Helder e seus amigos. Em termos de saída à noite, essa noite não terá sido especial: estacionaram o carro no parque do Camões, subindo pela rua da Rosa e correndo umas quantas capelinhas do Bairro, como tantos outros estudantes de faculdade e fãs de bares pequenos e bebidas baratas. O Helder estava mais excitado do que habitualmente, já que não era habitual sair com raparigas, e ainda por cima com uma que o interessava particularmente. Ela, para mais, ria-se das suas piadas e parvoíces, o que o motivava, se bem que à custa de um crescente desconforto na zona dos intestinos. Também não podia beber muito, pois tinha de conduzir no regresso, pelo que se mantinha consciente, enquanto os seus amigos se embriagavam. À saída do último bar, os outros dois rapazes ziguezagueavam até à casa-de-banho, para verter toda a cerveja que tinham bebido, e ele e Mariana vieram cá para fora, apanhar o fresco da madrugada Lisboaeta. Assim que puseram o pé na rua, agora bastante menos ocupada do que quando lá tinham chegado, Mariana agarrou-se a ele. Não estava tão bêbeda que justificasse o encosto, mas ela queria apoiar-se no Helder. Há momentos em que o corpo faz aquilo que a mente se recusa a admitir que precisa. Ele ficou muito sério de repente, mas, interiormente, um grande sorriso começava a desenhar-se. Abraçados, andaram até ao estacionamento, atrás dos dois amigos do Helder, que seguiam aos esses, a uma distância confortável do par. Já no carro, estes iam lançando tiradas ébrias um ao outro, e rindo-se muito, mas agora já não incluindo Helder e Mariana, pois claramente, e mesmo para eles, algo tinha mudado na sua relação. Depois de os deixar em casa, Helder seguiu para a morada de Mariana, entretendo uma agradável sensação de missão cumprida e de protetor da rapariga sentada no lugar ao seu lado, já tão cansada que deixara cair a cabeça para o lado, de olhos fechados. Mas ele sabia que ela não estava a dormir.

- Mariana...chegámos – Estaciona o carro, suavemente, puxando o travão de mão.

Ela abre os olhos, mas não se mexe imediatamente.

- Eu levo-te à porta.

Enquanto ela puxava, lentamente, pela bolsa, e se libertava do cinto de segurança, ele dava a volta ao carro e abria-lhe a porta.

- Desculpa, ainda estou um bocado bêbeda.

- Oh pá...já vi muito pior.

Naturalmente, como se fosse um gesto ao qual estavam habituados, abraçaram-se de novo, enquanto Helder compensava, impercetivelmente, o equilíbrio instável de Mariana. Após uma breve caminhada,

estacaram à porta do prédio, reparando na rua deserta e olhando um para o outro sob a luz monocromática dos candeeiros públicos. Eram quase quatro da manhã. Não falavam; talvez para não perturbar o silêncio que ia condensando sobre os tejadilhos dos carros. O cansaço e o álcool, que ainda corria nas veias de Mariana, e cujo efeito ia passando, baixavam, parcialmente, aquela disposição de durona que normalmente carregava. Além disso, junto do Helder, sentia, também, uma estranha segurança: algo como se pudesse, como se sentisse que podia ser realmente ela, sem necessidade de levantar as suas defesas automáticas. E, nesse estado, deixar-se proteger por ele. Não sabia se podia, ou se devia sequear, mas confiava naquele filho de pais ricos que, embora acreditasse no poder do capital, em benefício da humanidade, na verdade só queria encontrar um lar para o seu coração perdido. Embora nenhum deles tenha percebido exatamente o que se estava a passar, o facto é que olhavam um para o outro, encostados, e a mão de Mariana, guiada por uma subtil força sobrenatural, foi passar suavemente sobre a bochecha impecavelmente barbeada do Helder. Nesse seguimento, e imbuído da mesma suavidade, ele baixa e inclina a cabeça para a frente, ligeiramente, beijando Mariana na boca. Tranquilamente, sem lapsos, sem nervosismos, sem ansiedade. Beijaram-se como se aquele beijo fosse o resultado de um amor maduro.

No dia seguinte, já se tratavam como namorados. O sexo veio mais tarde; não havia pressa, pois aquela ligação soava-lhes natural, e toda a gente à sua volta parecia confirmá-lo. Não passou muito tempo até o Helder engrajar com o irmão de Mariana, que, trazendo memórias agradáveis do Vitor, assumiu que este também seria porreiro. E não se enganou. Era porreiro, embora gostasse de guiar rápido. Uma vez, calhou ter de dar boleia ao miúdo, da Costa da Caparica para Lisboa. Acelerou até aos cento e oitenta, numa via cujo limite estava nos usuais cento e vinte. Ainda assim, o facto é que o rapaz não se queixou, sentindo-se completamente em segurança num carro dirigido pelo Helder, fosse qual fosse a velocidade. Quando era a Mariana a conduzir, era engraçado.

- Ai...Chica, Mariana... - O Helder fingia preocupação com a condução, empertigando o corpo e abrindo muito os olhos.

Ela, com aquele ar mais rígido que sempre adquiria quando punha as mãos no volante, começava logo a abrir fendas e a mostrar um sorriso brincalhão. Ela estaria a executar uma qualquer manobra trivial, ou a realizar uma curva fácil.

- Cuidado...Apre – E, para exagerar no efeito, levantava a mão para segurar no apoio de mão sobre a porta do carro.

Ele conseguia, como ninguém, amolecer a Mariana, trazendo-a para um lugar mais compassivo e relaxado, desarmando-a sem que disso ela se apercebesse. Via através dela, e gostava realmente dela, pelo que transmitir-lhe que tinha cancro foi particularmente difícil. Por carregar a doença, por ter de lhe dizer, e por ela ter de saber.

- Passou-me pela cabeça não te dizer, mas claro que reparei logo como isso era estúpido. Seria só uma questão de tempo até descobrires, e depois ficarias triste, por eu ter cancro e por não te ter contado – Estavam no carro, à saída da praia, com o Verão a despedir-se daquelas paragens e a empurrá-los, suavemente, em direção a casa – Ainda não se nota nada por fora, mas tenho um tumor na perna esquerda, que os médicos andam a tentar impedir que se alastre.

- Tu tens cancro?? – A Mariana, incrédula, agarrava-se ao volante como se a sua vida dependesse disso.

Ele abanava a cabeça, afirmativamente, com um olhar triste que, no entanto, tinha mais a ver com a sua preocupação acerca do impacto que a notícia estava a ter sobre Mariana, do que propriamente com o facto dele próprio ter cancro.

- Pá, mas tem lá calma, que eu não vou morrer disto – O seu sorriso, sincero, mostrava que a sua convicção acompanhava o seu otimismo relativamente à progressão da doença.

Continuaram a viagem, sobre a ponte, em silêncio, depois do comentário que Mariana não fez, e do seu recuo para trás daquelas suas defesas automáticas. O medo de que Helder não durasse, e não estivesse lá para a suavizar e proteger, conduzia-a de volta ao seu castelo de durona. Portanto, apertou os nós dos dedos sobre o volante e cerrou os maxilares, a preparar-se para o pior.

O Helder continuava a ser ele próprio, acreditando que ia conseguir acabar aquele curso, apesar do cancro, e que o seu amor com Mariana iria aceitar, e ultrapassar, toda aquela situação. E, de alguma forma, o seu otimismo contagiava a rapariga, pelo menos ao início. Às vezes ia com ele aos tratamentos, ficando a estudar numa mesinha que o IPO lhe emprestava, e a vida ia escorrendo, se bem que agora com um travo amargo, temperado ocasionalmente com doçura. Passados dois meses, foram informados que o Helder deveria ser operado: numa tentativa de estancar a progressão da doença, iriam amputar-lhe a perna esquerda até ao joelho.

- O quê?? – Mariana vociferava, incrédula, face a algo que lhe parecia, na sua ignorância, como uma estupidez radical, fruto de flagrante incompetência – Mas eles pensam que tu és um boi, a ir para o matadouro, ou quê?!

Como usual, a preocupação dele tinha mais a ver com o estado de espírito de Mariana, do que com a sua própria saúde.

- Pá, não, Mariana... A sério: não é assim. Eles estão a tentar, mas esta cena progride através dos ossos. Se a minha vida não estivesse em risco, obviamente que eles nem punham esta hipótese.

Parecia difícil sossegar o espírito de Mariana, que ia endurecendo, sob o olhar cada vez menos brilhante e espontâneo do Helder. Este tinha, agora, não só de lidar com o seu cancro galopante, mas também com uma Mariana em franco recuo em direção à sua fortaleza. Mas ele tinha visto, tinha testemunhado de perto o núcleo doce, sensível e excitante daquela jovem adulta: algo que não conseguia des-ver. Iria lutar por ela, enquanto as suas forças lho permitissem. No entanto, essas forças não lhe terão permitido impedir que Mariana mudasse de rumo, sendo que o rumo do cancro parecia implacável. Meses após a primeira operação, durante os quais até tinham sido sentidos alguns sinais de melhoria na saúde do rapaz, e em que até ia conseguir acabar o segundo ano da faculdade, embora chumbando a duas cadeiras, o cancro voltava a presenteá-lo com mais uma surpresa desagradável: continuava ativo, na parte da perna que não tinha sido amputada. Nessas férias de Verão, passou quase o tempo todo em exames, no IPO, com os médicos a tentar achar a fórmula para exterminar aquela forma de vida degenerada que, caso eles não intervissem, e corretamente, iria acabar com o Helder. Entretanto, a Mariana ia-se desligando, já que era a única forma que conhecia de não sofrer. Sabia que gostava do Helder, e era precisamente por isso que se afastava: se pelo menos ele pudesse, um dia, vir ter com ela e só dizer-lhe que já não tinha cancro e que podiam continuar com a sua vida, juntos, tal como dantes. Ia aparecendo, pontualmente, porque ele, afinal, ainda estava vivo, e ninguém lhe tinha dito que ia morrer. No entanto, lá no fundo do seu coração, só esperava por alguma coisa que a libertasse daquela morte lenta. E essa coisa terá sido a notícia de que o Helder teria de visitar, novamente, o bloco operatório.

- É isso, chuchu – Ele fazia os possíveis para aligeirar a coisa, enquanto se deixava percorrer por uma bateria de químicos, na suposta quimioterapia, que supostamente o iria livrar do cancro – Ainda mal começaram as aulas, e já vou começar a faltar.

- A sério, Helder – O tom de Mariana era um de desistência – Estes carneiros estão a cortar-te às postas...

- Entre a perna e morrer, acho que prefiro viver sem a perna...

- Claro, eu sei...eu sei.

Mariana, sem querer, termina a frase de forma insegura, levantando o véu sobre o que já lhe tinha ocorrido, mas que não planeava para aquele momento em concreto. Fica um pouco a morder os lábios, firmemente cerrados.

- Mariana, eu sei que isto é difícil...

- Helder, escuta – Levanta para ele um olhar mais endurecido – Estive a pensar, e acho que isto não funciona... não funciona para mim, pelo menos. Tu estás sempre aqui, e eu sempre com medo que já não estejas...vivo.

- Eu sei que não parece, chuchu... Mas eu também sinto medo – Ele deixa escapar um sorriso triste.

- Eu já não aguento mais, Helder – Com os olhos marejados de água, percorre a imagem da sala, com as suas cadeiras, embalagens com químicos, e pessoas sofridas ligadas a tubinhos – Desculpa.

- Mariana... não me deixes aqui – O tom, agora, é suplicante – Por favor.

- Desculpa.

Levanta-se e, rapidamente, deposita-lhe um beijo na boca, à flor da pele. Tensa, vira as costas ao Helder e sai da sala dos tratamentos, à procura de um sítio para ir chorar.

Durante uns tempos, não o viu, de todo. Tanto quanto sabia, poderia estar morto. Mas se não estava, e ainda queria acabar aquele curso, era inevitável que se vissem, em alguma altura, na faculdade. Quando isso aconteceu, eventualmente, a perceção de Mariana era que tinham passado uns mil anos e o Helder estava, definitivamente, no passado. Ele rapidamente percebeu isso, e afastou-se dela, com as suas muletas e a sua única perna. “She ain’t never comin’ back”. Mariana continuava em frente, como sempre fazia, sem olhar para trás. O próximo objetivo era terminar o curso, o que acabou por fazer dentro do tempo previsto. O pai andava a sondá-la, logo desde o início do último ano da universidade, a ver se a recrutava para gerir as empresas, que tantas dores de cabeça lhe davam, e tinham dado nos últimos anos. Ele queria muito deixar descendência à frente das empresas, e a filha, na eminência de se formar em, precisamente, gestão de empresas, parecia ser o candidato ideal. “És tal-e-qual o teu pai”, era o que a mãe lhe dizia. Mas Mariana também tinha um lado rebelde, sendo que, naquele momento, sentia-se ambivalente. Continuar o percurso do pai, para que ele se pudesse reformar em paz, daí a uns anos? Ou rejeitar aquilo tudo e seguir por conta própria?

Quando aceitou ceder às insidiosas pressões do pai não foi por pena dele, cujo trabalho de uma vida estava em risco de colapsar ou por estar a descontinuar uma linhagem de gestores de empresas que já vinha do pai dele. Também não terá sido por genuína vontade de gerir as empresas dele, já que empreitadas de instalações elétricas, gás canalizado e telecomunicações não lhe diziam absolutamente nada. Foi por medo. Medo de não conseguir seguir por conta própria, agora que a fase das empresas de brincar estava terminada. Era fácil dar uma de durona na faculdade, onde o pior que poderia acontecer era um chumbo na pauta. Na vida real, era dívidas, era crédito malparado, era confisco de bens por falta às obrigações fiscais, era famílias destruídas e destituídas. Agora era a sério. O que parecia ser, à primeira vista, uma decisão muito racional fora, afinal, uma escolha muito emocional. Aliás, como em todas as grandes decisões, e grandes escolhas. Ainda assim, e apesar do medo que a conduziu por essa via, estar envolvida na gestão das empresas do pai relevou-se uma boa aprendizagem. Não estava sozinha e tinha toda uma estrutura de suporte já erguida que, para o bem ou para o mal, gostasse ou não gostasse, a protegia da sua própria inexperiência. Poderia dar-se ao luxo de ignorar, temporariamente, que se tratavam de empresas de engenharia, de construtores e instaladores, já que, sobre a sua secretária, tudo se media em euros. Era X mil euros por obra, Y mil euros de custo com pessoal, outro tanto com fornecedores externos, era extração de índices de

rentabilidade e cálculo de taxas de lucro. Não era propriamente “rocket science”. Mas a pulga atrás da orelha de ser gestora e proprietária da sua empresa, não desapareceu. Pelo contrário, essa pulga só se tornou mais incômoda e persistente com o tempo, à medida que ela ganhava experiência nas empresas do pai e lhe crescia a confiança de que um dia seria capaz de manejar o leme da sua. O pai também ia contribuindo para o acelerar da atividade da pulga, insistindo em passar mais e mais responsabilidades para Mariana. O que era compreensível: ela era, efetivamente, capaz, e ele muito bom a delegar, o que, dependendo do ponto de vista, podia ser visto como uma qualidade ou como um defeito. Mas o certo era que Mariana já começava a ficar cheia das indiretas do pai, dizendo-lhe que isto e aquilo tinha de ser feito, aqueloutro assunto precisava de ser resolvido; tudo coisas importantes e urgentes e que ela parecia sempre ser a pessoa indicada para tratar. Começava a perceber, aos trinta e tal anos, que aquela diretiva da mãe, “tu és tal-e-qual o teu pai”, afinal não era muito rigorosa. Era até, aliás, bastante imprecisa. Finalmente, conseguia ver no pai a tendência para ser apenas um chefe: uma espécie de estratega e pensador, cujo único desígnio era indicar aos outros o caminho a seguir, sem fazer a mínima intensão de calçar as botas cardadas e empenhar a catana para o ir desbravar. Ele iria percorrê-lo a seguir, de sapatos engraxados e blazer de linha, contemplando a paisagem como se fosse obra sua. Isto sem lhe retirar qualquer mérito por tudo o que tinha feito pelas empresas, fundadas e geridas por si durante anos. Mas estava, efetivamente, a ficar cansado, e o seu chefe interior cada vez aparecia mais à luz do dia, e em estilo mais desenvolvido. Mariana sabia não ser assim. Ela não era uma pensadora, no sentido tradicional do termo, e estratega só mesmo se tivesse que ser. Ela era uma pessoa de resolver. Há um problema? Resolve-se. Alguma coisa não funciona? Arranja-se. Há papelada para assinar? Trata-se. Mas a tendência do pai para atirar problemas para cima dela parecia não ser suficiente para ela abandonar o barco. Havia um lado seu que não queria desapontá-lo e, além disso, ainda não se sentia preparada para ir enfrentar o “freak show” das empresas, fora da bolha criada pelo pai.

Mas tudo mudou quando aconteceu o que pensava ser impensável: o seu irmão acabara de abrir uma empresa. Assim, fora do contexto, parecia normal. Afinal, o irmão era só três anos e meio mais novo que ela, e tinha tirado um curso de engenharia. Era só que, tanto quanto o conhecia, ele seria a última pessoa do mundo a abrir uma empresa. Ele detestava dinheiro, e tudo o que tivesse a ver com dinheiro. Portanto, se ele era louco o suficiente para o fazer, ela também poderia tentar a sua sorte. Agora: como comunicar isso ao pai? Não tinha, propriamente, um plano para isso.

- Mariana, tenho estado a pensar – No final da refeição, enquanto os restantes estavam na cozinha a limpar e a arrumar a loiça remanescente, dirigia-se à filha num tom mais grave e sério.

- Oh, oh...

Ela, apesar de saber que aqueles inícios de frase, geralmente, significavam mais trabalho para ela, sentia-se relativamente bem-disposta, depois de uma refeição satisfatória e dois copos de vinho.

- É sobre a componente fiscal das empresas, sobretudo da principal – O pai observava-a com cuidado, à procura de sinais de interesse e comprometimento – Como sabes, a empresa já tem alguma dimensão, pelo que o processamento de impostos já é algo complexa, e cada vez é mais difícil de determinar com rigor, o que torna o planeamento do negócio, digamos...mais desafiante.

- Pois, a quem o dizes. Processar o meu IRS, em cada ano fiscal já é um filme, portanto imagino o stress do contabilista – Já estava a ver onde é que aquilo ia dar, mas não lhe ia facilitar a vida.

- Claro, Mariana, mas esse é o trabalho dele, o de processar os impostos – O pai não processa a indireta, ou finge não perceber – O nosso, é o de planear.

- O meu, pai, o meu trabalho... - O comentário sai-lhe com uma pontinha de irritação.

- Caraças, Mariana – Ele também se sente atingido, mas sabe que precisa de moderar o discurso, tendo em conta a sua dependência relativamente ao trabalho da filha – Estou a dizer-te isto, mas obviamente que estou cá se for preciso ajuda. E ainda há o meu irmão...

- Sabes muito bem que ele não faz – A boa disposição eclipsara-se, e o seu olhar focava-se, endurecido, sobre o pai.

- Eu sei que dá trabalho...E, se estou a falar-te disto, é porque reconheço, e agradeço, o trabalho que tens feito pelas empresas.

Sobre Mariana, já pairava uma escurecida nuvem cinzenta, a toldar-lhe o espírito. O reconhecimento por parte do pai já mal sabia a um bálsamo, pois sabia que o pedido implicava semanas de trabalho porque, naturalmente, tratava-se de algo que nunca tinha sido feito na empresa. O pai interpretou o silêncio como um meio consentimento, pelo que procurou dourar um pouco mais a pílula, a ver se o assunto ficava arrumado.

- Mariana, escuta – O tom era suave, e genuinamente preocupado com o bem-estar da filha, apesar de ter noção da magnitude do que lhe estava a pedir – Eu sei que dá trabalho. Mas eu já não vou para novo, e é essencial garantir que há alguém capaz, alguém que consiga gerir as empresas. As empresas são feitas de pessoas, e as pessoas destas empresas precisam de alguém, como tu, para cuidar delas e do seu futuro enquanto trabalhadoras.

A filha ouviu, e a nuvem desceu um pouco mais sobre a sua cabeça, afundando-se no seu olhar. Agora já sentia mal-estar. Não estava mesmo a imaginar-se a cuidar de algo que não tivesse criado. Não se sentia a mamã daquelas dezenas de pessoas, metade das quais nem sabia o nome.

- Pai, ouve... Eu não nasci para cuidar das tuas empresas – A forma era contundente, e a mensagem inequívoca – Desculpa, mas eu vou abrir a minha própria empresa.

O pai ficou estático, o olhar petrificado. Internamente, a sua esperança de encontrar alguém da família para tomar conta das empresas morreu nesse instante, e ele não queria acreditar no que estava a ouvir.

- Mariana...

- Não, pai – Ela tentava mostrar respeito, mas a sua paciência já tinha acabado – Eu tenho este direito. Não me podes obrigar a gerir as tuas empresas. São tuas, e eu não estou a pedir nenhuma percentagem dos proveitos de qualquer uma delas. Eu só quero criar uma coisa minha.

Ele baixou o olhar, vasculhando qualquer coisa, um milagre, algures entre as migalhas deixadas sobre a toalha do jantar. Sentia-se traído, mas sabia, também, que não tinha forma de violar a autodeterminação da filha. A sua frustração ia dando lugar à resignação. Já não tinha muito mais a dizer-lhe.

- Seja. Pensei, sinceramente, que estava a ajudar-te. Porque abrir empresas é difícil, e os primeiros anos são os piores – O pai encarava-a com um olhar triste, que ela recebia com a dureza que adquiria, em momentos de stress – Mas, obviamente, tu é que sabes. Agora preciso de pensar sobre tudo isto, mas daqui a uns dias conta-me lá esses projetos empresariais. Quero ajudar, se puder.

- Ok. Obrigado, pai.

Ele levantou-se, abatido. Mariana observou-o a voltar para a sua televisão, para descansar a cabeça um pouco, desse e outros assuntos. Na certeza, porém, que os seus caminhos profissionais divergiam, talvez para nunca mais se cruzarem.

Passado pouco tempo, conheceu o Mário. Um amigo da irmã de uma amiga, umas saídas à noite, mais uns copos e, quando deu por si, estava na cama com ele. Enquanto os anteriores eram almas pacíficas e sensíveis, o Mário era mais parecido com um bully. Era espalhafatoso, inteligente, ambicioso, homofóbico e sedento de atenção e aprovação. Trabalhava na banca, que era, definitivamente, o sítio certo para trabalhar se se tinha um perfil combativo e ambicioso como ele. Viu na Mariana uma espécie de alma gémea, e ela viu nele...alguma coisa. Essa coisa ressoava com a força que ela precisava para vingar no mundo empresarial, e ambos apreciavam dinheiro, como se esse dinheiro pudesse, de alguma forma, compensar algum défice de amor próprio no fundo de cada um deles. Mas andavam felizes: falavam de dinheiro e de negócios, fornicavam, saíam à noite, faziam planos para se ajudarem mutuamente nas suas carreiras, e fornicaram mais um bocado, até que juntaram os trapos num pequeno apartamento nos arredores de Lisboa. Era ao pé de um bairro social, mas nem sequer ficava assim tão longe do centro. Era um primeiro passo para o casal recém-formado, mas com ambições mais altas e mais espaçosas. Após uns meses de namoro, era altura do Mário conhecer os pais de Mariana, até porque pretendiam casar.

- Então, contou-me a Mariana, trabalhas na banca, certo?

O pai de Mariana, nessa altura já mais pacificado com a deriva da filha para voos por conta própria, também acarinhava o conceito do dinheiro de uma forma especial. Tão especial que, mesmo tendo em conta todos os problemas e dores de cabeça relacionados com os créditos às suas empresas, ainda colocava as instituições bancárias num pedestal, pelo menos à altura do seu respeito pela casa da democracia.

- Sim – A face do Mário iluminou-se, depois de uma entrada hesitante em casa dos futuros sogros, enquanto cortava o espesso bife do lombo que descansava no seu prato – Neste momento somos p'rái uns quatrocentos. Mas parece que a procura de crédito de curta duração está a aumentar em Portugal, pelo que prevejo que a nossa equipa vá continuar a crescer.

Agora sim, a chegada triunfante, a julgar pelo olhar de admiração do pai de Mariana, bem como a aprovação desta última e da sua mãe. Também estavam o irmão de Mariana e a sua companheira da altura, que ouviam aquilo como quem ouve uma qualquer notícia banal na televisão. Ali, numa assentada, o Mário tocava em várias teclas consideradas importantes aos olhos dos pais da noiva: segurança financeira, estabilidade profissional, crescimento económico. E, claro, este parecia gostar da sua filha, pelo menos da forma como se mostrava disponível para partilhar a vida e a casa com ela. Tinha conversa para ambos os sogros: com ele era mais negócios, crédito, banca, os meandros e os jogos de poder nas grandes empresas; com ela de família, da casa, das viagens. Estavam conquistados. O que ele não antecipava era que a relação de Mariana com os pais estava crivada de espinhos e que, para ela, não era assim tão importante que eles gostassem dele. Em termos de família, era mais importante para ela que ele não gostasse do seu irmão, ao contrário dos dois namorados anteriores. Aí, acertou em cheio, já que o rapaz fez despertar o bully interior do Mário, há muito tempo adormecido sob várias camadas de “boa educação” e “boas maneiras”. Mariana desprezava o irmão, e o Mário era fantástico a azucrinar-lhe o espírito, a diminuir-lhe as crenças esquerdistas de igualdade para todos, a ridicularizar o seu otimismo e a sua completa incapacidade para ser um “homem de negócios”, ainda que tivesse aberto uma empresa. Ele e a Mariana emparelhavam bem em dar voz às suas feridas internas, canalizando essa dor na direção do miúdo, nessa altura com quase trinta anos, a quem apelidavam de “menino da mamã”.

Mas a vida continuava e o miúdo, obviamente, tinha mais que fazer do que dar muita trela à irmã e ao cunhado, que sabiam pouco ou nada da sua vida. Mariana, por seu lado, começava a pensar em maternidade, à medida que as suas glândulas de fêmea iam disparando, na sua corrente sanguínea, o cocktail hormonal costumário para mulheres da sua idade. Ao contrário do que possa parecer, o pensamento das pessoas é mais condicionado pelo estado fisiológico do corpo, e seu equilíbrio

hormonal, do que o contrário. Se uma mulher não “quisesse” ter filhos, a espécie extinguiu-se. Portanto a Mariana, como tantas outras mulheres, “quis” ter filhos. E o Mário parecia-lhe um bom candidato a pai: tinha um bom emprego, valorizava o dinheiro e as coisas materiais, não tardava seria promovido. Era perfeito.

Ainda assim, passaram cinco anos até a primeira filha de Mariana nascesse. Esta última precisava de sentir que estavam reunidas as condições para trazer um filho ao mundo, e a família não podia ser sustentada apenas com o salário do marido. É claro que a primeira tentativa empresarial por conta própria não deu logo lucro, mas ao fim de quatro anos pelo menos já não dava prejuízo, pelo que decidiu avançar com aquela outra empresa da maternidade. Mariana andava diferente. Aquela postura combativa e focada nas coisas, nos problemas para resolver, amaciava-se sob o fluxo diário de ocitocina, o nome que os químicos deram a uma substância produzida no organismo humano e que o faz amar, cuidando da sua descendência. O povo ou, pelo menos, os não-químicos, mas minimamente interessados em fisiologia e comportamento humano, chamaram-lhe “hormona do amor”. Ela sentia-se mãe. Sentia-se mãe de uma forma geral, ou seja, esse sentimento não se limitava à sua própria filha: também se sentia impelida a cuidar dos filhos dos outros. Fez, portanto, o que até então julgaria impensável, se porventura o banho de ocitocina no seu cérebro lhe permitisse pensar de outra forma: voluntariou-se para cuidar dos filhos dos outros. Primeiro, o voluntariado era algo estritamente proibido na cultura empresarial na qual se movia e para a qual tinha estudado durante cinco anos. Segundo, nunca antes tinha praticado voluntariado, de espécie alguma. Terceiro, não se tratavam de filhos de pessoas amigas, ou de familiares, próximas ou remotas. Os pais e mães daquelas crianças de berço nem sequer eram conhecidos: eram bebês rejeitados que, se ninguém cuidasse deles morreriam ou, na melhor das hipóteses, cresceriam para se tornar verdadeiros psicopatas. Ela não sabia o que era a ocitocina, nem de onde vinha, mas vivia de acordo com a dose que produzia. Essa dose, no entanto, não se iria manter durante muito tempo, pois apenas aparece naqueles níveis durante a gravidez e logo a seguir ao parto, garantindo que os primeiros cuidados são ministrados. À medida que a concentração da “hormona do amor” baixava, voltavam os padrões antigos de baixa empatia, dureza e impaciência intermitentes. Disso ela apercebeu-se, o que a fez, pelo menos parcialmente, sentir saudades do seu estado maternal, nesse momento em declínio. E o que seria melhor, para fazer subir os níveis dessa substância mágica, do que ter mais um filho? O bom do Mário andava, portanto, sob maior solicitação da mulher com quem era casado, apesar das noites mal dormidas e das horas a cuidar da filha pequena. Andava cansado, mas feliz: a Mariana parecia insaciável, e ele lá estava para lhe dar o que ela precisava. Era lustro e brilho sobre a sua masculinidade, insuflada por anos de doutrinação familiar e societal. Tanto fizeram, que o esperado aconteceu: Mariana estava de novo grávida. Só que, dessa vez, o banho de ocitocina foi menos generoso, talvez pelo facto do organismo se apresentar menos sensível à substância, dada a proximidade ao parto anterior. Aí, a maternidade de Mariana já não extravasou para os filhos de toda a gente, só chegando para os que tinha sob a sua alçada e, se calhar, nem isso integralmente. As filhas iam crescendo, e o trabalho, o stress, as preocupações constantes mais a pressão dos padrões aprendidos iam desgastando a sua recém-formada camada de amor universal, até que a mera ideia de se voluntariar para ir pegar nos bebês dos outros ao colo deixou de fazer qualquer sentido. Deixou, precisamente porque ela já não sentia essa vontade. É assim, o ser humano.

A vida ia-se avolumando e aquela miúda, chamada Mariana, terna, sensível e excitante, seguia cada vez mais escondida e perdida no meio da personagem criada para sobreviver a tudo: a mãe, a empresária, a mulher que faz e resolve tudo. As suas filhas iam absorvendo isso, na sua inocência e inconsciência, sentindo dificuldade em encontrar a mãe, a sua verdadeira mãe, não aquele personagem artificial desprovido de emoção e vulnerabilidade. E também sentiam dificuldade em encontrar o pai que, entretanto, se ia enroscando no seu buraco privado de trabalho, coisas e desejos sexuais não satisfeitos. Ambos mantendo a aparência de normalidade, pois há reputações a manter e

uma noção de “como as coisas devem ser”. Os anos passaram e as relações arrefeceram, que é o que acontece quando as pessoas se escondem e não assumem as suas vulnerabilidades perante as outras. Até que algo terrível aconteceu. No caso de Mariana, foi ter descoberto que a sua filha mais velha desenvolvera um distúrbio alimentar grave, com um atestado médico passado em seu nome: a miúda era anoréxica. Depois de semanas em que mal comia, a mãe vinha a descobrir que esta irrompera pelo frigorífico a dentro, vomitando tudo de seguida. Entretanto, os sinais de malnutrição iam-se tornando cada vez mais difíceis de esconder, ao mesmo tempo que uma sensação de fracasso e insidiosa vergonha cavavam cada vez mais fundo no espírito atormentado de Mariana. Ao fim de um ano, quando as sessões com o psiquiatra e os remédios começaram a gerar algumas melhoras na filha, Mariana conseguiu finalmente tirar a doença da filha do armário privado de sua casa, partilhada com Mário e a sua outra filha. Nessa altura, já não moravam no pequeno apartamento na vizinhança do bairro social, ocupando uma faustosa moradia do outro lado do rio, na extremidade mais a Sul da mancha urbana. O psiquiatra, por sua vez, mais confiante em resultado das melhoras, ainda que frágeis, apresentadas pela miúda, sugeriu a Mariana, e sua família, que comesçassem sessões de terapia familiar. Intuindo, corretamente, que a situação da filha estava diretamente ligada à dinâmica familiar, e à natureza das relações humanas no seu seio. Mariana torceu o nariz, mas, dada a condição debilitante da filha, acatou com a sugestão. Além disso, vinha do médico, e aquelas credenciais penduradas na parede do seu consultório deviam querer dizer alguma coisa.

- Então, Mariana, Mário, e filhas, Rita e Helena, o que é que vos traz a este consultório? – A psicóloga, uma senhora nos seus sessenta anos, de olhar perspicaz e sorriso franco, ia captando as primeiras impressões desta nova família que tinha pela frente.

Mariana e Mário cruzam olhares, com as miúdas perdidas entre eles e psicóloga, sem saber o que dizer, fazer ou pensar.

- Uh... Nós viemos pela sugestão do psiquiatra da Rita, que a tem seguido devido à sua condição – O Mário oferece-se como porta-voz inicial da família, embora estivesse tão à nora como os restantes.

- E que condição é essa? – Ao dizê-lo, a psicóloga instintivamente vira a cabeça, discretamente, na direção da Rita.

- Anorexia – Diz Mariana, após um momento de silêncio constrangedor.

- Noto que não foi propriamente fácil responder a esta pergunta – A terapeuta começava, desde logo, a sondar os pontos sensíveis, como lhe competia.

- Nós nem sabíamos o que era, ao início – Mário chega-se à frente, novamente, com uma explicação – Só sabíamos que a Rita não comia, e que começava a emagrecer...

- E a Rita – Vira-se a senhora para a rapariga de quinze anos, com olhos e lábios pintados e a curvatura do maxilar bem delineada sob a pele facial – Sabia o que se passava, nessa altura?

- Eu não tinha fome, pronto – De repente, a sua face contrai-se, emocionalmente tensa ao dirigir-se aos pais – E vocês só se chateavam comigo!

- O que era suposto fazermos, Rita?! – A mãe intervém, tempestivamente.

A psicóloga levantou as sobrancelhas, mas considerou adequado deixar a situação desenrolar-se.

- Sei lá, deixarem-me em paz... - A miúda revira os olhos, observada pela irmã, assustada.

- Oh, isso haveria de resolver uma grande coisa – A voz de Mariana transparecia a frustração que sentia quando não conseguia resolver alguma coisa.

- Pois, estávamos preocupados... - Mário deixa sair, com pesar – E ainda estamos. Mesmo depois do psiquiatra, da medicação e de tudo o que já fizemos. A Rita é tão...instável.

Entretanto a Rita enfiava-se na cadeira, amuada, sob o olhar atento da psicóloga e da reprovação do pai. Esta, no sentido de contrabalançar um pouco as coisas, dirige a sua atenção clínica para os pais.

- Os pais – Foca-se em cada um deles, alternadamente – E como é que a relação entre os pais se tem adaptado a esta situação?

- Mal – Antes que Mário pudesse abrir a boca, Mariana avança a passos largos para o meio da arena – Discutimos imenso, principalmente por causa da Rita, e eu...não sei, estou a ficar cansada.

Ele ouve aquilo, e parece ficar absorto nos seus pensamentos. Segue-se mais um curto momento de silêncio tenso.

- E o Mário, o que sente ao ouvir isto?

Ele levanta os olhos, repentinamente tristes.

- Eu sei que as coisas não estão bem – Volta a baixar os olhos – Mas não sei o que fazer.

- Sinto a vossa angústia – A psicóloga vai-lhes devolvendo aquilo que lhe é transmitido – Mas estamos aqui todos, e isso é importante. Mostra que há uma vontade, há empenho no sentido de melhorar as coisas.

E continuaram, por mais duas horas, a levantar o véu sobre os vários nós que prendiam aquelas relações familiares. Era só o início, e doía só de ver e ouvir as emoções de cada um, entrincheiradas sob anos de negligência, desamor e necessidades por satisfazer. A notícia acerca da situação da filha de Mariana percorreu a restante família, rapidamente, mesmo apesar da tradição de silêncio, particularmente em relação a tudo o que tivesse a ver com sentimentos e relações humanas. Quando chegou aos ouvidos do seu irmão, este decidiu ligar-lhe. Isso era raríssimo, o que a deixou nervosa.

- Oi – Ela já sabia do que se tratava, e só rezava para que dali não viesse nenhuma lição de moral, pois não estava com a mínima pachorra para isso – Tudo bem?

- O melhor possível. E tu?

- Cá vamos, dadas as circunstâncias.

- A mãe contou-me acerca da Rita.

- A mãe, de facto – Num breve toque de cumplicidade, Mariana esboça um sorriso. Ela e o irmão não partilhavam muito, mas, do pouco que partilhavam, os defeitos da mãe ocupavam o topo da lista.

- Lá, que a coisa já se vinha a desenvolver desde há um ano... Como é que ela está?

- Pá...sei lá, vai andando – O desânimo passava, mesmo através do feixe hertziano – Está a ser acompanhada pelo psiquiatra, e vai tomando os medicamentos. De resto, pronto, lá voltou para a escola.

- Uhm... E tu? Como é que tu estás?

- Vou andando, também. Sabes como é, com a cabeça entre as orelhas...

- Pois, mas toda esta situação não deve ser nada fácil – O Daniel fez os possíveis para não soar lamechas, ou professoral – Tu andas a fazer sessões de terapia?

- Iii... Não me parece, não. Ainda não enlouqueci, acho – Mariana soava confiante na sua sanidade mental. Mas o irmão não sentia confiança na segurança que a irmã lhe tentava transmitir.

- Isso não tem nada a ver. Olha, se calhar não te contei, mas há mais de três anos que faço sessões de psicoterapia. É verdade que agora vou mais esporadicamente, mas ao início era todas as semanas. É importante, para a malta ir processando tudo aquilo que vai cá dentro...

Mariana ouvia o irmão, e acreditava que fosse bom para ele, mas aquilo simplesmente não fazia soar nenhuma campainha dentro de si.

- Oh...fomos a uma sessão de família. Valha-me Deus, que aquilo nunca mais acabava! Demorou mais de duas horas!

O irmão não respondeu logo, desanimado que estava por não conseguir transmitir à irmã o que considerava ser importante. Mas percebeu que não deveria insistir em tentar ajudar alguém que não queria ser ajudada.

- Pois...isso é só o início. Mas ainda bem que foram.

- Olha, obrigado por teres ligado.

Mariana procura acelerar o final da chamada.

- De nada. E olha, também, eu sei que é raro dizer estas coisas, mas sabes que, se precisares, eu estou aqui, ok?

- Ok, obrigada – A gratidão era genuína, mas o desconforto avançava, galopante – A sério. Então vá, fica bem.

- Tu também.

Ao desligar o telefone, Mariana expirou de alívio. Se em cinquenta anos de vida não vira necessidade de ir vasculhar o passado, com ou sem ajuda do presente, não seria agora que iria começar. Ela era forte, e iria aguentar isto, como aguentara tudo até esse momento. Iria seguir para a frente, já que – e ninguém poderia convencê-la do contrário – era para a frente que andava a sua vida.

O Bruno foi um bebé muito desejado. Os seus pais, jovens médicos acabados de formar, e mostrar ao mundo a sua vontade de curar e cuidar. Mas a medicina era uma amante exigente, e a escolha era, muitas vezes, entre cuidar dos outros, ou de si próprios. Há muito que nenhum deles dependia dos pais, pelo menos não no sentido operacional do termo, já que o curso de medicina era difícil e longo, mas não pagava as contas. Por outro lado, gente doente não faltava, pelo que ambos pegaram nos canudos e se candidataram aos hospitais mais próximos, isto enquanto penavam mais uns anos na especialização. Ele na ortopedia, ela na oftalmologia, a vida era dividida entre o consultório, as aulas e a secretária, com a cabeça enfiada nos livros. Devia existir um elemento excitante no meio de tanto trabalho e dedicação, pois ainda conseguiram arranjar tempo para gerar, gestar e parir o Bruno, que nasceu, saudável e rezingão, numa bela tarde de novembro. A vida, no entanto, não estava para grandes contemplações, e não tardou que o Bruno fosse entregue, em boa parte do tempo, a umas, à avó, até à enfermeira com um pouco mais de vagar, lá no hospital, enquanto a mãe olhava de muito perto para a retina das pessoas. Se calhar, à procura de alguma falha que não conseguia encontrar na sua própria forma de ver o mundo. O pai, este, também andava, entre perónios, cúbitos e crânios, talvez em busca de fraturas na sua própria infância e juventude, começando a dar-se conta que não iriam regressar, comprometendo a concretização dos seus sonhos e desejos. Mas havia poucos médicos, pelo que, fazendo uso da intemporal lei da oferta e da procura, facilmente capitalizaram sobre as suas capacidades. Com esse dinheiro, compraram, não um, mas dois apartamentos, num empreendimento recente na orla da cidade, do lado de lá da capital. Um conjunto de blocos de onze e doze andares, num formato em zigzag e com duas praticas que eram, basicamente, dois parques de estacionamento, desniveladas dez metros. Com umas obras, juntaram os dois apartamentos, conseguindo três quartos, uma grande sala para as festas, uma cozinha, sala de jantar e um imenso corredor a unir todas as divisões. Espaço, portanto, não faltava. Nem coisas, que iam comprando ao sabor do impulso, no pouco tempo disponível entre os bancos no hospital. O que parecia faltar era tempo e atenção para o miúdo. Este, apesar disso, era bastante esperto e enérgico, sendo, geralmente, um desafio para quem quer que fosse que estivesse a cuidar dele. Agarrava nas coisas, mexia, partia e, claro, irritava-se se não o deixavam. Desde muito cedo dava sinais de independência. Deixou as fraldas antes de qualquer outro miúdo na creche, assim que conseguiu manejar a colher não deixava a ama, ou os pais, ou os avós, darem-lhe de comer, queria ser ele a fazer, a escolher e a decidir.

Mas, obviamente, havia coisas que não podia ser ele a determinar, portanto o conflito com os pais começou cedo. Por outro lado, era muito sensorial, não se recusando aos poucos carinhos que estes lhe dispensavam. Não era que estes não quisessem amar o miúdo, mas, de facto, com dois médicos em casa, ainda por cima em início de carreira, não era possível esperar mais do que umas migalhas de vez em quando. Os avós que fossem compensando, fazendo o melhor que podiam com o menino lá na casa da Costa. Mas os pais estavam, realmente, na senda para atingir o objetivo da família perfeita, para a época: boa casa, bons carros, bons empregos, empregada, dois filhos. Sim, a falta de tempo, o excesso de trabalho e a inexperiência parental não pareciam ser obstáculo para este casal de jovens médicos, decididos a pegar no que sobravam do seu amor e completar o ramalhete com mais um filho. Nasceu, assim, a Tânia, quatro anos depois do Bruno. Nessa altura, já com ambos instalados em consultórios privados, havia, de facto, um pouco mais de disponibilidade para a família. Haveria, se fosse só um; na prática, e por agora serem dois, o que havia era uma sensação de falta de tempo para com os dois miúdos. A Tânia foi, apesar de tudo, bem recebida na família, recebendo o carinho dos pais, que inconscientemente desejavam compensar o que não tinham feito com o Bruno. Este, por seu lado, nutria uma ambivalência relativamente à irmã, ora detestando-a por ser a nova bebé querida dos papás, ora adorando-a por ser a sua maninha mais nova.

la o Bruno crescendo, neste ambiente. Não era plenamente apreciada a sua emotividade, a sua rebeldia, e a sua beleza física era, por vezes, para um rapaz tão novo, desconcertante para os demais. Daí a forma como ele se refugiava no quarto, o seu templo, o seu último reduto quando o mundo lá fora lhe parecia, simplesmente, demasiado pesado, demasiado louco, demasiado tudo. O quarto, que nunca arrumava, ao lado da casa-de-banho que, na prática, era privativa, já que os restantes já tinham percebido que podiam evitar o cheiro nauseabundo que dela emanava, sempre que ele fazia passar por esta sólidos que pareciam grandes demais para a sua franzina figura. A empregada que o dissesse, pois às vezes ele tentava, de facto, puxar o autoclismo, mas de nada servia já que o cilindro colossal não passava, nem por um decreto, pelo sifão da sanita. Tinha então ela, nauseada, que o partir em pedaços com o piaçaba, devolvendo à sanita o seu aspeto e funcionalidade enquanto aparelho sanitário. Ele era muito sensível, muito embora, para ele, os cheiros desagradáveis não eram maus em si mesmos, faziam apenas parte de uma paleta muito diversificada de odores. Por exemplo, ele adorava pasta de dentes. Não era muito amigo de esfregar os dentes, o que era monótono, logo aborrecido, mas o sabor a pasta agradava-lhe. Portanto, comia-a. Ninguém lhe tinha dito que não devia, provavelmente porque ninguém sabia, mas era apenas natural que o fizesse, já que era o que fazia com qualquer comida de que gostava: após passa-la pelos dentes, engolia-a. Curiosamente, o seu organismo nunca rejeitou a pasta. Se calhar, era esta que dava a consistência extra às suas fezes de homem grande.

O Bruno gostava do primo. Este era um ano mais novo, e era bastante totó, mas alinhava nas brincadeiras e nunca ia fazer queixinhas. Davam cabo do estojo com o jogo das experiências químicas, na marquise que o quarto do Bruno tinha anexado, só com os seus brinquedos e tralhas. Era território proibido aos pais, e só em momentos muito particulares, quando o Bruno estava na escola, a empregada realizava breves incursões naquele espaço, só para que o miúdo pudesse entrar e sair do quarto sem pisar nada que se partisse, ou tropeçar na sua própria roupa suja. Se, porventura, esta precisava de entrar no quarto enquanto os dois miúdos lá estavam, era garantido que lhe iriam infernizar a vida, e os pais dele nem sequer lhe pagavam especialmente bem. Os miúdos eram uns diabretes, e ela não tinha de levar com aquilo. O certo é que nenhuma empregada daquela casa alguma vez se despediu por causa disso, mas sim várias terão sido despedidas por roubarem os patrões. Se calhar, teria alguma coisa a ver com os baixos salários. Às vezes a brincadeira descia do oitavo andar daquele prédio voltado para a praceta, para as arcadas no rés-do-chão. Os miúdos adoravam jogar uma coisa a que chamavam “mata o skate”, e não era mais do que pegar numa bola e tentar acertar nos outros miúdos, que fugiam em cima dos seus skates. Aquilo era rápido, excitante, violento, e os miúdos estampavam-se constantemente. Se não caíam por causa das boladas, caíam porque escorregavam dos skates, chegando, de qualquer das maneiras, a casa todos partidos. Mas o certo é que nunca ninguém foi parar ao hospital por causa daquilo. Ou então iam jogar à bola para a parte de trás dos prédios, que não passava de um descampado a aguardar “desenvolvimento” pelos construtores locais, e outros menos locais. Mas enquanto era um baldio de terra batida, servia de área de brincadeira à criançada da praceta. Nem o Bruno nem o primo jogavam à bola alguma coisa de jeito, mas se o baldio não estivesse transformado num lago devido a chuvas recentes, valia a pena ir para lá correr um bocado e dar uns chutos. Outras vezes era na casa do primo, onde se divertiam a atirar balões de água da janela do décimo primeiro andar tentando acertar no poste de iluminação. Ou então nos miúdos que tivessem a infelicidade de estar a passar lá em baixo nesse momento. Se calhar era previdência, mas também não foi isso que enviou algum para o hospital. Eram uns miúdos de sorte. Às vezes ficavam, simplesmente, no quarto do Bruno a ouvir música.

A sua relação com o pai era conflituosa, com o pai sempre à espera que ele se “portasse bem”, e ele a meter-se numa alhada a seguir à outra. No entanto, o facto era que, mesmo que inconscientemente, o Bruno admirava aquele tipo de bigode e auréola no topo do cocuruto. Uma auréola de calvície, não de santidade, que o canudo de medicina não lhe garantia nenhum acesso privilegiado a uma qualquer

cartilha de milagres. E uma coisa que o miúdo captou desde cedo, foi o gosto musical do pai, completamente centrado nos anos sessenta e setenta do século vinte. Portanto, ele e o primo ficavam horas naquele quarto, que tinha tudo por todo o lado, desde cuecas sujas a escovas de dentes, passando por cassetes do pai e restos de cigarros que fumava às escondidas. Eles era Kiss, Kashmir e Iron Maiden, ou mesmo os ainda muito avançados para a época Pink Floyd. Mas o Bruno também sentia o impulso para inovar, portanto também arranjava Scorpions, e até Metallica. Ele gostava do primo, mas, lá está, este era um bocado totó, e deixou de ser interessante para ele quando se começou a interessar por miúdas. O que aconteceu bastante cedo, tendo em conta que só tinha treze anos e meio. E era um interesse recíproco, pois muitas das miúdas devolviam-lho, nem que fosse apenas para experimentar, e raramente saíam desiludidas. Nesse aspeto, de facto, ele era precoce. Não achava graça nenhuma às raparigas da sua idade, que eram uma “pitas”. Mas com mais um ano ou dois, viam nele um rapaz bonito, sensual, bem-falante, inteligente, quase irresistível. Com um charme muito seu, fundado num belo e genuíno sorriso, juntamente com uma atitude descontraída que prometia prazer, ele conduzia-as, docemente, para o seu quarto, uma atrás da outra. Algumas, de facto, estranhavam o caos daquela divisão, e um cheiro misturado de roupa usada, restos de tabaco, comida e bafos de um perfume barato, com o qual ele borrifava o quarto para disfarçar momentaneamente aquele cocktail de odores potencialmente geradores de repulsa. Mas sob o seu encantamento, e na descoberta de prazeres físicos, mesmo essas acabavam por ignorar, de bom grado, essa envolvência menos agradável. Ele sentia-se bem na presença de raparigas. Não por sentir, em si, tendências homossexuais, mas porque queria realmente agradar-lhes, e também porque, intelectual e emocionalmente, sentia-se mais próximo delas do que dos parvalhões dos rapazes da idade dele. Tinha amigos rapazes, naturalmente, mas todos mais velhos que ele.

A amizade com o primo, claramente, tinha ficado associada a memórias de infância, e ele já não se sentia uma criança. Ao princípio, trazia as raparigas para casa, depois das aulas quando os pais não estavam e a irmã estava na escola. A empregada podia estar, ou não, mas isso pouco importava, pois ele entrava pela porta mais longe da cozinha e ela nem dava conta. Ou, mesmo que desse, ele ameaçava dizer aos pais que a tinha visto ficar com os trocos das compras ou algum do dinheiro para o lanche dos miúdos, que a coisa morria logo ali. Até ao dia em que, por azar, a mãe estava em casa. Não que sentisse precisar da aprovação da mãe relativamente às suas práticas sexuais e de relacionamento com as raparigas, mas seria chato se, porventura, a mãe viesse para cima dele com proibições, ou restrições, ou castigos que fossem. Nesse dia, tinha feito tudo bem, tudo como costumava fazer: a meio da tarde, entrada pela porta de trás, cuidado com o barulho, nada de bater com as portas e, claro, nada de gritar no momento do orgasmo. Ainda assim a mãe, que descansava no quarto do lado, ouviu o suficiente para perceber que o Bruno não estava sozinho. Talvez num outro dia aquilo não a incomodasse, pois para ela era claro que o filho tinha a vida dele, mas tinha vindo para casa porque não se sentia bem o suficiente para continuar as consultas nesse dia. Via-se no direito de ter paz na sua própria casa. Além de que não se lembrava de ter convidado outra pessoa, que não o seu filho Bruno, a frequentar essa casa naquela tarde de abril. Portanto, sentia-se cansada, irritada, desrespeitada e com uma enorme dor de cabeça. A custo, levantou-se da cama e, à medida que progredia, lentamente, na direção do quarto do filho, os gemidos iam-se tornando mais audíveis. Ainda lhe ocorreu entrar de repente, mas optou por bater à porta.

No interior do quarto, os dois adolescentes estacam de imediato. A rapariga desembaraça-se do Bruno, assustada, mas ainda assim sorrindo pelo caricato da situação. Se a sua mãe soubesse que tinha sido apanhada pela mãe do rapaz que andava a comer! O Bruno, por seu lado, não ficara assustado, apenas extremamente frustrado, surpreendido e incomodado com a intromissão. Afastou-se apenas o suficiente para a miúda conseguir vestir as cuecas e as calças, e recolher o resto das suas roupas.

- Bruno, estás aí? – A mãe insistia à porta, sentindo a cabeça a latejar cada vez que acertava com os nós dos dedos na madeira da porta.

Subitamente, a porta abre-se e a miúda, só vestida até à cintura, esgueira-se através da ombreira com pressa, agarrada às suas coisas, que segurava contra o peito e barriga.

- Olá, mãe do Bruno. Adeus, mãe do Bruno – Curvada, com o resto da sua roupa e a mochila entre os braços, acelera o passo na direção da porta de saída.

Não olha, efetivamente, para a mãe do Bruno, saindo tão depressa quanto possível, depois de algum malabarismo para conseguir abrir e fechar a porta, enquanto segurava os seus pertences. Terá acabado de se vestir no patamar da escada, ou dentro do elevador. A mãe do Bruno nem comentou. Interessava-lhe, no entanto, o que o Bruno teria a dizer, embora só quisesse ir deitar-se e esquecer o assunto. Entrou, lentamente, no quarto à sua frente, e sentou-se aos pés da cama, onde ele estava, meio sentado, encostado à sua almofada e apenas de cuecas. No ar, flutuavam os cheiros característicos daquele quarto, aos quais se juntava o perfume da rapariga e o odor dos jovens sexos, recentemente ativados.

- O que é que eu já te tinha dito, sobre isto de trazeres pessoas cá a casa?

Ele não respondeu. Todo ele emanava desafio, rebeldia e orgulho, embora tudo isso dentro de um invólucro de medo, já que era incontestável que estava na presença da sua mãe. Não que ele tivesse medo da mãe, mas assustava-o o contacto com o seu poder, com aquela massa que o tinha criado. Ela olhava o filho com a assertividade que lhe era possível, tendo em conta o seu estado febril, observando nele o brilho desafiador e as faces ruborizadas.

- Não sabia que estavas em casa.

- Como se isso importasse alguma coisa, Bruno! – A sua testa contraía-se, em movimentos involuntários para suportar a dor – Como sabes que não era suposto, obviamente que só ias fazer quando achasses que eu não estava.

- Mas porque é que não é suposto?! Estávamos a fazer alguma coisa de mal??...

A mãe preparava-se para lhe dar o sermão, outra vez, sobre porque é que não era suposto, recordando e recontando o que já tinham discutido sobre o facto daquela casa ser dela e do pai dele, e que eles, seus pais, se viam no direito de estabelecer regras nessa casa. Sendo uma dessas regras o não entrarem desconhecidos, ou mesmo conhecidos, sem serem convidados ou aprovados por eles. Na sua ótica, era elementar. Mas aquela referência a fazer alguma coisa de mal fê-la mudar de ideias.

- Alguma coisa de mal?... Ouve lá, como é, estavam a usar preservativo?

A cara dele perdeu todo o rubor, de repente. Ele tinha preservativos. Tinha várias caixas. Mas tinha-se esquecido completamente, e a rapariga também. Nesse momento, largou toda a carga desafiante e a atitude rebelde, substituídas por uma profunda sensação de culpa. Novamente, não respondeu, mas o seu silêncio era eloquente.

- Pois... logo vi – A mãe esfregava as mãos sobre os olhos, a tentar gerir o cansaço e a irritação – Ouve, Bruno. Não vale a pena dar-te o sermão outra vez. Tu não és estúpido, e já conheces as regras. Mas, a sério... Eu já tive a tua idade e, posso dizer-te, não era nada assim. Obviamente que queríamos, mas havia respeito, sabes? Como é que tu achas que a tua avó se ia sentir se eu andasse, dia sim dia não, a levar rapazes lá para casa, sem ela saber?

- A sério, mãe, isso foi há quanto tempo?... As coisas são diferentes agora.

- Diferentes como, Bruno? – Ela já estava, efetivamente, sem paciência, e cansada de uma guerra que pressentia perdida – Já não há pais, nem filhos, nem regras para respeitar? E, além disso, pensas o quê? Que eu estou completamente taralhoca? Que não vejo o que se passa à minha volta? Tu achas

mesmo que os miúdos andam todos a enfiar-se uns nos outros, às escondidas nas casas dos pais? Se achas, estás enganado.

- Eu não tenho culpa que sejam uns totós... E, olha, elas gostam – O miúdo permite-se a libertar um pouco do seu sorriso charmoso.

Mas a mãe não está sensível ao seu charme.

- Bruno, isto não é normal – O tom de voz é um de desistência – Tu não és normal.

- Normal?...

A palavra, a interrogação de Bruno ficou no ar, enquanto a mãe se levantava, cabisbaixa, e se arrastava de volta ao seu quarto, para a continuação de um descanso pouco tranquilo. O miúdo ficava, reclinado sobre as almofadas, de cuecas, confuso e na vaga sensação de que havia qualquer coisa nele que, de facto, não era normal. A relação com a mãe era estranha porque, embora sentisse vontade de a confrontar, e de expor as suas fragilidades, era claro que tudo o que ela dissesse, ou fizesse, tinha influência sobre ele. Tinha um impacto insidioso que nem conseguia determinar qual era ou a que profundidade descia. “Tu não és normal”. Foi tudo o que reteve desse dia.

O facto de já não se dar com o primo não queria dizer, no entanto, que nunca o visse, ou que procurasse evitá-lo. Viviam na mesma praceta, pelo que era inevitável o encontro ocasional. Era óbvio que o primo era mesmo um totó, tão virgenzinho que até metia dó, mas não conseguia, de facto, deixar de sentir um carinho especial por aquele puto. Só tinha boas memórias do tempo passado com ele e, de facto, havia uma sensação de que deveria protegê-lo, de alguma forma. Nesse dia, num morno fim de tarde no início de junho, não havia assim nada de especial para fazer, e o Bruno errava, juntamente com o Tiago, um outro miúdo lá do bairro, pelas arcadas e vários recantos nas traseiras dos prédios. O primo vinha da escola, e encontrou-os juntos às obras, do lado mais perto da saída da praceta. Os miúdos daquelas paragens estavam mais que habituados a obras: toda a vida tinham vivido nelas, ou perto delas, naquele terreno fértil para os investimentos imobiliários e transformação daquele solo nutritivo em sapatas de betão armado e lajes de betuminoso. Havia uns montes de areia, brita e tábuas, deixadas ali já ninguém sabia por que construtor. O mais certo era, quando os vizinhos se queixassem, a câmara passasse a limpar a zona, numa época em que tratar de resíduos de construção ainda não era, nem sequer remotamente, uma possibilidade rentável. Mas, para eles, era um entretenimento. Estar ali, pôr os sapatos na areia, dava assim uma aura de exploração, mesmo que fosse apenas porque não tinham mais nenhum sítio para ir, e tudo parecia igual a tudo o resto. Entre esses despojos dessa obra inacabada, estava uma tábua que, por acaso, assentava sobre uma das pedras do lancil. Era certinho que os miúdos a experimentassem como balancé. Mesmo considerando que, com a sua idade, queriam muito dar uma de mais velhos, ostentando os seus cigarros e tudo, mas as crianças dentro de si lá arranjam forma de os pôr a balançar. Como faziam, anos antes, no parque infantil. Estava tudo normal, e o Bruno nem se apercebeu bem do que tinha acontecido. Ele e o Tiago balançavam, e o primo dele tinha-se sentado num tijolo que ali estava abandonado. A certa altura, alguém chamou alguém e um dos miúdos saiu da tábua. Não se lembrou, no entanto, de avisar o seu colega de alavanca que, por força da gravidade, veio por ali abaixo, com a tábua debaixo dos seus pés. Mas, com estava de pé sobre esta, nem deu para se assustar, ficando só ligeiramente surpreendido. A tábua, essa, elevou-se um bom metro acima do chão, na outra extremidade. Por azar, o seu primo, que tinha estado só a estar, ali, percebendo que o momento de não fazer nada no cantinho das obras tinha terminado, decide levantar-se nesse preciso instante. Levanta-se, direitinho para a trajetória ascendente da tábua, que lhe acerta em cheio no nariz. Ao princípio, nenhum deles percebe o que aconteceu, embora o vermelho que jorrava do nariz do puto mais novo o informasse, a ele primeiro que aos outros, que algo não estava bem. Dores, parecia ainda não ter, era o efeito do choque. Mas o Bruno, assim que se inteirou da situação, foi tentar perceber como é que o primo estava. Como o

sangue não parava de sair, também não era preciso ser filho de pais médicos para saber que tinha de fazer alguma coisa. Pôs o primo, então, a olhar para o céu, enquanto o encaminhava para a casa dele, cuja porta de acesso ao prédio ficava no exato canto reentrante entre os dois prédios perpendiculares. Era preciso estancar a hemorragia, pelo que foi com ele lá acima, ao décimo primeiro andar, tendo sido ele próprio a abrir a porta de entrada no apartamento, com a chave do primo. Havia gente em casa, mas a situação era urgente, pelo que foram diretos à casa-de-banho, sem dizer nada nem chamar à atenção. Terá sido aí que a sua tia os encontrou, passados uns dez minutos depois de terem entrado. Entre pachos, cotonetes e bolas de algodão, lá conseguiram cortar a saída de sangue. O Bruno explicou, o melhor que pôde, a situação à tia, que de imediato começou a preparar as coisas para levar o miúdo ao hospital. Não havia mais nada que ele pudesse fazer, mas sentia, de certa forma, uma plenitude de missão cumprida, muito embora o coitado do primo não tivesse precisado de partir o nariz, obviamente, devido a uma distração sua e do seu compincha Tiago. Quando chegou a casa, pouco depois, e trocava a camisola suja de sangue por outra, ocorreu-lhe o estranho pensamento que ele teria, de alguma forma perversa, contribuído realmente para o que acontecera. Como se alguma força oculta o levasse a fazer coisas más, para depois poder emendá-las. O miúdo não era, de todo, destituído de inteligência, nem de espiritualidade. Já os pais dele não estavam nos melhores dos espíritos.

- Tu fizeste o quê?! – O pai perguntava, entre garfadas de bacalhau com batatas que a empregara tinha cozinhado aquela tarde.

- Pá, calma...

- Não é “pá”, é “pai” – A mãe corrigia, enquanto os seus ombros ganhavam tensão, trocando olhares com a filha, que tentava não existir, sentada à mesa redonda da sala pequena.

- Eu não fiz nada – Bruno colocou um olhar assertivo em cada um dos pais, para marcar a sua posição – Foi como já disse: a tábua bateu-lhe na cara, e partiu-lhe o nariz. Pelo menos, foi o que me pareceu.

- É que nem te vou perguntar como é que uma tábua das obras lhe chegou ao nariz, e contigo por perto – A ironia do pai afetava o miúdo, que logo assumia uma postura defensiva.

- Eu não lhe dei com a tábua!

- Também era só o que faltava – Contribuiu a mãe.

- E, ainda por cima, fui com ele para casa, fiz com que o sangue parasse, estive com ele, e –

- Ok, ok, já contaste – O tom da mãe era calmo, mas frio – Amanhã ligo à tua tia, a ver como estão as coisas. E vai rezando para que não seja nada de muito grave.

- Senão?

A mãe e o pai trocaram um olhar soturno, mas cúmplice.

- Senão ficas três meses de castigo.

Ela limitou-se a depositar a sentença em cima da mesa, para a contemplação do filho.

- O quê?! Mas isso é a merda do Verão todo!

O resto da família, nesse momento, só olhava para o respetivo prato, e o retinir dos talheres o único som a preencher o volume da sala, à qual o pai tinha, previamente, retirado o volume habitual da televisão.

- Se...for grave – Lembrou o pai, sem levantar os olhos.

O Bruno, vermelho de raiva, sentia vontade de partir a mesa toda e explodir em cima dos pais. Sabia, no entanto, que tal coisa só iria aumentar a profundidade do buraco onde aqueles dois atrasados mentais pareciam estar a enfiá-lo. Era, pelo menos, assim que os lia nesse momento. Mantendo a sua dignidade, levantou-se apenas, mas cuspido um súbito ódio.

- Pó caralho pa' isto tudo.

- Tento na língua, menino.

Já só ouviu essas últimas palavras da mãe pelas costas, ao abandonar a sala. Não tinha comido tudo, mas não interessava. Também já não tinha apetite. Depois, mais tarde, quando já estivesse tudo a dormir, iria à cozinha fazer uma sandes, ou assim. Que, a seguir, comeria no quarto. Não compreendia porque é que os pais pareciam tão dedicados a fazer-lhe a vida negra. Também não lhe parecia justo ele não poder fazer as coisas que queria fazer, só porque eles não as tinham feito, no tempo deles. A sério: porquê? Não se lembrava de, a fazer as coisas dele, ter insultado alguém, ou ter pegado fogo à casa, ou ter ido parar ao hospital. A cena com o primo tinha sido um azar, e ele não tinha culpa, logo era tão injusto que agora se sentisse culpado. Aqueles dois estavam mesmo, positivamente, contra ele. Mas não se dava por vencido.

Pela escola, não se interessava. Para o crescente desespero dos pais, era “nega” atrás de “nega” e, ainda por cima, de alguém que sabiam não ser estúpido, muito pelo contrário. Era só mesmo porque os profs eram aborrecidos de morte, e não via qualquer propósito em aprender regras estúpidas em matemática, físico-química ou português. Para fazer o quê? Ele gostava de miúdas, de música dos anos setenta, de fumar charros e de fazer surf. Ele já dominava qualquer um desses seus interesses, portanto porque é que haveria de estar a partir a cabeça com o quadrado dos catetos, ou com as epopeias dos barões assinalados? Para ele, era claríssimo que não fazia qualquer sentido. Os pais vinham-lhe com a conversa que ele estava na escola para um dia vir a ter um emprego, e a “ganhar a vida”. Que eles não iriam lá estar sempre para o sustentar. Quando eles lhe diziam isso, ficava sempre com a sensação de que se isso acontecesse na semana seguinte, seria até muito bom, deixando nele a impressão de que já estavam numa de se livrarem dele. Dava um travo amargo a rejeição, mas, por outro lado, a uma perspetiva de liberdade, muito embora essa fosse uma perspetiva necessariamente ingénua e inexperiente do que poderia significar liberdade, na sociedade em que vivia. Obviamente, e só era natural que assim fosse, ele não fazia a mínima ideia do que era ser “livre”, e ter de provir ao seu próprio sustento. Mas, por outro lado, com quinze anos a fazer dezasseis, começava, de facto, a internalizar a ideia de que tinha de se safar sozinho, pois não podia contar com os pais durante muito mais tempo. Na escola, e nem sabia bem como, lá ia fazendo o mínimo indispensável para não chumbar de ano. Usando o seu irresistível charme para dar graxa a professores, copiando sempre que possível e encostando-se aos colegas para os trabalhos e apresentações, tornara-se o arquétipo do miúdo giro e calão. Os pais, obviamente, estranhavam, já que nunca o viam a pegar num livro, mas como lá ia passando, assumiam que sempre ia aprendendo alguma coisa, não ficando para trás. E, acima de tudo, não ficando com aquele repelente estigma de “repetente”.

Até que, no décimo primeiro ano, chumbou mesmo. Apercebeu-se, da maneira mais dura, que os seus truques e charmes tinham um limite: os professores já o conheciam, tornando-se progressivamente mais exigentes, e intransigentes. Com os colegas também era cada vez mais difícil. Com os repetentes não podia contar, pois nada sabiam. Os que sabiam alguma coisa mostravam mais resistência, pois já o viam menos como o miúdo giro, e mais como o miúdo calão. Sentiam-se usados, e o Bruno tinha perfeita noção disso, embora poucas alternativas lhe restassem. Apercebeu-se que tinha atingido o limite, que tinha andado a esticar e a esticar nos últimos anos, quando uma colega menos escrupulosa lhe propôs um negócio. Ela sabia o suficiente para fazer aquele trabalho de Geografia, e estava disposta a fazê-lo sozinha e a pôr o nome dele, desde que...ele a fodesse. Ficou parvo quando ela lhe disse isso, assim textualmente. Foi apanhado completamente de surpresa embora, após refletir um

pouco, sentiu ser justo alguém pedir algo em troca, já que sabia o que ele próprio estava a pedir. Só não lhe tinha ocorrido que a “troca” pudesse ter alguma coisa a ver com favores sexuais. Não a achava atraente, tinha a pele e o cabelo oleosos, os olhos encovados e vestia-se quase sempre de negro, naquela onda meio gótica. Em poucos segundos, no entanto, percebeu que ela tinha vergonha de ter chegado ao décimo primeiro ano ainda virgem, e que via ali uma boa oportunidade de fazer o miúdo calão pagar, por uma vez, pelos serviços prestados. E, já agora, livrá-la da sua virgindade, que carregava como uma cruz, tendo em conta que, por essa altura, todas as suas amigas e amigos já o tinham feito. Foi um choque ao início, de facto, mas rapidamente se habituou à ideia. Ele também não era o campeão dos escrúpulos, e uma queca em troca de uma nota razoável num trabalho que não fizera não lhe pareceu um preço demasiado elevado. A combinação era ir para casa dele, depois das aulas na sexta-feira, sendo que o trabalho era para entregar na segunda. Nesse dia só tinham uma hora de aulas a seguir ao almoço, portanto em nenhuma das suas casas havia a expectativa de que voltassem logo a seguir. Além disso, os pais do Bruno nunca estavam em casa, garantidamente, numa sexta-feira à tarde, pelo que era completamente tranquilo. Ainda havia a empregada, mas a estratégia desta era ser totalmente cega, surda e muda: já tinha problemas que chegassem na vida, pelo que escolhia, muito racionalmente, não se envolver minimamente nos traumas não resolvidos daquela família de classe média-alta, a viver nos arredores da capital.

Entraram de fininho, pela porta de trás, seguindo o protocolo habitual do Bruno. Uma vez no quarto dele, não foi preciso falar quase nada, pois a premissa era simples: nós fodemos, eu ponho o teu nome no trabalho. A miúda, embora virgem, não era parva, e sentia-se a manobrar de um lugar de vantagem. Não estava à espera de grandes carinhos, e não gostava especialmente do Bruno. Aquilo era mesmo só sexo, e não se sentiu na obrigação de fazer alguma coisa. Estava ali apenas para receber. A situação para ele era, definitivamente, diferente, mas ele estava tão habituado a raparigas que, enfim...era só mais uma. Tinha corpo, tinha mamas, tinha vulva. Não estava suja, não cheirava mal, não parecia ter doenças. Portanto, despiram-se, deitaram-se na cama e, depois de alguns preliminares sumários, ele pôs-se em cima dela, sem se esquecer, dessa vez, do obrigatório preservativo. Tudo “by-the-book”. O Bruno movia-se mecanicamente, não muito forte, não muito fraco, nem muito rápido nem muito lento e ela, ao início, parecia não estar a sentir coisa alguma. No entanto, passado algum tempo, o Bruno começou a reparar que ela emitia suaves gemidos, cadenciados com o seu movimento. Coisa que lhe provocava um pequeno prazer. Aquilo foi crescendo, não em volume, mas em profundidade dos gemidos, à medida que ela se aproximava do orgasmo. Deu por si a pensar como é que era possível ele estar a ter algum prazer com aquilo, mas era inegável que estava. Quando ela se veio, estavam ambos a sorrir, de forma completamente involuntária. Enquanto ela se deixava percorrer pelos espasmos que lhe atravessavam o corpo, com epicentro na sua vagina, ele também acabou por ejacular para dentro do preservativo. Não fora propriamente um orgasmo, como outros que já tinha tido, mas também não tinha sido desagradável. Num vago espírito de missão cumprida, ambos se preparavam para continuar o seu dia. Aquilo, apesar de tudo, até parecia ter corrido bem.

- Continuo a não ir à bola contigo, mas confesso que gostei – Os olhos dela, cada um no centro de uma grande olheira, refletiam um novo brilho – E está descansado que, na segunda entrego o trabalho, com os nossos dois nomes. Tu és Bruno Costa, certo?

Ele acenou afirmativamente com a cabeça. Não lhe estava a apetecer falar. Apesar de ser, assumidamente, calão e rebelde, não era insensível, e aqueles últimos minutos tinham mexido com ele. Basicamente, tinha-se prostituído. E, notava agora, nem se sentia mal com isso. Nem bem. Encaminhou-a de volta à porta da rua, em silêncio e sem a olhar nos olhos. Invadiu-o uma estranha dormência.

- Obviamente, isto fica só entre nós – Disse-lhe, numa voz grave e inexpressiva.

- Disse que podias ficar descansado, não disse?

- Hum.

De olhos semicerrados, fechou a porta assim que ela atravessou a ombreira. Não queria pensar nela, não queria pensar em nada. Já estava mesmo a ver que aquela promessa valia o mesmo que nada, e que seria uma mera questão de tempo até que se soubesse do seu novo estatuto de prostituto. Sabia também, ainda por cima, que não seria aquele trabalho de geografia que lhe ia salvar o ano, pois por essa altura já era óbvio que tinha perdido o comboio das disciplinas mais importantes, sendo o chumbo inevitável. Tinha sido um ato desesperado do náufrago, a bordo do navio em clara trajetória descendente, em direção ao fundo. A vontade que tinha era de, simplesmente, esquecer tudo, pegar na prancha e deixar-se levar pelas ondas. E de foder para esquecer, e de fumar charros para esquecer. E de beber. Tudo o que pudesse arranjar para não ter de lidar com aquela sensação insidiosa de falhanço, e com o julgamento dos pais, que não tardaria. Empurrou a questão com a barriga nos últimos meses desse ano letivo, mas quando a sua irmã mais nova anunciou, em casa, que as notas já tinham saído, esbarrou contra a parede. Estava-se nas tintas para as notas, mas a reação dos pais já o afetava. Mentir não podia pois, independentemente do que lhes dissesse, o ministério não lhe ia permitir a inscrição no décimo segundo ano, portanto seria só, e ainda mais, adiar o inevitável. A estratégia seria, então, a de minorar a queda o mais possível.

- Chumbei – Anunciou ao jantar, o que, em família, já raramente acontecia – Chumbei o ano.

Ficaram os três a olhar para ele. A irmã com um olharzinho parvo de “eu sabia”, e os pais num misto de desapontamento, irritação e tristeza.

- Mas o quê, chumbaste a tudo? – O pai, de olhos muito abertos, ainda estava a tentar processar o peso do anúncio.

- Tive dez a geografia, e doze a filosofia, mas de resto... - O Bruno fazia um esforço consciente para não partir a loiça, metaforicamente, e mandar o chumbo, e os pais, para um certo sítio.

- Vamos querer saber as notas desse “resto”.

A mãe, reparando que a miúda já tinha acabado, fez-lhe sinal para ir pôr o seu prato na cozinha. Não foi preciso acrescentar que, a seguir, deveria ir para o seu quarto, pois eles iriam ficar ali a descascar-lhe o irmão.

- Qual é a tua ideia, exatamente, Bruno?

- Qual a minha ideia? – Olhava para eles com o distanciamento possível - Olha, que tal passar para o ano?

- Dito assim parece simples – A mãe estava com uma disposição de cortar à faca – Mas a verdade é que te estás a borrfifar.

- Como assim, a borrfifar?

- Sim, a borrfifar... porque estudar, não queres. Não queres hoje, não queres amanhã, não vais querer para o próximo ano.

O silêncio era eloquente, pois a mãe acabara de sintetizar a sua atitude em relação à escola. Já só estava à espera do martelo.

- Exato – Passa o olhar pelo marido, que lho devolve em traços de desespero – Portanto, tenho aqui uma ideia para ti. Vê lá o que te parece. Então: este Verão trabalhas. Não um trabalhinho de fim-de-semana, mas sim um trabalho a tempo inteiro. A diversão, se quiseres, ou consegues, será ao fim da tarde, e ao fim-de-semana. E, olha, repara que ainda ficarás com o dinheiro que ganhares, para

gastares como quiseres. Depois, em setembro, voltamos a falar, para que tu decidas o que queres fazer da tua vida.

O pragmatismo da mãe acabava por englobar as preocupações que também eram do pai.

- Se queres trabalhar, ou continuar a estudar e acabar, pelo menos, a escola secundária. Atenção que, se optares por esta segunda hipótese, não pode haver mais chumbos: se houver, passas imediatamente para a primeira hipótese, e a escola acaba para ti. Acaba, bem entendido, connosco a pagar...obviamente que és livre de continuar a estudar, a partir daí, o que quiseres, mas terás de ser tu a sustentá-lo.

- Ou seja, teria de estudar e trabalhar ao mesmo tempo...

- Bingo, Einstein – O pai decide ironizar – O trabalhador-estudante. A única solução para muita gente... Gente que não tem, nem nunca teve, a boa vida que tu tens tido. Cá eles não desperdiçam, pois sabem como custa.

- Bruno? – Comida a última garfada e arrumados os talheres sobre o prato, a mãe assenta os cotovelos sobre a mesa, apoiando o queixo sobre os nós dos dedos, numa atitude séria e, à sua maneira, desafiadora.

- Eu sei que fiz merda – O Bruno, apesar da sua atitude usual, não odiava os pais. Era, simplesmente, difícil para ele empatizar, e ligar-se a eles de forma significativa, após anos de negligência – Mas, do que me estão a dizer, parece-me, é que ou estudo e conto com vocês, ou trabalho e fico por minha conta.

A mãe esboça um sorriso duro, mas, ao mesmo tempo, de reconhecimento pela perspicácia do filho.

- Bom, isto não foi colocado exatamente nesses termos, mas sim, com mais um par de passos dedutivos à frente, iríamos chegar aí.

O rapaz estava compenetrado, num raro momento de lucidez. Também de cotovelo sobre a mesa, levantava os dedos à têtora, talvez para lhe estabilizar o pensamento. Os seus lábios, fechados, descontraiam sobre uma face que refletia a seriedade do momento, e os seus olhos, de um profundo castanho, observavam, penetrantes, os pais à sua frente. Não lhes queria mal, mas algo lhe indicava que precisava de aumentar, ainda mais, a distância em relação a eles.

- Acho que não vou precisar de esperar por setembro.

- Como assim?

- Para saber se me inscrevo, ou não, na escola.

- Pá, Bruno, tu não sejas parvo – O pai já era, de si, irrequieto, mas em alturas destas sentia que explodiria se não fumasse um cigarro – A sério, isto está-me a irritar...vou fumar um cigarro.

Ficaram mãe e filho à mesa, enquanto o pai acalmava a ansiedade com nicotina, debruçado sobre a janela da cozinha. Ela, mais contida, deixa passar uns segundos, na esperança que o filho refletisse melhor e eventualmente conseguisse ver as coisas da perspetiva deles.

- Tens noção de que uma decisão dessas vai condicionar a tua vida toda...

- Mãe, eu não estou a fazer nada na escola.

A mulher esfrega a cara, devagar, com ambas as mãos, numa tentativa falhada de acordar do pesadelo, constatando, no entanto, ao voltar a colocar as mãos sobre a mesa, que ainda está sentada na mesma cadeira, à mesma mesa, à frente do mesmo filho.

- Bom, isso já tinha reparado... Mas estava com a vaga esperança que te atinasses e, pelo menos, acabasses o secundário.

Roda a cabeça sobre o ombro, chamando pelo marido que, entretanto, já tinha expirado o seu último bafo de fumo e atirado a beata para o parque de estacionamento, oito andares abaixo. É ele que fala, assim que reentra na sala, mesmo antes de se sentar no seu lugar à mesa.

- Tu, só com o décimo ano, só vais arranjar empregos de merda, a ganhar salários de merda – Serve-se de mais um copo de vinho – Para o resto da tua vida. Percebes?

- Eu não quero ser médico, como vocês.

- Embora não seja por falta de capacidade – Ela olha para o filho num relance de ternura, logo voltando para a sua pose esfíngica, embora preocupada – Mas diz-nos, Bruno, o que é que vais, então, fazer da tua vida?

- Vou trabalhar, então – A sua expressão transmitia assertividade – Começo este Verão, e depois continuo. Eu desenrasco-me.

- E vais trabalhar em quê, se não é indiscrição? – A mãe também pegara na dica e deixara que o marido lhe servisse mais vinho, permitindo-se, agora, relaxar um pouco, recostando-se na cadeira e segurando o copo displicentemente.

- Ainda não sei bem... Mas eu tenho contactos.

- Tu tens contactos...

O pai sorria, dando, novamente, rédea solta a uma ironia serpenteante. Mas o rapaz não se deixava afetar.

- Tenho. Conheço pessoas em bares. Malta da noite.

- Vais trabalhar num bar, é isso?

- Pá, ainda não sei, é possível – Começava a ficar impaciente com o que percecionava como um interrogatório – Mas, também, o que é que vos interessa? É um trabalho, ok?

A mãe volta a contrair as costas, pousa o copo de vinho e cruza os braços sobre a mesa, inclinando-se ligeiramente para a frente, na direção de Bruno. Ao contrário do pai, ela era menos dada a ironias.

- Ouve-me, Bruno – Olha para o filho fixamente – Mantenho o que disse há bocado: vais trabalhar e, efetivamente, não me importa o que seja. Desde que, e agora atenção, desde que não seja nada ilegal, nem envolva nenhuma ilegalidade – Deixa passar um momento, para aumentar o efeito – Entendido?

“Tenho de ter cuidado” foi o que, instantaneamente, passou pela cabeça do miúdo, enquanto devolia, também fixamente, o olhar da mãe. Não lhe apetecia responder-lhe que sim, e dar-lhe a satisfação de ter capitulado, mas, dessa vez, a voz da consciência foi mais forte. Havia um lado seu, muito consciente e estratégico: seria mais benéfico para si aceder e gozar, efetivamente, de maior liberdade, do que rebelar-se, numa explosão de emoção, e acabar ainda mais sob o jugo dos pais.

- Entendido – Respondeu, friamente.

Os pais, já um pouco ébrios do vinho, entreolharam-se, partilhando um ligeiríssimo sorriso cúmplice. Na sua ótica, muito embora o caminho do filho estivesse longe de corresponder ao seu ideal, este parecia, finalmente, estar a endireitar-se.

- Ok, ótimo.

E o Bruno sentia-se, efetivamente, mais liberto. Levantou-se, e deu as boas noites aos pais.

- Vou-me deitar.

Despediu-se deles com um beijo na face, como era habitual, ao final do dia.

- Boa noite.

- Boa noite, filho.

Enquanto ele regressava ao seu quarto, para fumar o seu charro sagrado antes de dormir, refletindo na sua vida, os pais deixavam-se ficar na sala, a discutir o futuro e a acabar o resto da garrafa de vinho. Ao sentir-se a adormecer, numa verdadeira pedrada de sono, ainda conseguiu ouvir, em tons abafados, os pais a terem relações sexuais. Afinal, aquele lar não era um sítio completamente desprovido de amor.

O Bruno tinha, de facto, contactos. Contactos no submundo dos bares e discotecas, e outros no submundo das substâncias. Porque, claro, quem arranjava erva também arranjava outras coisas, ou conhecia alguém que arranjava. Nesses mundos, tudo era relação pessoal, manivelas de poder e hierarquias. Seres humanos no seu melhor, e pior. Começou num dos bares à beira-rio, numa zona que já tinha visto os seus anos de glória e que, presentemente, se afundava lentamente no esquecimento, à medida que a ferrugem ia carcomendo o cais. Mas, ao fim-de-semana, lá animava um pouco, sendo possível um vislumbre do seu antigo esplendor. Ele ia ouvindo as conversas, retirando alguns nabos da púcara com o seu charme e sorriso fáceis, e ia percebendo que tudo aquilo apenas raiava a legalidade, entre proprietários e clientes de igual forma. Mas, de facto, servir às mesas e tirar imperiais ainda não era ilegal, pelo que não estaria a mentir à mãe se lhe contasse o que andava a fazer. A sua inteligência e perspicácia rapidamente lhe ensinaram, por outro lado, que recebia mal pelo que fazia. Basicamente, era explorado. Assim que percebeu isso, simplesmente deixou de aparecer. O dinheiro que ganhava ali dava para os charros, umas idas à discoteca, para ir e vir da praia e pouco mais. Também não havia mais despesas, ainda, mas o Bruno tinha ambições. Queria sair com as damas, pagar-lhes umas bebidas, levá-las de táxi, vestir-se melhor e usar perfume do bom. Tinha dezassete anos, mas toda a gente lhe dava dezoito, ou mais. Os pais mal o viam, mas isso parecia fazer parte do acordo e, lá está, desde que nenhuma ilegalidade viesse a ocorrer, e a importuná-los, por eles era tranquilo. Deixou de aparecer no bar das docas, mas, naturalmente, já tinha outro lugar assegurado. Uma miúda que conhecera, nessas andanças, passava música num outro bar, na parte alta da cidade, e meteu-lhe uma cunha junto da gerência. Ele era bonito, já tinha alguma experiência, e não se importava de receber sem recibo, portanto nem pestanejaram. Era explorado na mesma, mas por um valor mais condigno. Ali, a fauna era mais refinada, embora fosse, na maior parte, betos que transitavam para a zona das discotecas. Assim como num entreposto onde iam carregar as baterias de álcool e drogas, para o resto da noite. Rapidamente percebeu onde se realizavam as transações, estas sim, ilegais. Aquela malta gostava de coca, e ele também começou a gostar, já que, apesar de ter tempo para dormir durante o dia, aquela vida noturna começava a pesar-lhe e, não poucas vezes, sentia-se cansado. Só metia nas noites mais frias, e nunca no interior do bar. Ele era relativamente novo naquelas andanças, mas não era estúpido. Além disso, impressionava bastante quando, nas noites de folga, saía com alguma miúda, ou miúdas, e sacava, no momento oportuno, do pó. Elas, geralmente, faziam um ar surpreendido, mas, na maior parte das vezes, também snifavam. O ser humano é um bicho de ambientes, e só precisa do contexto certo. A favor ou contra as drogas, haverá contextos para as tomar, e outros que não fazem sentido. Por esta altura, já não as levava para casa, coisa que já não fazia sentido devido a todo aquele protocolo de entrar pela porta de trás, não fazer barulho e sair em bicos de pés. Pediu as chaves de casa da avó aos pais e, no anexo que tinha no quintal, arranjou aquilo minimamente para se parecer menos com uma arrecadação e mais com um quarto dotado de um ambiente romântico. Uma cama, uns panos, uma aparelhagem e cinzeiros para os charros era tudo o que era preciso. Ainda por cima o

anexo tinha casa-de-banho, pelo que não tinha de incomodar a avó com nada, apenas umas contas de água e luz ligeiramente superiores. A avó, embora não se importasse com isso, andava cada vez mais doente, passando temporadas cada vez mais longas na clínica ou no hospital, ficando a propriedade inteira ao seu dispor.

O Bruno, apesar da sua vida noturna, sexual e alegado abuso de drogas, gostava da avó. Quando se lembrava, ou os pais o lembravam, ia visitá-la, levando-lhe uma lembrança. Uma flor, uns chocolates, qualquer coisa. Não se imaginava alguma vez a fazer isso pelos pais, mas a velha tinha cuidado dele muitas vezes quando ele era criança, e isso deixa marca. Ele, por seu lado, também ia passando temporadas cada vez maiores no lote da avó, pelo que, quando ela morreu, só fez sentido ficar lá definitivamente. Entristeceu-o a morte da avó, mas a sensação de liberdade de ter o lote todo para si era inebriante, aceitando de bom grado o pagamento das contas e, algumas vezes, as suas refeições em casa. Cozinhar era palavra estranha para si, mas o instinto de sobrevivência lá o punha a mexer uns ovos e a cozer molhos de esparguete, no meio do caos de restos, migalhas e loiça suja que a cozinha da falecida avó passou a ser. A mãe, quando lá ia, pregava-lhe o sermão de sempre, que ele ignorava com diligência, até porque, passados uns dias, a empregada desta passava por lá e dava um jeito, numa tarde. Para ele, era suficiente.

Entretanto, saíra do bar onde estava, e conseguira empregar-se numa das discotecas da costa. Era mais longe, mas pagava melhor e, se não conseguisse boleia, podia ficar na casa dos outros avós. Já não era tão fácil arranjar miúdas, por outro lado, pois a idade ia avançando e elas começavam a querer coisas mais sérias, não se contentando com um par de noites no anexo. A boa vida também começava a parecer ameaçada por inexplicáveis melancolias, de tal forma que, às vezes, não conseguia reunir ânimo suficiente para se levantar da cama. Nessas ocasiões sentia-se estranhamente só, pois tinha imensos amigos e amigos, e o corpo doía-lhe de tanta inatividade. Era como se o vazio que sentia dentro de si o chamasse, e o puxasse, em busca de uma satisfação que não conseguia localizar. Num desses momentos, um amigo ligou-lhe.

- 'Tou? – Atendeu o telefone com uma voz rouca e arrastada. Era quase seis da tarde e ainda não se tinha levantado.

- Chaval, sou eu - Do outro lado da linha, outra voz rouca, que era uma deformação profissional das gentes da noite, mas imbuída de um espírito mais ativo.

- Quem?

- O Edu, puto!... Estás bem?

- Não sei, puto...acho que já estive melhor – A custo soergue-se, encostando-se à almofada – Dói-me tudo.

- Mas estás doente, ou quê?

- Pá, acho que não... Mas custa levantar-me.

- Olha, chaval, posso passar aí?

Bruno pondera um momento, a considerar se estará em condições, ou mesmo se quer que o amigo o veja naquela condição.

- Hum...ok.

Desligam o telefone.

Quando o outro chegou, uma hora depois, já tinha conseguido levantar-se, mas apenas fizera a barba. Não tinha comido nada, mas também não estava com apetite.

- 'Tão, Bruno, 'tás de folga hoje? – O Edu olhava para ele com um ar preocupado, apesar das suas próprias olheiras, barba por fazer e cabelo oleoso.

- lá...

- Ouve, trouxe aqui uma cena para a gente experimentar – O amigo já sacava do cachimbo e dos pacotinhos que trazia no casaco.

- Eh, charros agora não, meu... 'Tou assim um bocado esquisito e, se fumo algum, tenho medo de ficar pior.

- Naa... não é charros – Mostra-lhe o pacotinho com umas ervinhas de tom acastanhado, apressando-se em abri-lo e colocando o preparado dentro do cachimbo – Isto acende-se assim, primeiro só um cheirinho, depois mais para libertar o vapor e...a seguir, é só meter para dentro.

O Bruno observava-o a inalar aquele vapor, enquanto as pupilas do amigo se iam dilatando, e um sorriso ausente lhe surgia no rosto.

- Ok, 'tá bem. Só um bafo.

E esse bafo foi tudo o que precisou para saber que era aquilo, exatamente, que estava a precisar. Ou assim o sentia naquele momento. Revirando os olhos, deixou-se cair na cama, como que em câmara lenta. De repente, deixou de sentir qualquer sensação esquisita, nenhuma dor no corpo, apenas uma paz infinita, uma calma que não se lembrava de alguma vez ter experimentado. Com os olhos fechados, deu outro bafo, e depois outro, enquanto o bom do Edu também viajava algures no seu Nirvana de aluguer. Libertos de qualquer noção de tempo, cada um com o seu sorriso ausente, até que a erva acabou e o efeito passou. Já era noite alta. Regressaram as dores no corpo e as náuseas, mas agora a sensação de fome era mais forte, abafando, em parte, esse mal-estar. Não falou mais com o amigo nessa noite, exceção feita para lhe dizer que aquilo, definitivamente, seria para repetir.

- Tchau, Edu.

- lá, a gente vê-se, Bruno – O cabelo do amigo reluzia sob a luz monocromática dos candeeiros da rua – E, claro que sim, arranjo mais desta cena, sem espinhas. É ópio, puto.

- 'Brigado.

Encostado à parede do anexo, fica a ver o amigo a arrastar-se até ao fundo da rua, deixando de o ver assim que este contorna uma esquina daquele pequeno enclave de moradias citadinas, resistentes no meio da crescente maré de betão. Cansado, embora sem recordação de se ter mexido, arrasta-se ele próprio até à cozinha, onde lá encontra, no frigorífico, um bife que a empregada tinha deixado, cozinhado na frigideira da mãe. Com mais um pacote de batatas fritas e uma cerveja morna, sacia a fome que ameaçava comer-lhe as paredes do estômago. Sentindo-se mais equilibrado e menos esquisito, voltou ao seu anexo e dormiu, sonhando com um lugar escuro onde ele está sozinho. Um lugar que, embora não desconfortável, não conhece a forma nem as fronteiras. O seu buraco negro.

Acordado, a sua vida continuava, como sempre acontecia. Os gerentes da discoteca onde trabalhava acabaram decidindo que o encargo com ele não se justificava, face à rentabilidade em baixa do negócio, e libertaram-no das suas funções. “Estás livre”, foi a expressão utilizada. Não gostou de receber a notícia, e achou a expressão hipócrita, mas, verdade seja dita, já estava farto daquilo. Das mesmas pessoas, das mesmas músicas, das mesmas bebedeiras. Não sabia onde é que ia arranjar outro emprego, mas confiava que a sua beleza, charme e inteligência iriam, rapidamente, convencer alguém a requisitar ou a aceitar os seus préstimos. E, de facto, um par de semanas foi o tempo suficiente para tal acontecer. Nesses dias andava a surfar mais, por ter mais tempo, e porque gostava mesmo de surfar. Por usar mais a prancha também precisava de mais cera pelo, a certa altura, foi à

loja onde costumava ir abastecer-se de “sex wax”. Foi aí que reparou na folha, à porta, a pedir alguém em part-time. Essa loja, que vendia as marcas habituais de artigos de surf, era um negócio familiar, pelo que acolheram o facto de ele ser um cliente habitual ou, pelo menos, um cliente antigo. Apesar de mais velho do que os miúdos que lá costumavam ter em part-time, aquele sorriso irresistível e o facto de conseguir realizar reparações em pranchas e acessórios, foi o suficiente para os convencer. Ia receber uma miséria, mas por enquanto as despesas eram baixas e, além disso, sempre tinha querido trabalhar em alguma coisa relacionada com surf. Podia muito bem ser uma loja de esquina na Costa da Caparica.

Bom, as despesas eram baixas até começar a contabilizar o custo dos narcóticos, que era o nome técnico associado, na altura, às substâncias ilegais com poder para alterar o estado de consciência humana. Ia moderando o vício, por uma limitação financeira, o que não o impediu de usar o seu carisma e lista de contactos para começar a vender algum “chamôn”. Era dinheiro que acabava sempre por ser preciso para segurar as pontas e, francamente, o cannabis só não era legal em Portugal por obstinação das autoridades, já que os benefícios largamente ultrapassavam os riscos. Portanto, tecnicamente, e na sua cabeça, nem sequer estava a quebrar a regra combinada com os pais. Estava somente, e justamente, a fazer pela vida, com os meios que tinha à disposição. Estes acharam estranho, naturalmente, quando lhe perguntaram quanto é que ganhava na loja, já que dificilmente daria para a alimentação e as contas mensais, mesmo tendo em conta que não pagava renda. Mas ele descansou-os com a mentira inocente de que fazia arranjos a equipamentos de surf por fora, para compensar. Fazia sentido e, de facto, não o chatearam mais por causa disso. Aliás, não o chateavam com nada, praticamente, funcionando o tácito acordo de que desde que ele não arranjasse sarilhos, e comparecesse, de vez em quando, aos eventos familiares, a não-relação entre eles era tranquilamente aceite. Pelo menos na aparência e, em todo o caso, o Bruno não dedicava muito espaço ou tempo mental a preocupar-se com isso. Até porque, de momento, a vida corria-lhe bem. Surfava, trabalhava, mas não muito, ganhava o suficiente para as suas despesas, e até arranjava uma namorada. Dessa vez, aliás, não era uma mera queca de circunstância. Já andava com ela há uns três meses, e apreciava mesmo a companhia dela. Tinham esbarrado um com o outro na praia, ambos de prancha na mão, à procura, nas ondas, de um rumo para a sua vida. Fascinava-o aquele olhar dela, de vez em quando perdido no horizonte, talvez a ruminar um passado que não partilhava com ele. Se calhar, nem com ela própria, às vezes temia. Ela, também como ele, tinha tendência para expiar os seus pecados através do sexo, pelo que o faziam muito: praticamente todos os dias, desde o dia em que a apresentou ao seu anexo, na segunda semana após o seu primeiro encontro. Mas o “foder para esquecer” tem os seus limites, e o Bruno ia observando, de dia para dia, a ausência que ela lhes impunha, mesmo quando estava presente. O fascínio ia-se transformando em preocupação e, passados mais três meses, já raiava o desespero. Ela não se ia embora, mas estava a transformar-se num espectro. Um espectro que fodia, ou que se deixava foder.

- ‘Tão, Bruno? – O primo dele intercetou-o, no meio do parque de estacionamento da praceta na qual costumavam brincar, mas onde já não vivia há várias anos.

- Daniel? – Absorto nos seus pensamentos, levou uns segundos a reconhecer o primo.

- Lá, sou eu – O Daniel sorria. Estava genuinamente contente por rever o Bruno, que já não acontecia há mais de dois anos – Como estás?

- Pá, cá estou. Vim buscar umas coisas a casa da minha mãe. E tu?

- Eu... vim só porque os meus pais estão a vender a casa, e eu aproveitei para dar cá um último pulo. E rever algum do pessoal de antigamente.

O Bruno estava algo desconfortável, mas parecia querer manter aquele encontro mais algum tempo. Felizmente, o Daniel lembrou-se de algo para dizer.

- A tua mãe esteve lá em casa, no outro dia.

- Qual casa?

- Na minha, em Lisboa.

- Lá, claro, tu agora moras em Lisboa.

- Quer dizer, elas estavam lá nas suas cenas... Para te ser franco, nem sei porque é que a tua mãe lá apareceu, mas, a certa altura passei na sala, e ouvi-a dizer que agora tinhas uma namorada – Ao dizê-lo, o sorriso do Daniel abriu-se até à sua máxima extensão – Se me lembro bem, o teu problema era o de às vezes precisares de um tempinho só para ti, e elas não te largarem...

A cara do Bruno, de repente, contraiu-se, acusando a dor e a frustração daquela referência a “namorada”.

- Tss, namorada...

- Quê? Não gostas dela?

- Eu sei lá...há bocado estive com ela – A face dele sofreu nova transformação, agora com o sangue a subir-lhe às bochechas, vermelho de vergonha – Pá, aquilo foi uma punheta de cona...

O Daniel, cujo sorriso já se tinha desvanecido completamente, só se sentia desenquadrado face ao problema do primo, embora conseguisse observar a sua frustração. Já não era o primo totó, ingénuo e virgem que o Bruno conhecera em criança, mas não tinha forma de se relacionar com aquela “punheta de cona”, ficando simplesmente a olhar, atónito, para ele.

- Meu, que cena.

- Lá, a quem o dizes – Os seus olhos, por um instante, adquirem o brilho húmido da lágrima, mas o seu orgulho intervém, mantendo a fachada do homem que aguenta, que tem de aguentar – Mas vá, fica bem. Vamos falando.

- Tchau, Bruno.

O Daniel estende-lhe a mão, para o passou-bem de despedida, que ele aperta, sem convicção.

- Tchau.

E continuou o seu caminho, na direção do prédio da mãe. Antes de entrar, ainda lhe ocorreu, juntamente com uma sensação de mal-estar, que sorte teria o primo. Um sentimento reptício de inveja, em que ele, se calhar, teria uma namorada que gostava dele, e que não seria tão anormal e condescendente com drogas, que estudava e viria, um dia, a ser alguém na vida. Sem disso se aperceber, a vergonha acompanhava e guiava os seus passos, no inexorável sentido do seu buraco negro, que o atraía com toda a força do seu vazio.

A dita namorada acabou, passado pouco tempo, por acabar com ele. Ou obrigá-lo a tomar essa atitude. “Bruno, não dá”, foi a justificação que obteve dela, quando a confrontou com o facto que, de facto, não dava. Ela estava completamente perdida, e o Bruno, senhor ausente dos seus próprios passos errantes, não conseguia encontrá-la. Foi a primeira vez que alguém partiu o seu frágil, mas caloroso, coração. A dor dessa separação, acompanhada de um lento esfriamento da sua alma, ia empurrando um Bruno cada vez mais distendido, como um pedaço de manteiga espalhado sobre demasiado pão, na direção do ópio. Fino, desfocado e insuficiente, transformava-se em livre, inteiro e presente, durante as sempre curtas sessões de inalação. Durante algumas semanas ainda conseguia manter uma rotina em que o ópio ia contrabalançando a dor emocional, logo também física, que carregava consigo. O dinheiro lá ia chegando, quanto baste, para alimentar as necessidades básicas e o

vício. Mas as coisas complicaram-se quando começou, inevitavelmente, a descurar o trabalho. À primeira, o filho do casal dono da loja de surf, que na prática geria o estabelecimento, compreendeu e assegurou ao Bruno que era na boa. Aquela boa onda dos surfistas da Costa, que tão bem conhecia, e pela qual agradeceu, não só na altura, mas também secreta e internamente. Mas depois veio uma segunda e uma terceira, em que não aparecia para o seu turno, e a boa onda metamorfoseou-se num mar raso, até que, à quarta vez, foi “Má onda, Bruno”. Que gostava dele, e tudo, mas que aquilo era um negócio, e que tinha de ser gerido como tal. Os seus clientes não tinham culpa, e a sua tesouraria muito menos. “Trata de ti, meu”, foi o que de lá trouxe, quando se viu obrigado a deixar a loja.

Era um bom conselho, a sério que era. Mas o Bruno não estava em condições de o seguir, pois nem sequer conseguia ver quão verdadeiramente precisava de cuidar de si. A sua preocupação imediata foi “Como é que eu agora vou arranjar dinheiro para o vapor?” Poderia ser que a falta de recursos financeiros fosse motivação suficiente para ele levantar a cabeça e concluir que não poderia sustentar o vício, gradualmente cortando no abastecimento. Mas a lógica da dependência é outra inteiramente. Trata-se de uma crença profunda de que a sobrevivência do organismo está dependente daquela substância, ativamente ignorando que se trata apenas de um mecanismo desenhado para preencher um vazio interno. Vazio esse que, naturalmente, é esquivo e impermeável a qualquer substância que não seja produzida pelo próprio corpo, com origem certificada em processos de amor, próprio e de outros. O Bruno, apesar da momentânea cegueira e dos passos certos, embora inteiramente inconscientes, na direção do buraco escuro, era um homem de inteligência e de recursos. Tinha ideias. Poder-se-ia questionar se eram ideias convenientes, oportunas, ou mesmo legais, mas eram estratégias genuínas. E algumas delas pareciam funcionar, pelo menos no contexto restrito do que ele queria. Não necessariamente do que precisava. Portanto, no imediato, vendeu o seu stock de “chamôn” e a sua segunda prancha de surf. Isso proporcionou uma pequena almofada, para atenuar o recente despedimento. Mas, claro, planeava continuar a passar alguma erva, embora soubesse que isso tinha um limite, acima do qual já sabia que a bófia ia começar a apanhar o cheiro a charro. Percorreu a sua lista de contactos, à procura de uma aberta num dos bares da sua frequência, mas a noite parecia estar a esmorecer em todo o lado, à medida que a crise se adensava e os abutres da Troika sobrevoavam o país, à espera que a economia colapsasse e pudessem, finalmente, refastelar-se com o seu cadáver. O melhor que conseguiu, nesse fim de Verão, foi um gig para ir montar palcos num festival. E teve imensa sorte pois, pela primeira vez, deu o corpo ao manifesto por um acontecimento coletivo que realmente o entusiasmou. Estava no Boom. Não ia ganhar muito, mas, de repente, parecia estar no paraíso: mulheres lindíssimas, livre circulação de drogas e boa música. Carregou muita coluna, montou muito andaime e espalhou muito cabo, mas a recompensa estava no próprio ambiente, e naquela oportunidade única. Porque, obviamente, não teria dinheiro para lá ir, se tivesse de comprar bilhete. Experimentou MD, fumou ervas várias e, numa senda de espiritualidade que não conhecia, mas que acolheu imediatamente, envolveu-se numa onda de sexo livre e desapegado. Durante uma semana, foi absolutamente feliz.

Quando voltou, sentiu o violento impacto da sua vida a regressar-lhe ao corpo. O contraste com os dias vividos no festival era tão grande que a sua queda terá sido ainda mais vertiginosa do que se lá não tivesse estado. Os dias mais sem sentido, as pessoas mais frias e distantes, o seu buraco negro maior e mais atraente. O vapor do ópio aliviava, mas já não deixava um travo satisfatório, e já só pensava em algo para as dores. Todas: as do corpo, da mente e do espírito. Foi aí que conheceu a heroína. Talvez tivesse gostado, nessa fase da sua vida, de conhecer uma outra heroína: uma mulher que o salvasse do seu núcleo vazio, em torno do qual orbitava, e que o amasse tal-e-qual ele era, com dores, com ópio, com tudo. Ao invés disso, foi apresentado ao opiáceo mais forte de todos, e diretamente na veia, para um efeito mais rápido e profundo. Sentia que precisava, sabendo também que não devia, o que vinha acompanhado com a correspondente dose de vergonha. Portanto, ninguém sabia, nem o Edu, apesar de ter sido este a iniciá-lo no mundo dos opiáceos. Ao início. Mas,

claro, era impossível esconder um vício tão flagrante como o do “cavalo”. E caro, também. Em dois anos, injetou centenas, milhares de euros nas suas veias que, apesar do investimento, estavam cada vez mais gastas e massacradas, em vez de ricas e opulentas. Fez um pouco de tudo, para poder andar a “cavalo”: passou erva, serviu bebidas, lavou carros, fez de gigolô. Exatamente, os anos a pinar rapariguinhas de dezasseis anos acabaram por torná-lo uma máquina sexual: alguém capaz de se despir de toda a sua roupagem emocional e apenas foder quem tem pela frente. Naturalmente que, passado esse tempo, já não encantava miúdas tão novas. Nem estas lhe interessavam, pois não tinham um gosto, a maior parte delas. Agora eram mulheres de trinta, quarenta, cinquenta e tal anos, cansadas da violência da vida, da solidão e da abstinência. Só queriam uma boa queca, e mais nada. Não pediam, não retilavam, e pagavam. Ainda por cima ele ainda era novo, simpático e relativamente bem parecido, mesmo tendo em conta que a droga ia deixando as suas marcas. Ele não era, obviamente, estúpido ao ponto de se injetar nos braços, ou assim em algum sítio evidente. Fazia-o com muito cuidado, e apenas em sítios refundidos como nos pés, parte interior das pernas e, ocasionalmente, nos pulsos. Era um prostituto móvel: ia a casa, ia ao motel, onde elas quisessem. A regra era nunca as levar para sua casa, pela razão óbvia. Casa esta que, previsivelmente, estava cada vez mais imprópria para consumo. A sujidade alastrava-se, pousando sobre as superfícies como uma neblina, e a desarrumação fazia eclipsar qualquer espécie de arrumação que alguma vez pudesse ali ter existido. Não contribuía o facto de ter dispensado a empregada da mãe, que lá costumava ir de vez em quando. Mas tinha de ser: ninguém podia saber, especialmente a mãe.

Mas, claro, era só uma questão de tempo até isso acontecer. Porque, havendo desespero, há impaciência e, havendo impaciência, há descuido. O Bruno ia fazendo os possíveis, no entanto, para manter as aparências. Ia a algumas reuniões de família, a um ou outro jantar com os pais. “Mas que cara é essa, filho...Estás doente?”, ou outras intervenções do género, eram fáceis de rebater: “É este trabalho à noite”, ou “Um colega adoeceu, e estou a fazer as noites dele”. Os pais, apesar de médicos, não conseguiam dizer, só de olhar para o filho, se aquela magreza e aquelas olheiras seriam causadas pela sua dedicação a um trabalho noturno digno, ou por um vício galopante em heroína. Já não tão fácil foi esconder roubo, puro e simples. Embora tenha tentado. Num desses jantares com os pais, estava tudo normal até ter topado, em cima da mesa da cozinha, um maço de notas juntas com um elástico. Já dizia o povo que a oportunidade faz o ladrão. Não tendo essa pérola da sabedoria popular sido demonstrada em todo o domínio das situações sociais, envolvendo apropriação indevida de algum bem, propriedade de alguém, por outrem, foi definitivamente verdade naquele caso particular. Bruno não tinha entrado na casa dos pais, nessa noite, na intenção de os roubar, mas aquele maço de notas estava, de facto, só ali à espera de ser levado para outro lado qualquer que não as mãos da empregada, por constituir o seu salário desse mês. Ele não sabia disso, mas, na sua cabeça condicionada pela heroína, também não gastou tempo mental a tentar inferi-lo. Sabia que não era para ele, e isso não tinha, necessariamente, de ser assim. Portanto, ao despedir-se dos pais, tão calmamente quanto à chegada, disse-lhes apenas “Não precisam de se levantar, eu sei onde é a porta”, com um largo sorriso tirado do seu leque de sorrisos irresistíveis. Depois disso, foi só esticar o braço através da porta da cozinha, introduzir o maço no bolso do casaco, e desaparecer para além da porta da casa. Não pensou duas vezes antes de o fazer; aliás, não pensou uma vez sequer, pois se o tivesse feito teria sido inundado por considerações de ordem moral e de justiça, o que, definitivamente, não era compatível com o vício já tão confortavelmente instalado no seu cérebro.

Por essa altura ele já percebera que a heroína era uma amante incrivelmente poderosa e generosa, quando presente, mas implacável e exigente, quando em falta. Portanto tudo, ou quase tudo, era feito para beneficiar dos primeiros efeitos, e para não ser prejudicado pelos segundos. Havia quinhentos euros naquele maço. Era um mês de trabalho para a pobre criatura que servia os pais e que, provavelmente, merecia bastante mais. Estes andaram dias a partir a cabeça a tentar descobrir o que tinha acontecido ao dinheiro. Teria a filha levado por engano? Teria um deles reposto o dinheiro no

banco, por já não se lembrar para o que estava destinado? Teria lá estado, efetivamente, em alguma altura? Estas e outras questões atormentavam a cabeça daquele casal de médicos que, apesar de não morrerem de amores pela empregada, reconheciam que não era completamente incompetente, e que merecia aquele pagamento. No entanto, o extrato da conta era claro: o dinheiro tinha sido levantado, naquela quantia exata, dois dias antes de ter desaparecido. Estaria na posse de Bruno, por algum motivo? Este negou tudo, obviamente. “Mas que dinheiro, mãe?” “Não faço ideia do que estás a falar”, e não havia forma de lhe sacar mais informação, nem de provar que tinha sido ele. Então a mãe, num golpe de génio, decide mandar a empregada a casa do filho, na tarde de uma reunião de família na qual este também estaria. Isto, naturalmente, depois de ter levantado do banco mais quinhentos euros da conta conjunta com o marido, senão a mulher só não ia lá, como provavelmente chamaria os gandulos dos primos, lá do bairro social onde vivia, para lhe partir os dedos finos e refinados de oftalmologista. Usando o conjunto de chaves da patroa, proveniente da falecida mãe desta, a empregada entrou em casa, para encontrar o caos que já conhecia, mas pior. Até aí, enfim, tudo normal. Chocante foi só mesmo quando entrou no anexo. Havia restos de “caldinhos” por todo o lado, seringas, bolas de algodão e outros absorventes, alguns com manchas de sangue. O cheiro era desagradável, e particularmente impactante numa primeira inspiração. Isto para além do caos usual, típico de um local habitado pelo Bruno. A empregada não ficou com dúvidas: entrara no covil de um “carocho”. Não o colocou nesses termos à mãe dele, mas comunicou-lhe apenas “Doutora, ele parece ter drogas no quarto, e andar a consumir”. Era só o que a Doutora precisava de ouvir, embora preferisse não o ter feito. De uma só assentada, descobriu que o filho era toxicodependente, ladrão e mentiroso. Nesse instante, apenas teve a presença de espírito para agradecer à empregada, dar-lhe o resto do dia de férias e sentar-se no sofá da sala a chorar convulsivamente. Mas se não tivesse nervos de aço, não conseguiria operar os olhos das pessoas, pelo que rapidamente se recompôs e chamou o filho à pedra. Ao telefone, no entanto, não deu nada a entender, apenas que ela e o pai precisavam de falar com ele. O Bruno, no entanto, fruto da sua habitual perspicácia, suspeitou logo que a iniciativa tivesse a ver com aquele dinheiro embora não fizesse ideia das maquinações da mãe. Em todo o caso, mantinha-se fiel ao seu plano de negar tudo.

- Bruno, ouve – Tornara-se difícil olhar para ele, esquelético, com os olhos encovados, coroados por umas olheiras enormes, carregando um desespero persistente nos lábios – Eu sei que levaste aquele dinheiro. Não vale a pena negares. Mas isso nem é o mais importante, valha-me Deus, Bruno...O que é que se passa contigo? Desde quando é que és viciado em droga?

E ali estava ele, encurralado, descoberto, indefeso, a sentir-se vulnerável, mas sem energias para ripostar. Ia negar, de facto, mas do que é que isso valia se a mãe já sabia da heroína? De repente, sentiu um cansaço infinito, à medida que o efeito do último chuto ia passando e iam entrando, sorrateiramente, as sensações associadas à falta. Deixou-se cair no sofá.

- Filho – Já nenhum deles se lembrava da última vez que ela se tinha dirigido a ele naqueles termos, mas a situação parecia exigir-lo – Olha para ti... Como é que te sentes? Fala connosco...

O pai, de semblante preocupado, aproximara-se também do sofá, nuns raros olhos lacrimejantes.

- Pá, Bruno – Até o próprio Bruno levantou o olhar, exausto, para ver o pai como nunca tinha visto – Eu sei que não somos, e não fomos, os pais perfeitos, mas dói-me muito ver-te assim. Deixa-nos ajudar-te, por favor.

O filho continuava sentado no sofá, num silêncio envergonhado, ocupado com todas as suas restantes sensações. Havia uma parte de si que sim, estava cansada, que queria capitular, queria só descansar e esquecer os últimos três anos da sua vida. Mas o buraco negro, na sua atração vácuca, ainda puxava com muita força, e ele não se sentia com forças para resistir. Ao fim de um minuto, a conter a vergonha e o desespero, levantou-se, com os olhos raiados de sangue, e saiu sem abrir a boca. O pai

ainda fez o movimento para o seguir, mas a mãe sinalizou-lhe, com uma mão firme sobre o ombro, que não era altura para isso. Ao chegar a casa, nesse dia, o Bruno parou, junto à ombreira da porta do seu anexo, e contemplou realmente, pela primeira vez em três anos, o quarto onde vivia. “Foda-se”, resumiu, em pensamento, o nojo e a agonia de ver aquele caos, sabendo que era a sua casa. Já não era a casa dos pais, era a sua, e parecia-se com aqueles recantos asquerosos debaixo das pontes, onde os carochos se reuniam para se caldar, no meio do lixo e do mijo. Entrou, mas estava, claramente, nauseado. Tomando consciência da sua situação, deixou-se escorregar no canto do quarto, encostado à parede, e chorou. De cara enfiada nas mãos, deixando a vergonha escorrer, lentamente, por entre os dedos. Um pouco mais aliviado pensou, por uns instantes, que iria conseguir deixar a droga, ignorando os sintomas da falta que sentia crescer dentro de si. Dignou-se, durante uma hora, ao longo da qual ia parando, de vez em quando, para chorar, a limpar e a arrumar o quarto. Aquele ato de encher o saco do lixo, de levar os tapetes lá para fora, de pôr na máquina os lençóis e toda a roupa espalhada, ia produzindo uma esperança, um raio de luz no seu espírito. Até que a ressaca lhe mostrou todo o seu esplendor, desligando a maior parte do seu cérebro e deixando ativas apenas aquelas regiões relacionadas com a sobrevivência e acabar com a dor. Em modo automático, correu a preparar uma dose e a desligar para mais umas horas de ausência com a sua heroína.

Devem ter passado várias semanas, até que o Edu lhe bateu à porta. Já tentara ligar várias vezes, mas, como o Bruno não atendia, decidiu aparecer. Esteve ali a bater à porta uns minutos. Quando estava prestes a desistir, esta abriu-se devagar.

- Edu...

- Bruno?

Ao ver aquela cara familiar, este último voltou-se para o interior da divisão, deixando a porta aberta. O Edu percebeu que tinha autorização para entrar, mas fazia-o com hesitação, numa expressão incomodada.

- Puto... O que é isto, meu? ‘Tás a dar no cavalo?

O outro senta-se na cama e devolve-lhe um sorriso ausente. A trip dava-lhe calma, mas pouco discernimento. Ainda assim, conseguiu responder ao amigo.

- ‘Tou.

- Ii, meu...isso é forte.

- Já... - O Bruno não tentava ocultar o efeito. Aliás, agora que a sua mãe já sabia, ele próprio também já não queria saber.

- Mas, Bruno...essa cena lixa-te a vida toda – O amigo permanecia de pé, olhando em volta para os despojos da vida do Bruno, e a sentir-se desconfortável.

Este último limitou-se a deixar-se cair sobre a cama. O amigo não estava, nitidamente, a transmitir-lhe nenhuma novidade. Na sua perceção, aliás, a sua vida já não conseguia lixar-se muito mais.

- E a tua vida, Edu? – Falava despreocupadamente, para o espaço do quarto, como se o Edu estivesse em parte incerta.

- Pá, vinha cá para te falar de cogumelos...

O outro só sorria, espalhado pela cama, a curtir a sua própria decadência.

- Não acreditas?

- Oh pá, acredito... Fala-me de cogumelos – Expira pesadamente – Fala-me do que quiseses.

Aí o Edu puxa uma cadeira do canto do quarto, depois de lhe subtrair um velho leitor de cassetes, com uma coluna de cada lado, mesmo um daqueles items vintage tão típicos do seu amigo.

- Meu – As mãos do Edu fazem uma concha, como se estivessem a segurar uma boa dose de cogumelos – Tu já tomaste cogumelos?

- Como assim? Na salada?...

- Bruno, a sério. ‘Tás a gozar? Não sabes do que estou a falar?

- Ouve... ‘Tou cá com uma broa...

- Cogumelos mágicos.

Ao ouvir aquele nome, o Bruno levanta os braços, ficando apoiado na cama sobre os cotovelos. Os seus olhos encovados pareciam frinchas, enquanto ele perscrutava, através da sua memória e da broa, alguma recordação com isso relacionada.

- Não...

- Não o quê?

- Não tomei – Abrindo um pouco mais os olhos, parecia, de facto, estar a lembrar-se de alguma coisa – Mas havia lá disso.

- Onde?

- No Boom – E volta a deixar-se cair na cama.

- Ah, ok, mas...queres tomar?

- lá, meu... eu tomo tudo – Vira-se para o lado, enrolando-se sobre si próprio, adquirindo uma posição fetal – Qualquer coisa, para não sentir esta merda de vida.

- Pá...aquilo é brutal – As mãos do Edu continuavam a segurar uma espécie de bola imaginária, como se esta integrasse o poder da vida – Experimentei no outro dia. Tive uma trip daquelas... Mas não á nada como o ópio e, suspeito, não deve ser nada como o cavalo.

- NADA é como o cavalo... - O Bruno vira-se mais uma vez na cama, a curtir mais uma volta na sua trip de heroína.

- Acredito... Mas essa cena agarra mesmo. Os cogumelos, não.

- Como assim?

- Não te consegues viciar em cogumelos.

Dessa vez, o Bruno para os movimentos fetais e senta-se de pernas cruzadas. Estava a começar a ficar realmente interessado.

- Se quiseres, consigo arranjar os cogumelos à pala. Conheço um tipo que cultivava, e é na boa. Ele dá-me os cogumelos, e pronto.

- lá, claro...ele dá-te – Sai-lhe um sorriso irónico – E a seguir, cobra-te.

- Não, a sério. Vender é ilegal, como o cavalo, mas cultivar e consumir não, portanto...

- ‘Bora aí, meu, ‘bora encher a cabeça de cogumelos!

O Edu desfaz a bola imaginária e levanta bem as costas.

- 'Tás a gozar, mas aquilo é forte. Mesmo forte. E diferente. Eu sinto-me diferente, mesmo depois de ter tomado...

- Diferente, como?

- Eh pá, não sei bem...assim, mais consciente das coisas.

O Bruno não comentou, e ficaram ambos em silêncio. Talvez a magia dos cogumelos pudesse trazer à realidade algo que percepção usual da mente não alcançava. Mesmo que fosse apenas uma fugidia esperança.

- Atão? Alinhas?

- Meu, já disse que sim – O tom agora era mais sério – O que é que eu tenho de fazer?

- Uh...nada de especial, acho – O amigo revia, mentalmente, o antes e o depois da sua viagem sobre o dorso do cogumelo – Só tirar um dia para esta cena e, de preferência, não comer nesse dia.

- Isso é completamente na boa...eu já mal como, nos dias que correm, portanto – Levanta-se da cama, o que involuntariamente transmite ao Edu que chegara a altura deste se ir embora – Quando?

- Até 6ªF 'tou a bulir lá nas docas – O outro parecia estar a fazer contas de cabeça – Mas no Sábado já dava... Pode ser Sábado?

- Puto, marca aí.

O Bruno já se encaminhava para a porta, seguindo o Edu, que ainda franzia o sobrolho, a ver se não se esquecia de alguma coisa. Já com a porta aberta, e um pé do lado de fora, acabou por se lembrar.

- Ah, ouve. Eu não sei como é que a heroína bate com os cogumelos, portanto será melhor não meteres um par de dias antes, nem depois.

Deixar a heroína era, para o Bruno, como um banquete está para um pobre esfomeado: altamente apetecível, mas irremediavelmente inacessível. Portanto, qualquer espécie de motivo de força maior era bem-vindo, ajudando-o a suportar a falta.

- O que é que pensas, meu? – A expressão do Bruno era agora de uma seriedade mortal – Que eu não quero deixar esta merda?

- Uh...eu não disse isso... - A atrapalhação dele era evidente.

- Eu não consigo deixar esta merda.

O outro estende-lhe a mão, hesitante, na qual o Bruno nem chega a reparar, lançando-lhe um último olhar, pleno de tristeza e desespero, antes de fechar a porta.

Ainda assim, a combinação estava feita, e o Edu regressou no Sábado, com os cogumelos num tupperware. O Bruno estava lívido, mas calmo. Três anos de vício também traziam os seus ensinamentos e, por essa altura, já se familiarizara com um bocadinho de falta. O Edu não o tinha comentado, mas ele tomara a iniciativa de dar uma volta ao quarto, só assim o mínimo para não andaram a tropeçar nas coisas, nem se espetarem sem querer numa agulha. E tinha aberto as janelas. Portanto, até estava relativamente agradável, aproveitando a temperatura amena que ia temperando o espaço.

- 'Tá aqui a cena – Tira da mochila coçada a caixa de plástico com os cogumelos. Abre a tampa à frente do Bruno.

- Ouve, mas essa cena está cheia de terra – O Bruno faz uma careta, mas não esconde um sorriso.

- Uh, claro, passei lá no mano há bocado... São acabadinhos de arrancar - Fecha a tampa e dirige-se para a casa-de-banho – Broa extra, bro – Diz, em tom de brincadeira, sobre o ombro.

Ao voltar, os cogumelos, agora lavados, apresentavam-se mais apresentáveis para serem digeridos, embora ainda inteiros.

- E como é que eu tomo isto? É só pegar neles e comer?

O outro ri-se.

- Como é que achavas que era, meu?

- Pá, não sei...

- Podemos pô-los no arroz, se quiseres... Mas assim dá menos moca – A voz do Edu modula para um tom mais sério – Estão aqui seis gramas de cogumelos frescos. É o suficiente para ires ao outro lado do Universo e voltares.

- E tu, o que é que vais estar a fazer?

O Bruno já trincava um par de manifestações exteriores do micélio, torcendo a boca e o nariz – Ôdasse, ext’a méda xabe mal q’sse fata!...

- Não deve ser pior que o pó, se o lamberes – Ele ia observando o amigo, não sem um certo contentamento – Pá, eu vou só estar por aqui, por perto. Nem que seja para te mostrar onde é a casa-de-banho.

- Hã? – Engole, a custo, a primeira leva – Mas a casa-de-banho é mesmo ali!

- Oh pá, tu espera aí só um bocadinho...

O Bruno lá acaba de engolir o último cogumelo, finalmente, crispando as sobancelhas.

- Atão? E agora?

- Agora, a gente senta-se aqui um bocadinho, enquanto o cogumelo sobe à tua cabeça.

- Sobe à cabeça? Mas não sinto nada...

O Edu riu-se novamente, mostrando uma dentadura incompleta e torta, de alguém cuja família não tinha tido a oportunidade para mandar endireitar os dentes do filho. O Bruno, apesar de provir de uma família mais abastada, não tinha tido, apesar disso, a necessidade de recorrer a aparelhos ou outros artifícios: tinha uma dentadura inteira e com a dimensão adequada à sua boca.

- Meu, isto passa pelo teu corpo todo, antes de subir ao cérebro...não é como meter na veia.

A explicação parecia suficiente ao Bruno, que já se recostava na cama, à espera do efeito.

- Podes meter uma música, se quiseres.

O Bruno não respondeu, mas essa era, definitivamente, uma boa ideia. Estava com alguns sintomas de falta, de facto, mas por outro lado, aquele momento diferente, num dia temperado, a tomar uma droga diferente, trazia-lhe uma certa boa disposição. Ocorreu-lhe que seria bom suavizar a entrada com uma música suave. Pôs uma velha cassete com um álbum duplo de Brian Eno, e recostou-se novamente. Ia ouvindo a música, e a ouvir o Edu a contar coisas da sua trip de cogumelos, mas não lhe estava a prestar muita atenção. Estava mais focado, e deveras mais curioso, em sentir o efeito do que acabara de tomar, e não teve muito que esperar. A primeira coisa que sentiu, passados uns minutos, foi uma forma diferente de ouvir a música. Era como se os tons, e os acordes, escavassem dentro de si, abrindo caminho pelos becos e travessas da mente. De olhos abertos, via as coisas com uma nitidez

pouco usual; de olhos fechados, contemplava as suas memórias como sonhos, sabendo-se acordado. O Edu estava ali ao seu lado, mas, na sua percepção, estava a mil quilómetros de distância. Sentia-se a cair para dentro de si próprio. Viu-se nos braços da sua mãe, frente a uma mama gigante, num conforto que só um bebé poderia sentir. Entrou na pele de si próprio, encarnando o Bruno-criança que brincava com o primo, e que sorria. Aquela sensação de sorriso esticado e de uma felicidade pura. Como se, por um instante, todo o seu corpo sorrisse e se divertisse. Não havia a noção do tempo. Enquanto o Edu o observava, ou ia lá fora fumar um cigarro, ele alucinava. Imaginou-se no corpo da miúda que o fez pagar com o corpo, sentindo-lhe o prazer e o desejo pérfido de o fazer sofrer, ao mesmo tempo. Aí, soltou-lhe a primeira lágrima, enquanto se via a si próprio a fornicar-se, numa excitação vazia de conteúdo. Queria parar as memórias, e aquela imaginação cavalgante, mas não conseguia. Abriu os olhos, a tentar acordar, mas era ainda mais confuso: cada gesto, cada objeto, parecia despertar ligações a si, à sua vida, num movimento imparável. Apercebendo-se da sua inquietação, o amigo trouxe-lhe um copo de água. Sentir aquele líquido a escorrer-lhe pela garganta abaixo foi o suficiente para o atirar para baixo da onda, debaixo da qual, num par de ocasiões, já tinha julgado não conseguir sair. O sufoco, o peso das águas revoltas, a sensação de descontrolo, tudo aflorava ao seu espírito numa sensação hiper-real. Numa tentativa de controlar alguma coisa, enroscou-se, sentado com os joelhos contra o peito, e a cabeça entre os primeiros. Gemia. A certa, pareceu-lhe ouvir o Edu a dizer alguma coisa; como não lhe respondeu, o outro assumiu que tinha fome, e foi à cozinha ver se encontrava alguma coisa. Passados uns minutos, trouxe-lhe um par de torradas. O Bruno olhou para aquilo, lívido, não lhe suscitando o mínimo apetite. Ficou, no entanto, a olhar para o prato e, em particular, para um pequeno pedaço de torrada que tinha ficado queimado. Olhou para o Edu, para o prato, e novamente para o Edu, com uma expressão de doloroso desespero. Este último, invadido pela imediata sensação de que tinha feito algo de errado, começa o movimento de lhe retirar o prato, mas o Bruno, de olhos lacrimejantes, impede-o, puxando o prato mais para si. O outro acabou por perceber que era só para ficar quieto e observar. Entretanto, o Bruno olhava para o canto da torrada, e deixava sair as lágrimas em silêncio. Naquele pedaço de hidrato de carbono, carbonizado, ele via, e sentia, o seu coração. “Este é o meu coração”. Praticamente uma migalha, ressequida, mirrada, reduzido o alimento a uns poucos gramas de matéria orgânica seca e quebradiça. Pegou naquele canto com todo o cuidado e, segurando-o entre as mãos em concha, levou-o à frente do seu peito. Nessa posição chorou, berrou, lamentou e sentiu uma compaixão infinita por aquilo que era, apesar de tudo, o seu coração. A testemunha, ainda no quarto, também se emocionou, pois não era possível outra reação face àquele espetáculo.

O Bruno segurou aquele pedaço de torrada, como se fosse o seu coração, até o efeito passar completamente, já o Edu dormia, enroscado aos pés da cama. Estava estoirado, sentia a cabeça pesada, mas algo novo movia os seus gestos: o desejo de melhorar. Acordou o amigo, agradeceu-lhe e despediu-se dele. Depois disso, só tirou o tempo de ir à casa-de-banho para vazar a bexiga, que estava a rebentar. Deitou-se logo a seguir, exatamente como estava, para uma noite sem sonhos que lhe pareceu apenas um instante, mas que, pelo registo do relógio, terá durado cerca de doze horas. Acordou com uma certa dor de cabeça, mas com imenso apetite. Na cozinha não havia nada de jeito, apenas alguns restos em cima da bancada, frios e com um cheiro que já não inspirava confiança. Dinheiro não tinha muito, mas pegou no pouco que tinha à mão e foi tomar o pequeno almoço ao café mais próximo. Na sua cabeça, recapitulava os momentos da viagem do dia anterior. Sentado à mesa imensoal do café, segurava a torrada que pedira com a mão direita, enquanto a mão esquerda descrevia pequenos círculos sobre o lugar à superfície do seu peito, no interior do qual estava alojado o seu coração. “O que é que eu faço agora?” Fez a pergunta para si, mas não fez questão de responder. Não logo a seguir, pelo menos. Sentia uma leveza curiosa, como se o seu espírito se movesse mais devagar que a sua consciência, obrigando-a a desacelerar. Dentro de si, os sintomas da falta da heroína iam-se empilhando, mas secundarizava-os. Já aquela compaixão que sentira...ocupava espaço, e precisava de se exprimir, de alguma maneira. Acabou de comer a torrada, de beber o galão,

levantou-se, pagou, e saiu para a rua. A luz do Sol parecia-lhe demais, piscava os olhos e franzia a testa, mas estava a gostar da sensação de ser envolvido em luz. Pôs os óculos escuros. Começou a andar, vagueou sem direção. Passava pelos mesmos prédios, pelos mesmos bairros que conhecia, pelas mesmas montras das mesmas lojas, mas, de certa forma, via-os sob uma luz diferente. “Não são as ruas, sou eu”. Apercebeu-se que nada mudara, mas sim a sua perspetiva. Pôs a mão no bolso e encontrou, por acaso, um bilhete de autocarro. Isso deu-lhe a ideia de ir até à praia. Desta vez não iria levar a prancha: olhar para o mar, o céu e a areia seria suficiente. E respirar aquele ar carregado de humidade e sal. Sentia o corpo a contrair-se, com as dores e a falta da heroína, mas era confortável pôr os pés na areia, e molhá-los na água fria. Saber que o organismo podia sentir muita coisa sem a heroína, e que nem tudo era desagradável. Pelo contrário. Começava a desenhar-se, na sua cabeça, a possibilidade...desta vez, a possibilidade real de sair. De abandonar aquela relação tóxica com a heroína. Mas sabia que sozinho não ia conseguir. Portanto, tirou os pés da areia molhada e pôs-se a andar de regresso.

Primeiro, à boleia de um estranho, mas simpático, condutor, que o trouxe para a cidade. Sim, ainda havia gente boa no mundo. Depois, a pé até chegar até à porta do prédio onde moravam os seus pais. Hesitou em frente da porta, no rés-do-chão, antes de se anunciar no intercomunicador. Sentia o peso das memórias que aquele prédio lhe trazia, bem como a vontade de se afastar, talvez para sempre. Despertou-o desse torpor uma velhota que ia a entrar no prédio e o terá visto inclinado contra a parede, com a testa praticamente encostada aos botões. Se estaria tudo bem com ele. Naquela resposta automática, “Desculpe, sim, está tudo bem”, soube que tinha mesmo de subir e resolver a sua vida. Precisamente porque não estava tudo bem, longe disso. Ainda agradeceu à velha, antes de entrar no elevador, que lhe devolveu um olhar preocupado e triste. Para ele serviu de prova, se efetivamente precisasse de uma, de que problemas de saúde e confusão mental não eram, nem nunca seriam, um exclusivo de pessoas de idade.

- Bruno... - A mãe abre-lhe a porta do apartamento, genuinamente surpreendida – Não estava à espera que viesses hoje.

- Nem eu, mãe – As palavras saíam-lhe a custo, mas, uma vez ditas, soaram-lhe bem – Posso entrar?

- Claro que sim. Eu e o teu pai estávamos a jantar.

Deixando a porta aberta, já se encaminhava de volta para a sala, onde os pratos com comida fumegavam. O pai olhava para a televisão, desviando a sua atenção mortíca sobre os anúncios publicitários para a bem mais impactante presença do seu filho na sua sala de jantar. No seu olhar, surpresa e mágoa, sobre um fundo de amor fraternal.

- Queres comer alguma coisa?

- Pode ser – Por uma questão de princípio, não se recusava comida.

A mãe ocupava-se em ir à cozinha buscar mais um prato e talheres, enquanto o pai destapava os tachos para o Bruno tomar conhecimento. Strogonoff com arroz branco. Bem melhor que as latas de atum com pão duro que ia comendo no seu covil.

- Como é que estás? - A mãe, ao voltar da cozinha, pegou no comando e desligou a televisão. Noutra circunstância isso teria irritado o marido, mas tinham o Bruno na sua sala de jantar e, ao contrário de outros tempos, dedicavam-lhe toda a sua atenção.

Afinal, e muito embora o filho fosse um homem feito, eles eram pais dele, e isso não se desfaz facilmente. O Bruno, no entanto, estava nervoso e toldado pela vergonha, pelo que ia apenas mastigando em silêncio.

- A tua irmã não está. Foi estudar para casa de uma colega – A mãe vai tentando desanuviar o ambiente – O curso de medicina dos dentes está a dar cabo dela.

O Bruno para de mastigar e levanta a cabeça, com os olhos marejados de água.

- Tenho saudades dela.

Ambos os pais, à sua frente, enviam, na sua direção, sorrisos tristes. A família, que em tempos pensavam ter constituído, já não existia. A mãe aclarou a garganta, depois de algum tempo a contemplar a tristeza do seu lar, mas Bruno interrompeu-a antes dela começar a falar.

- Mãe, pai – Ele levantou os braços, colocando as mãos na cabeça, como que a certificar-se que a mantinha direita. De seguida, deixou-os cair, ao longo do corpo, expirando – Preciso de me tratar. Preciso... Mas não tenho dinheiro para isso.

Era tudo o que aquele casal precisava de ouvir. De repente, tinham um objetivo, tinham o propósito de ajudar o seu filho a sair do seu buraco negro. Melhor ainda: tinham a oportunidade de participar no processo dele, ajudando-o a preencher aquele vazio com amor incondicional. Já não interessavam as mentiras, nem os roubos: havia uma vida para salvar, apelando ao mais profundo do seu chamamento enquanto médicos, e seres humanos.

Na clínica de reabilitação, puseram-nos ao nível dos factos. Sendo que eram eles a pagar, o médico que coordenava o serviço chamou-os à parte, depois do Bruno ter entrado, com as suas malas e os seus traumas.

- Temos noção de que este procedimento de reabilitação não é barato, o que torna o que vos vou dizer a seguir ainda mais difícil de aceitar – O médico ajusta os óculos sobre o nariz, medindo a sua honestidade face à necessidade de manter a clínica rentável – Mas, e porque acreditamos na integral transparência e honestidade dos nossos serviços, sinto-me na obrigação de vos transmitir: entre quarenta a sessenta por cento dos pacientes recaí, em algum momento futuro, após sair da clínica.

Os pequenos olhos azuis do chefe de serviço oscilavam, rapidamente, do pai do Bruno para a mãe, e vice-versa, à procura de uma reação. Estes remexeram-se nas cadeiras, quase ao mesmo tempo.

- Assim um pouco como lançar uma moeda ao ar – O pai tentava gerir a situação com o humor possível.

- Sim, não, bom: é uma forma de ver as coisas – O homem de bata branca procurava deixar, nos seus colegas de profissão de momento fora de serviço, uma boa impressão, apesar dos números pouco animadores – Mas, por outro lado, qualquer recaída que possa haver, posteriormente, será mais facilmente gerível, pois ficam memórias sentidas do processo de tratamento, logo mais ferramentas ao dispor para o percurso a partir daí. Além disso, e da nossa parte, fazemos uso dos métodos mais atuais e reconhecidos para recondicionar o organismo a reconhecer o seu estado saudável, cruzando conhecimentos de vanguarda em disciplinas como psiquiatria, fisiologia, neurologia e psicologia.

- Bom, enfim, esta é uma clínica de referência nesta área. Isso quer dizer que as outras que haverá por aí conseguirão números tão maus, ou piores que esta – O cenário, de facto, não era animador, mas a mãe do Bruno era uma mulher pragmática – Na verdade, não me parece que possamos escolher melhor.

O médico à sua frente mostrou-lhe um sorriso desconfortável e levantou-se para os encaminhar à porta, despedindo-se cordialmente. Não havia, de facto, muito mais que os pais do Bruno pudessem fazer naquele momento, senão pagar e rezar para que ele saísse de lá com a moeda voltada para a cara ou coroa daqueles que não iriam recair na heroína.

Na clínica, a parte de retirar a heroína do corpo foi relativamente simples. A dor ia-se tolerando, tornada mais suave, em determinados momentos, por um analgésico de espectro alargado. Porque, dizia o psiquiatra, era bom que o corpo sentisse o desconforto da dor, porque esta estava associada à substância e era, em parte, isso que se pretendia: associá-la a algo doloroso. Naturalmente que o psiquiatra da clínica não era pago para torturar os pacientes, mas seria ingênuo pensar que alguém toxicodependente pudesse reabilitar-se sem experienciar qualquer dor. Até a dependência emocional da mente, devido ao prazer associado à toma de heroína, terá sido de gestão relativamente menos desafiante do que é, assumidamente, a questão primordial na toxicodependência: o tratamento do trauma subjacente. Isto porque, como se torna óbvio, não é possível eliminar a vontade de automedicação e consequente recurso a substâncias, sem resolver aquilo que está a gerar as condições em primeiro lugar, para o recurso a essas substâncias. No caso do Bruno, tratava-se de iluminar e preencher, com amor próprio e não-próprio, aquele buraco negro cujo vazio lhe preenchia a vida. Acerca disso, a psicóloga disse-lhe logo: “O seu profundo e completo tratamento irá começar quando sair desta clínica”. Explicou-lhe que apenas aí iria voltar a estar em contacto com os gatilhos e reações automáticas que, devido ao condicionamento imposto pelo trauma, o fariam regressar ao vício. Que o papel deles, ali na clínica, era garantir que os pacientes ganhavam consciência disso, e que continuavam a terapia sob a ou as formas mais indicadas para cada um. E que isso poderia ir desde fazer desporto, continuar a psicoterapia, comer saudável, fazer coisas que dessem prazer, desenvolver relações de amizade e amor, provavelmente uma combinação de todas essas coisas. “E, se calhar, tomar cogumelos de vez em quando”, pensou o Bruno, que só não o disse porque a reação dos técnicos da clínica, quando lhes contou que um dos principais motivos para ter decidido vir tratar-se tinha sido o de ter tomado cogumelos “mágicos”, foi, no mínimo, ambivalente. Por um lado, pareceu-lhe, reconheciam esse papel instrumental em tê-lo trazido à clínica, tanto em seu benefício pessoal como para a contabilidade da empresa que o acolhia. Por outro, mantinham a reserva, logo um certo distanciamento, relativamente a uma substância tornada ilícita pelo governo e sistema de saúde do seu país e que, para eles, caía dentro daquele largo e repugnante saco das “drogas”. Apesar disso, ele sentiu-se bem tratado ali. Foi duro, particularmente aquela parte de ter de partilhar a sua história de dependência na terapia de grupo. Sim, eram pessoas com histórias parecidas, pelo menos naquela parte da toxicodependência, mas ainda assim terá sido preciso enfrentar a vergonha de ter andado num lento processo de autodestruição, por ter o coração destroçado fruto de uma família disfuncional.

Esteve lá três meses. Nas últimas duas semanas, a assistente social pô-lo à procura de uma ocupação para quando saísse. Basicamente, para encontrar um emprego. Ele sabia que ia ter de trabalhar, só não fazia ideia em quê. Ela arranjava-lhe alguma coisa, mas, já agora, que fosse algo com significado para ele ou então, já se sabia, a desistência era quase garantida. Passou os olhos pelas folhas, sem grande convicção. “Pasteleiro” não, “Eletricista” não, “Condutor de autocarro” nem pensar. Também não se imaginava à frente de um computador, num escritório qualquer. Obviamente, não aparecia “prostituto” em lado nenhum, mas também, olhando para si próprio com franqueza, não era uma coisa que o orgulhasse propriamente, além de que já não ia para novo. Estava quase a virar o caderno dos anúncios do avesso, quando reparou em “Massagista”. A experiência da clínica tinha sido positiva. Efetivamente, sentia-se melhor e, em particular, sabia agora o que podia significar ser ajudado, pelo que queria retribuir. Num impulso, apeteceu-lhe terminar a busca por ali, e dizer à assistente social que iria responder, de imediato, àquela solicitação. Admitindo, naturalmente, que aceitariam alguém para receber formação primeiro. Esta pareceu ficar muito contente com a sua opção e dispôs-se, imediatamente, a realizar o contacto. Que era uma pessoa que completara, com sucesso, o processo de reabilitação, e que procurava agora a reintegração social. Que precisaria, no entanto, de formação. Os seus olhos e lábios murcharam, ao ouvir a resposta do outro lado, e o Bruno percebeu logo que, ou não lhes agradava a ideia de terem algum ex-drogado na sua clínica de massagens, ou não davam formação. A assistente social esclareceu que era por não darem formação: precisavam de alguém para começar de imediato. Bom, pelo menos isso. Voltando à folha dos anúncios, agora com ainda menos

entusiasmo, Bruno chega à última página. Aí, é surpreendido com o termo “medicina chinesa”. Era um centro de formação, acreditado, mas que também realizava consultas e tratamentos diversos nessa área. Não sabia nada de medicina, e muito menos da chinesa. Os seus pais eram ambos formados em medicina ocidental e, embora nunca lhes tivesse perguntado, suspeitava fortemente que considerassem aquilo tudo uma “chinesice”. O anúncio não dizia o preço dos cursos, mas garantia a colocação no seu departamento prático, pelo menos na figura de um “estágio garantido”. Também não era como se lhe restassem muitas hipóteses.

Voltou a falar com a assistente social. Esse primeiro contacto, usando o peso institucional da clínica, era importante, aparentemente, para conseguir alguma credibilidade junto dos potenciais empregadores. Em todo o caso, dessa vez, parecia mais bem-disposta ao desligar o telefone. Da clínica da medicina chinesa parecia-lhes bem aceitar um ex-toxicodependente, que isso até lhes emprestava um lado de reintegração social que queriam cultivar; e que a pessoa em causa poderia, desde logo, deslocar-se às suas instalações para consultar os cursos e realizar uma pré-inscrição, sem compromisso. Ficavam logo a conhecer-se e a decisão de entrar, ou não, seria certamente melhor informada. Até aí, excelente. A parte delicada era, obviamente, o facto daquilo não ser propriamente um emprego. Era um curso, provavelmente pago a peso de ouro que, certo, garantia um estágio prático, mas que certamente não seria um emprego para a vida. Por outro lado, estabilidade no emprego era coisa que nunca tinha tido, pelo que essa precariedade era terreno seu conhecido. Mas estava decidido: iria tentar. Para isso só poderia, mais uma vez, virar-se para os pais. Eles estavam muito contentes por ele ter completado o tratamento formal na clínica de reabilitação, mas ainda estavam a recuperar dessa despesa brutal. “Mas tu não podes procurar um emprego? Assim um que comece logo a pagar-te ao fim do mês...e não um que tenhas de pagar durante dez meses?” A mãe ia fazendo perguntas retóricas, para ganhar tempo enquanto fazia contas de cabeça ao rombo que tal ajuda iria representar nas suas poupanças. O Bruno explicou-lhes, aos dois, que não era só “fazer alguma coisa”; que eles, provavelmente, não se imaginavam a fazer outra coisa senão medicina. O pai aí interveio, chamando à atenção para as suas iniciativas de venda de folhados para fora, bem como a sua oficina de pintura de T-shirts, mas quando a mulher o fulminou com o olhar e um sorriso trocista, ele decidiu largar o argumento. Que sim, havia outras possibilidades, claro, como assistente de cangalheiro, mas apenas a de “massagista” e a do estágio em medicina chinesa tinham ressoado alguma coisa em si. Contou-lhes que não o deixavam ir massajar gente sem formação, pelo que a situação da medicina chinesa não era muito diferente, com a exceção de que estes vendiam essa formação.

Para os pais do Bruno, todos aqueles argumentos e justificações seriam para descartar, face ao valor envolvido, não fosse Bruno seu filho. O seu querido e único filho, apesar de tudo. Lá acederam. Era um investimento considerável, e o curso ainda se estendia por quase um ano. Dez meses inteiros em que não ia receber um tostão, e ainda iria transferir o dinheiro dos pais para uma conta que, de chinesa, nada tinha. “Bruno, sabes que te apoiamos. Mas isto, a seguir à clínica de reabilitação, está mesmo no limite da nossa capacidade. Terás de te desenrascar e arranjar dinheiro para te ires aguentando, enquanto a medicina chinesa não começa a pagar contas. Felizmente, “desenrascar” era o seu nome do meio, além de que não perdera completamente aquele charme que o caracterizava, anos antes. Por outro lado, e também felizmente, a dor, o sofrimento, a privação, a vergonha e a fragilidade de ter ido ao fundo do inferno da heroína, conferia-lhe agora uma humildade que nunca tivera. Ocorreu-lhe que talvez se estivesse a transformar num homem, num ser humano que não conhecia nem no qual julgava ser possível tornar-se.

O curso ocupava todas as manhãs nos dias de semana, e a tarde de Sábado, todas as semanas. Portanto, era no resto do tempo que ia fazendo os mais diversos biscates. Entregou pizzas, passeou os cães dos vizinhos, serviu às mesas, distribuiu correio. Noitadas a servir bebidas e a aturar bebedeiras já não dava jeito, pois tinha de acordar cedo, o que lhe custou ao início. Mas a necessidade e o hábito

levaram a melhor. Melhor levava também a sua disposição e destreza física, em particular nas mãos. O professor principal no curso era mesmo chinês, e fazia questão que eles pusessem as mãos na massa, ou seja, uns sobre os outros. A ideia era, não só aprenderem a lógica e filosofia por detrás das técnicas, mas também, e desde logo, identificarem as maleitas uns dos outros. Foi aí, e apenas aí, que se começou a aperceber da quantidade de manifestações traumáticas, vícios, desequilíbrios e bloqueios... num punhado de pessoas aparentemente saudáveis. Era inacreditável. Cada dia que passava o convencia um pouco mais de que era exatamente aquilo que queria fazer. Que precisava de fazer. Aprendeu a massajar, a puxar, a esticar, a espetar agulhas. A usar o vácuo, os óleos, as descargas elétricas, os complementos alimentares. Não era saúde chinesa: era saúde. E todos precisavam de ter saúde. Nunca se sentira tão focado na vida. Foi nesse espírito que conheceu a Lúcia.

- Bruno?

Ele olhou à volta, a ver se encontrava a voz que o tinha chamado. Mas não estava a ser fácil discernir, por entre dezenas de outros colegas que saíam das últimas aulas desse dia.

- Quer dizer, eu sei que sou pequenina, mas não serei invisível.

- Ah, desculpa – Finalmente, depois de dar uma volta completa sobre si próprio, encontrou a dona daquela voz.

- Tens a certeza de que não queres fazer umas aulas de shiatsu?

Ele sorriu-lhe. Não era suposto, pensava ele, sentir-se nervoso na presença dela, mas o facto é que não estava completamente à vontade. Ela, por seu lado, parecia estar muito à vontade na presença dele, mesmo segurando o enorme saco onde guardava as almofadas especiais para a prática do shiatsu.

- Não...quer dizer, sim – Afastavam-se, ambos, da entrada do corredor, para não ficarem no caminho dos restantes colegas, garantindo, no entanto, que ficavam no caminho um do outro – Não posso, não dá. Até gostava, a sério, mas confesso que não tenho coragem para pedir mais aos meus pais, que são quem me está a financiar este curso.

- E não há vergonha nenhuma nisso, certo?

- Bom, quer dizer... - O Bruno não conseguia decidir se falava com ela ali, se lhe sugeria para irem para outro lado, ou se inventava uma desculpa qualquer para se ir embora.

- Queres ir lá abaixo ao café, e falávamos mais um bocadinho?

Para seu alívio, a Lúcia tomava a dianteira. No estado em que se encontrava, também, não se sentia assim tão confiante, nem o charme de outrora lhe parecia fazer muito sentido. Porque ele agora sabia que não queria, e que não ia, usar as suas capacidades para se aproveitar dela de alguma forma. Portanto, acedeu com a cabeça e acompanhou-a, escadas abaixo, em direção ao café do outro lado da rua.

- No outro dia, não sei se reparaste, mas fui a uma aula vossa – A Lúcia, sentada à mesa do café, por seu lado, comportava-se na confiança de que ele não lhe iria escapar – E reparei que estavas, sei lá, tão compenetrado, tão presente na tua massagem... Que só pensava em mostrar-te o shiatsu.

- Mostrar-me o shiatsu?

A Lúcia terá tomado consciência, de repente, de que estava a ir depressa demais.

- Er, sim... Porque pensei, e penso, que tens jeito, e que ias gostar de aprender uma forma diferente de tocar – Essa consciência, no entanto, não terá surgido como um obstáculo face ao que ela já sabia que

queria – Além disso, e não sei se reparaste também, és o único rapaz no teu curso, e isso parece-me, sei lá, especial...

- Eh, eh, nesse dia, logo por azar, o Júlio não veio.

- O Júlio?

- O outro único rapaz no meu curso – Riram-se – Portanto, como vês, não sou assim tão especial.

Mas Lúcia não concordava, e não descansou enquanto não lho mostrou, na carne, o que é que isso queria realmente dizer para ela. Mas teve de batalhar, e de realmente se aplicar com essa intenção, porque o Bruno estava marcado pelos estragos causados pela relação com a surfista, uns anos antes. E por anos de prostituição. Ele fazia os possíveis para manter escondidos dela esses aspetos dos quais não se orgulhava. Já lhe confessara a parte da toxicodependência, o que não lhe pareceu propriamente pouco, tendo em conta que só namoravam há quatro meses. Até que a Lúcia atingiu um limite.

- Não...não, não pode ser. Não!

E parou de se mexer. Eles estavam a fazer amor, com ela sentada em cima dele, por sua vez deitado sobre a sua cama, no seu quarto do anexo.

- O que é que foi?

Ele pergunta, na ingenuidade de quem não tinha a mínima consciência do que se estava a passar.

- O que foi?? – O prazer físico de uns minutos antes transformara-se numa repulsa emocional. Ela levanta-se, irritada, embora prossiga para se deitar ao lado dele, puxando os lençóis para cima – O que foi? Foi que tu pareces estar aí...pareces, só, porque onde tu estás mesmo eu não sei. E isso está a deixar-me maluca.

- Como assim?... Eu estou aqui – Agora, estava verdadeiramente confuso – Onde é que eu haveria de estar?

- Como assim, pergunto eu! Tu não reparas, como estás ausente? – Deitada de lado, enroscada sobre si mesma, olha para ele com os olhos muito abertos – Pensas que eu sou o quê? Uma boneca? Que estamos aqui só a foder?

Voltou-se de lado para ela, também enroscado por debaixo dos lençóis, e devolveu-lhe o olhar, a tentar perceber. Viu-lhe a irritação, o início de um desespero que, de repente, o fez lembrar do seu próprio. Ela estava a ficar assim porque não se conseguia ligar emocionalmente a ele. Foi aí que lhe caiu a ficha. O seu coração, pequeno, mirrado e carbonizado, precisava desesperadamente de se abrir, e de se conectar a algo. A ela, que era quem tinha pela frente. À vida.

O Bruno gostava da Lúcia, mas aquele desconforto que sentira, quando a conheceu pela primeira vez, nunca desaparecera por completo. Às vezes sentia que seguia as linhas pré-escritas de um guião. Vamos sair com uns amigos? Vamos. Queres fazer amor? Quero. Que tal se morássemos juntos? Está bem. Não estava triste nem se sentia inseguro, simplesmente aquela vida parecia ter vida própria, e ele limitava-se a segui-la. Estava a acabar o curso de medicina chinesa, e ela o de contabilidade. Ela nunca lhe ocultara que o shiatsu era um interesse seu, era uma vontade bonita e um desejo de ajudar os outros, mas nunca lhe passara pela cabeça fazer daquilo, vida. Dava umas massagens de vez em quando, e isso bastava-lhe. De resto, as finanças deles pareciam estar a equilibrar-se, com ela a entrar no gabinete de contabilidade, e ele no consultório de medicina chinesa. Aparte das massagens e das medicinas orientais, eles constituíam um casal típico português de classe média, aculturado e de brandos costumes. As famílias de ambos pareciam aprovar e, quando nasceu o primeiro rebento, até

beberete houve, com muitos sorrisos e algumas lágrimas. O bebé era tão fofo, tão querido, tão obviamente perfeito como só os bebés humanos podem ser, para os restantes seres humanos com mais anos de vida e pecados no cartório. Para Bruno, no entanto, tudo aquilo era perfeito demais. Tudo tão como deveria ser, naquele canto do mundo, com aquelas pessoas, naquele momento do tempo. Mas ele via essas restantes pessoas tão felizes, que descartou o seu próprio desconforto: ele é que teria algum problema, certamente. No entanto, atenção, ele amava muito aquele rebento, muito embora não se sentisse cem por cento pai. Às vezes sentia o olhar de Lúcia sobre ele, inquisidor e exigente, mas ele mantinha-se à distância com um “Oh, isto é tudo muito novo para mim”. E ela desculpava-o porque ele era homem, porque ela era a mãe, e porque, secretamente, já desejava outro filho. Segredo que não manteve durante muito tempo, pois ele começou a ouvir, de variadíssimos lados, aquelas frases que só lhe soavam cada vez mais irritantes: “Então, quando é que vem o segundo?”, ou “Isso com um maninho, ou maninha, é que era, para equilibrar”, ou até “Não marcas aí mais um para o país de Gales?”. Uma pressão para procriar que não entendia, já que era evidente que a população estava a aumentar. Era a tal vida, que parecia envolvê-lo, e levá-lo na corrente. Que o certo era ele ser pai, e pai de pelo menos duas crianças, parecia ser essa a regra. Para ele, já era confuso fazer de pai de uma criança, quanto mais de duas. As fraldas, as papas, as sextas e as noites, mais os choros e as cólicas. Gostava muito do puto, mas aquilo não era natural para ele, e a Lúcia via isso perfeitamente. Mas esta estava a viver o sonho da maternidade, e já só pensava em ficar grávida outra vez. Era uma forma de cegueira como qualquer outra. “Tu não queres ter outro filho?” Por estas e outras palavras ele ia sendo empurrado para esse momento que via como inevitável, porque, também ele, sentia a força de inércia de toda uma sociedade. Que ele, para pertencer, tinha de o fazer. Porque a vida era assim. Acreditando nisso, por uns instantes, acedeu. “Tu, se calhar, até já estás grávida”, disse-lhe, a rir.

Soube-lhe bem, esses meses de auto decepção, a empurrar o carrinho e a segurar a mão de Lúcia, que segurava mais um feto no seu ventre. Subiam, como um balão de ar quente, rumo às alturas da família perfeita, com os avós perfeitos, a viver na casa perfeita. Até que a altura se tornou demasiada, e o Bruno teve mesmo de descer à Terra. O ar cá em baixo era mais poluído, garantidamente, mas lá em cima era quase inexistente. Portanto, não lhe restava opção: ou vivia a sua vida, ou os filhos iriam encontrá-lo, um desses dias, morto no quarto com uma overdose. A Lúcia não chegou a entender, mas ele não conseguiu explicar-lhe melhor. Claro que continuaria a ser pai dos miúdos, dentro das suas possibilidades, mas não conseguia manter aquela fachada durante mais tempo. Ele, simplesmente, não estava talhado para ser pai de família. O seu coração era demasiado rebelde, e as suas feridas demasiado profundas. Conseguiu desiludir toda a gente, mantendo-se fiel a ele próprio. Mas era preferível isso do que manter um desengano que, sabia-o, o ia conduzir de volta à heroína. Eles iam entender, com o tempo. Ou não. Mas pouco importava, porque sabia que os miúdos gostavam dele. “Gosto de ti, papá”, era tudo o que precisava de ouvir, e sentir que a vida valia a pena. E a família ia ajudando; ele sabia que tinha muita sorte. Passados mais três anos, com as coisas, finalmente, a estabilizar, já era possível voltar a sentar-se com a mãe, à mesa da sala de jantar.

- Ficas com os miúdos até quando?

A senhora, apesar da semana passada em férias, estava com um ar cansado.

- Até quinta-feira – O Bruno, por seu lado, parecia descansado e fresco.

- Não costumas ficar com eles tanto tempo. Aguentas-te?

- Sim, é tranquilo. Tirei uns dias do consultório – la remexendo, distraidamente, a colher na chávena de café, fumegante.

Os miúdos, que ele iria levar para a sua casa, daí a pouco, estavam a brincar no seu antigo quarto, coisa que adoravam, pelo que lhes concediam, de momento, alguns instantes de sossego.

- O teu primo Daniel esteve lá com os miúdos, não sei se já te tinha dito – Havia um olhar trespassado de tristeza, que a mãe do Bruno ainda não tinha conseguido processar inteiramente, após ter assistido à queda do que, para ela, seria a família perfeita.

- Sim, tinhas dito.

A referência ao primo não o inquietava, embora percebesse, pelo tom da mãe, que essa referência era, na verdade, direcionada a si. Se pelo menos ele fosse como o Daniel, ou algo do género.

- Os miúdos adoraram-no.

- Ainda bem. Fico feliz por isso – E não havia ironia na sua voz – A sério que fico. Olha, mãe: não o invejo. Embora, se calhar, possas achar que devia. Ele faz as cenas dele, eu faço as minhas. E está tudo bem – Bebeu o resto do café de um trago, pausando a seguir, enquanto a mãe limpava, discretamente, uma lágrima que teimava em escorrer pelo canto do seu olho – Ainda me lembro do que me disseste, um dia. Que eu não era normal. Eu tentei, sabes? Houve uma altura em que quis muito, mesmo muito, encaixar-me e fazer o que toda a gente queria que eu fizesse. Mas essa fase não durou muito, nem podia durar, e a prova é que ainda aqui estou. Se calhar tinhas razão: eu não sou mesmo normal. Mas é essa anormalidade que me mantém vivo, e a ajudar os outros, em vez de andar a bater com a cabeça na parede ou a chutar cavalo.

Subitamente, algo o fez sorrir, o que pareceu contagiar a sua mãe com algum ânimo.

- E, tenho a certeza, os meu putos irão, um dia, agradecer-me por isso.